Alargamento do campo militar de Alcochete

UM "TIRO" CONTRA A RESERVA DO TEJO

pág. 7

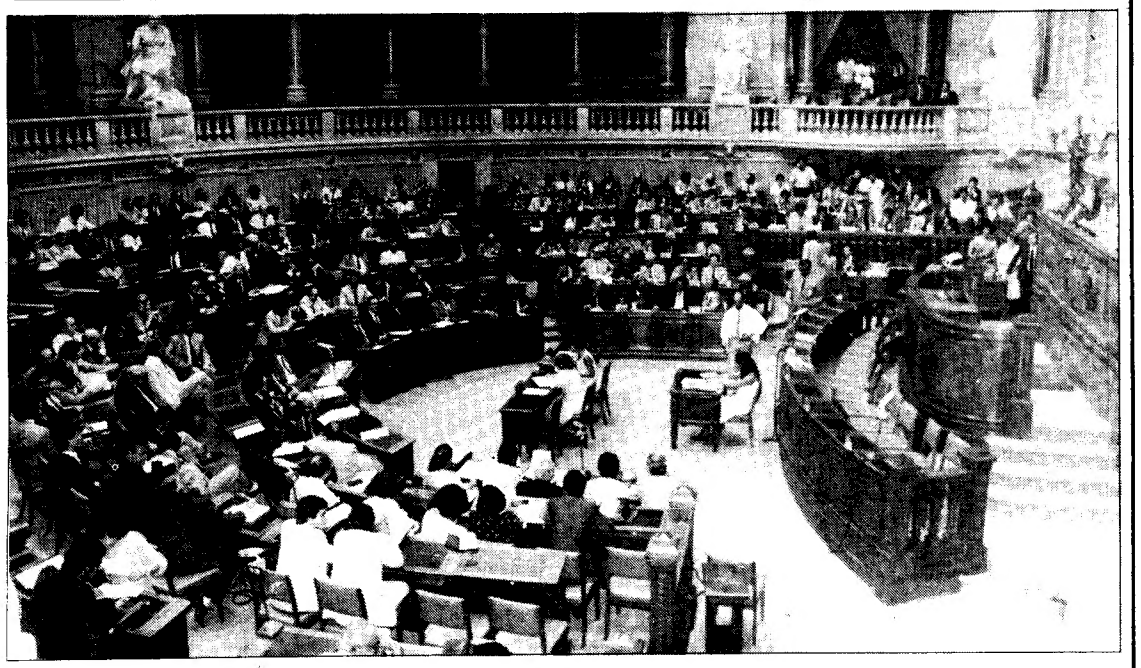
Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 437 Quinta-feira, 13 de Agosto de 1987 Preço 45$00

Moçambique: Renamo ataca em Gaza e Inhambane

Pág. 12

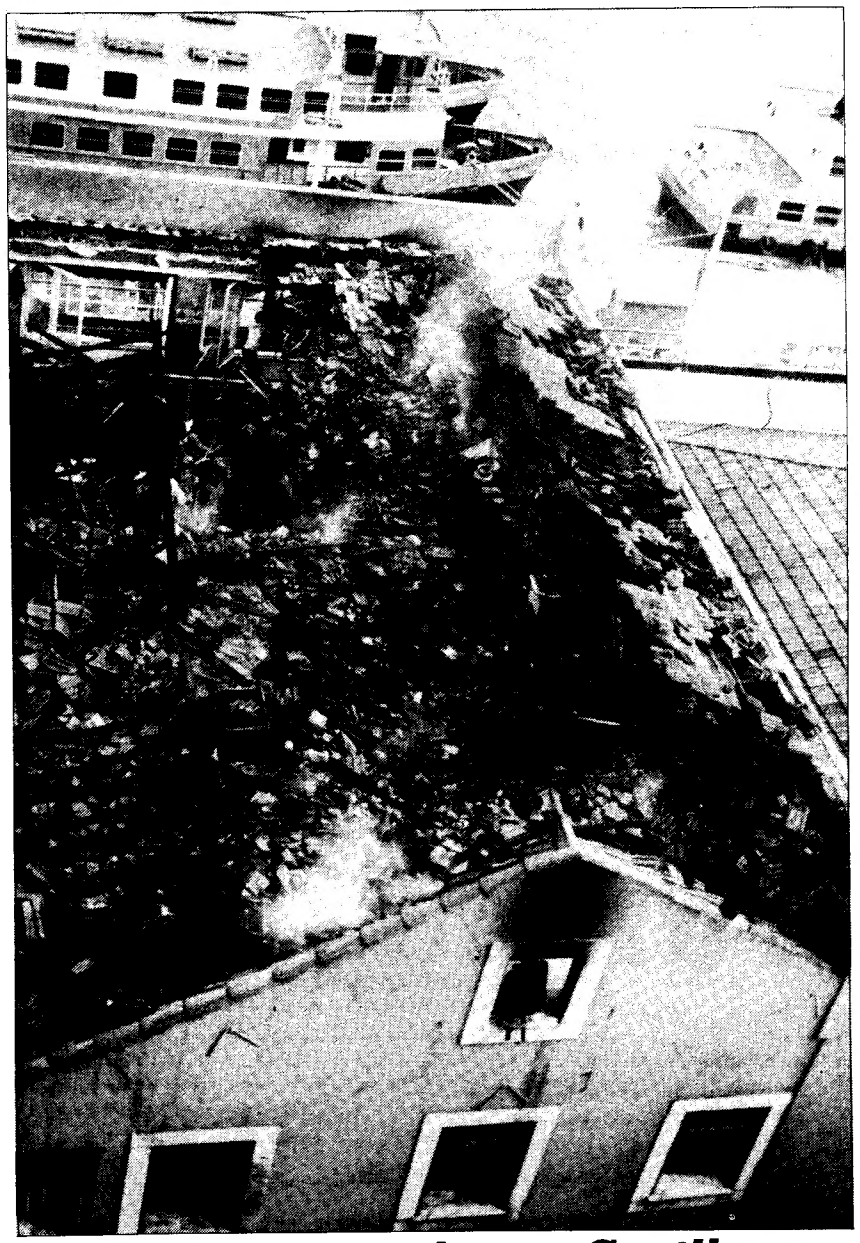
PARLAMENTO REABRIU



Caras em estreia, caras repetidas e uma grande mancha "laranja"

Foi António Capucho, na sua qualidade de líder da bancada do PSD, quem abriu esta manhã, a primeira sessão da V legislatura convidando Fernando Amaral, o ex-Presidente da Assembleia da República, até à eleição da nova mesa, a presidir à sessão. Impressiona, no hemiciclo, a enorme mancha «laranja» que se estende por grande parte da sala de sessões. Mas há regressos que já hoje ocuparam os seus lugares: Natália Correia, agora na bancada do PRD; Helena Roseta na do PS; Carlos Macedo, que continua no PSD.

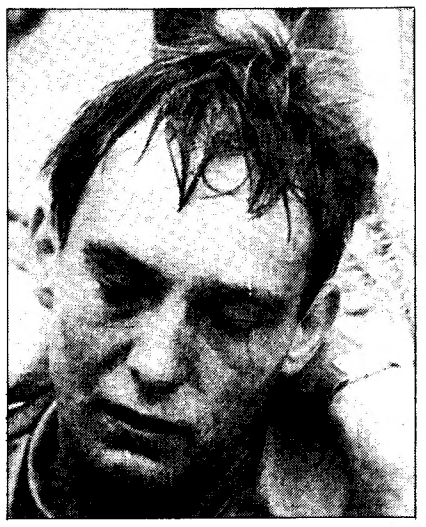
Pág. 5



Incêndio esta manhã em Cacilhas

Ardeu o "Grande Elias"

Pág. 9



Cayn Theakston caiu e abandonou

Fatalismo parece ser o desleal companheiro do inglês Theakston. Foi esta manhã, próximo de Cabeceiras de Basto, que o jovem inglês voltou a tombar no asfalto sendo transportado para o hospital. E lá se foi a «amarela»...

O «DL» NA VOLTA A PORTUGAL COM O PATROCÍNIO DE TINTAS DYRUP

PRETÓRIA: A DÍVIDA EXTERNA

Richard Lapper e Josh Martin
Exclusivo EFE/«DL»

O Barclays Bank, que no passado ano vendeu o South African National Bank, seu subsidiário, é ainda alvo das críticas dos defensores *anti-apartheid* no Reino Unido, pela sua participação num acordo controverso com o governo sul-africano. O acordo prolonga uma moratória parcial anunciada por Pretória em Setembro de 85 depois de os bancos recusarem continuar a conceder empréstimos a curto prazo receosos da instabilidade política.

No princípio do ano passado, o governo chegou a um acordo provisório com um comité de doze bancos credores — o chamado comité técnico que representa mais de duzentos pequenos credores — para pagamento de cerca de 500 milhões de dólares de uma dívida externa que ascendia a 24 biliões de dólares em 1986.

Com a aproximação do termo do acordo em Junho deste ano, Pretória procurou conseguir um novo acordo com um maior prazo e a 24 de Março, o líder das negociações Chris Stahls apresentou ao comité técnico, propostas para um alargamento de três anos ao acordo existente.

O acordo assinado no Strand Palace Hotel em Londres não exigiu grande discussão e determina o pagamento pela África do Sul de 1,42 biliões de dólare sem dívida.

Segundo os bancos, a proposta foi um autêntico ultimato, feito numa base de pegar ou largar, e eles não tiveram outra opção se não aceitar. A África do Sul está ainda excluída dos mercados internacionais de capital.

No entanto, os críticos afirmam que a imposição unilateral foi precedida por negociações intensivas durante a visita dos funcionários sul-africanos a Londres, no princípio deste ano. Segundo esta versão, enquanto os bancos americanos se dispuseram a não aceitar qualquer proposta sul-africana, os bancos suíços estavam preparados para elaborar um novo acordo. Os bancos britânicos envolvidos — entre eles o Barclays — anunciaram que aceitariam uma extensão de três anos ao presente acordo interino.

Os oponentes ao *apartheid* não discutiram em nenhum dos acontecimentos, podendo ter sido feita uma maior pressão sobre Pretória incluindo as reformas políticas no pacote. Alguns dos defensores *anti-apartheid* defendem que isto é uma prova de contínua colaboração entre o Barclays e a África do Sul, e como tal, estão a pressionar o Movimento *Anti-Apartheid* para manter o seu boicote ao banco.

Do ponto de vista dos bancos o acordo faz sentido. Para o Barclays por exemplo, ao qual a África do Sul deve mais de 1 bilião de dólares, é talvez a única maneira de conseguir o dinheiro.

Os banqueiros assinalam que, contrariamente aos grandes devedores da América Latina, a África do Sul está pelo menos a pagar parte daquilo que deve. Enquanto isso os *anti-apartheid* planeiam o modo de pressionar um outro banco que lida com a África do Sul, o Standard Chartered seu maior credor ao qual este país deve 1,2 biliões de dólares.

SIDA: a peste do século XX

A atitude europeia

Juan Ramón de la Cruz
Exclusivo EFE/«DL»

As novas atitudes sexuais, motivadas pelo aparecimento da SIDA, estão já a ser objecto de humor, um humor às vezes algo macabro. Assim entre os homossexuais britânicos circula a seguinte definição de um doente com SIDA: «Um romântico incurável.»

O humorista norte-americano Art Buchwald, o qual conta meio século de brincadeiras com todos os seres vivos, não podia ignorar o HIV. Num artigo publicado recentemente intitulado «Hollywood recusa o sexo», Art afirma seriamente, que com medo da SIDA, já ninguém faz amor nos Estados Unidos e qualifica esta situação como o «celibato californiano».

A reacção dos europeus ante o aumento da SIDA no seu continente tem sido muito diversificada. No mundo germânico, Suíça e Alemanha Federal, é onde prevaleceram as atitudes mais autoritárias. No estado alemão da Baviera, feudo do cristão-democrata, Strauss, foi declarado obrigatório o teste de anti-corpos para certos grupos, incluindo as prostitutas, presos e alguns estrangeiros que queiram ficar a residir na Baviera. Proibiram-se os banhos públicos de homossexuais e chegou-se a propor um registo a nível nacional de todos os afectados pelo HIV, proposta que foi recusada pelo governo federal.

Nos princípios de Março de 1987, estavam registados em toda a Europa cerca de 4 000 doentes com SIDA, uma fracção dos 51 000 doentes registados neste momento nos Estados Unidos. Contudo, o número de doentes duplica de dez em dez meses. Nos países membros da Comunidade, estavam registados 232 casos nos finais de 1983. Em finais de 1986, o número havia subido para 3 354. Não se deve atribuir este aumento exclusivamente à aceleração do contágio, mas sim à medida que se expandem os conhecimentos e os estudos sobre a doença entram nesse diagnóstico, outros casos que estavam diagnosticados como sendo diferentes doenças.

Tolerância holandesa

As atitudes europeias em relação ao tema têm os seus matizes mais compreensivos e mais tolerantes na Holanda, o pólo oposto da Alemanha. Nas ruas de Amesterdão, por exemplo, podem-se ver autocarros que, cumprindo um programa estatal distribuem metadona, o substituto relativamente inócuo da heroína, aos drogados, juntamente com seringas hipodérmicas grátis. Para completar o serviço, o autocarro leva também uma máquina distribuidora de preservativos. Pelo contrário, em França, era necessário, até há pouco tempo, uma receita médica para comprar uma seringa numa farmácia. Um plano provisório que acaba de ser posto em prática permite a venda de seringas sem receita.

Existe uma divisão de opiniões entre os países europeus no que diz respeito às seringas, embora todo o mundo esteja de acordo que o uso de seringas não esterilizadas por muitos drogados é uma das principais fontes de contágio. Por outro lado, há países, como a Itália, com uma percentagem de drogados com SIDA perto da média europeia e, neste país, a venda de seringas foi sempre livre. Na Grã-Bretanha, abriram-se uma série de centros especiais onde se trocam as seringas usadas por novas, e se dão conselhos a quem os pede. Inclusivamente, na compreensiva Holanda, a percentagem de drogados infectados é de 30%, mais ou menos como na restritiva França.

O problema suíço

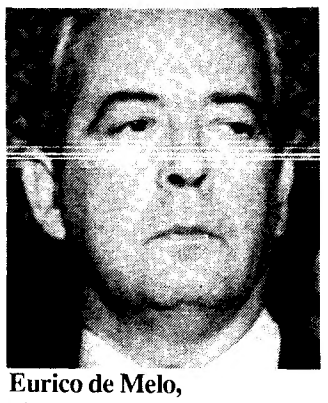
Para muitos pode ser surpreendente a situação na Suíça, país que sempre manteve uma imagem de limpeza extrema. Contudo, existem no país mais de 20 000 portadores de HIV, talvez a percentagem mais elevada da Europa. Isto explica-se se soubermos que estão registados na Suíça, cerca de 100 000 homossexuais e uns 30 000 drogados. A Associação Suíça contra a SIDA é talvez a mais activa da Europa. Tem delegações em quase todas as cidades do país, distribui panfletos em todos os domicílios e criou um novo modelo de preservativo, o qual é distribuído nos locais de reunião dos homossexuais.

Em geral, observa-se na Europa uma variação entre o Norte e o Sul. É evidente que o contágio está em todos os lados, e em dois grupos de alto risco: os homossexuais e os drogados. Mas, no Norte há mais dos primeiros e vice-versa. Existem, nos dois lados, iniciativas para evitar o contágio por ignorância. «Não morras de ignorância» é o lema da campanha anti-SIDA mais importante da Europa, a inglesa.

Rock Hudson, na juventude: foi a sua morte que trouxe mais publicidade sobre o «mal do século»

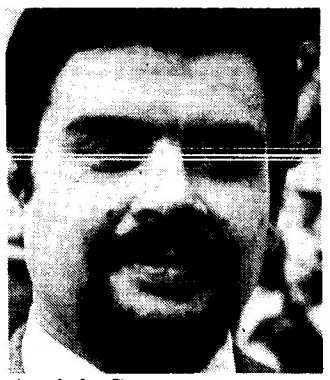
O governo francês estuda uma proposta de estabelecer a obrigatoriedade do teste anticorpos para todos os casais que se queiram casar, do mesmo modo que já são mandatárias as provas de doenças venéreas e do factor Rhesus. Na Suécia e na Alemanha Federal, certos círculos, aparentemente nostálgicos dos bons tempos, pediram que todos os portadores do vírus fossem tatuados, a fim de poderem ser identificados no momento de fazer amor.

Cavaco Silva, *primeiro-ministro, 48 anos*



Eurico de Melo, *vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa, 62 anos*

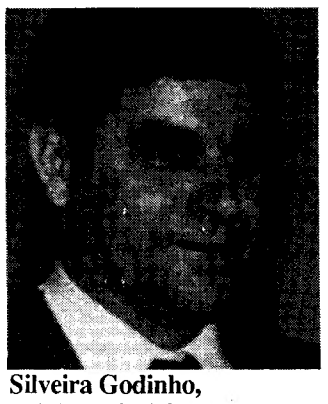
Fernando Nogueira, *ministro da Presidência e da Justiça, 37 anos*



António Capucho, *ministro para os Assuntos Parlamentares, 42 anos*

Miguel Cadilhe, *ministro das Finanças, 42 anos*

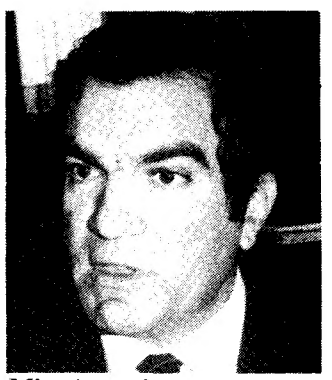
Valente de Oliveira, *ministro do Plano e Administração do Território, 50 anos*



Silveira Godinho, *ministro da Administração Interna, 44 anos*

João de Deus Pinheiro, *ministro dos Negócios Estrangeiros, 42 anos*

Álvaro Barreto, *ministro da Agricultura, Pescas e Alimentação, 51 anos*



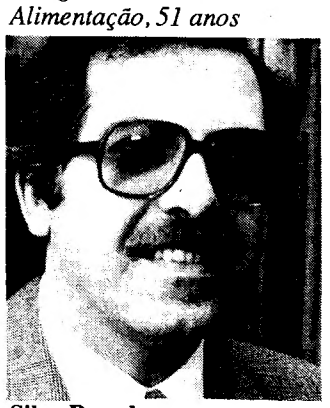
Mira Amaral. *ministro da Industria e Energia, 41 anos*

Roberto Carneiro, *ministro da Educação, 40 anos*

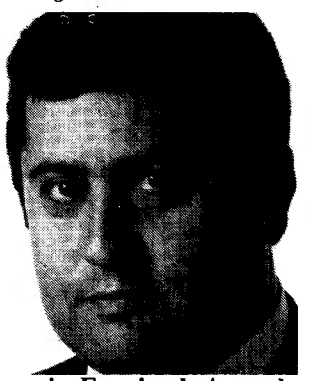
Fernando Couto dos Santos, *ministro adjunto e da Juventude, 30 anos*

Oliveira Martins, *ministro das Obras Oúblicas e Comunicações, 53 anos*

Leonor Beleza, *ministra da Saúde, 38 anos*



Silva Peneda, *ministro do Emprego e Segurança Social, 37 anos*



Joaquim Ferreira do Amaral, *ministro do Comércio e Turismo, 42 anos*

Marques Mendes, *secretário de Estado da Presidência do Conselho, 29 anos*

Composição do Governo revelada oficialmente

A SURPRESA DE CAVACO FOI A CRIAÇÃO DO MINISTÉRIO PARA A JUVENTUDE

Cavaco Silva reservou uma surpresa para a revelação final do seu elenco governativo: a criação de um ministério para a Juventude ao qual ascende o ex-secretário de Estado para o sector, Couto dos Santos. Para os jovens se dirigiu o grosso das promessas eleitorais do Primeiro Ministro que parece assim manifestar a sua intenção de não descurar os problemas de uma faixa da população que, por seu lado, lhe não tem negado apoio desde que assumiu funções governativas.

O Conselho de Ministros vai voltar à Gomes Teixeira

Outra novidade na estrutura do Governo agora divulgada é a acumulação de dois ministérios — da Presidência e da Justiça — por parte de Fernando Nogueira. Como o «DL» revelou em primeira mão, Eurico de Melo é promovido a vice-Primeiro Ministro, cargo que acumula com a tutela da Defesa.

É o seguinte o restante elenco ministerial: Assuntos Parlamentares, António Capucho; Finanças, Miguel Cadilhe; Planeamento e Administração do Território, Valente de Oliveira; Administração Interna, Silveira Godinho; Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro; Agricultura e Pescas, Álvaro Barreto; Indústria e Energia, Mira Amaral; Educação, Roberto Carneiro; Obras Públicas e Comunicações, Oliveira Martins; Saúde, Leonor Beleza; Emprego e Segurança Social, Silva Peneda; Comércio e Turismo, Joaquim Ferreira do Amaral.

Entretanto ontem, após a sua indigitação como Primeiro Ministro, Cavaco Silva apresentou ao Presidente da República a lista do seu Governo não incluindo ainda os nomes dos secretários de Estado. No entanto, segundo revelou aos jornalistas, metade serão novos e quatro dos que integravam o anterior Governo mudam de pasta.

O Chefe do Governo considerou a sua nova equipa «em condições para fazer face aos desafios que enfrentamos hoje» e chamou a atenção para as alterações efectuadas na estrutura do Executivo.

Prevê-se que o novo Governo tome posse no próximo dia 17, enquanto os secretários de Estado, segundo o «DL» apurou, deverão ser empossados em meados da próxima semana.

Novo Governo reuniu-se ontem

Uma primeira reunião, «informal», do novo elenco ministerial ocorreu já ontem à tarde na Presidência do Conselho de Ministros, à Gomes Teixeira. De acordo com uma fonte contactada pelo «DL» durou uma hora este primeiro contacto, tempo que foi ocupado em grande parte com pormenores relativos «à instalação dos novos titulares em função da nova orgânica do Governo».

A definição de competências dos ministros será agora objecto de uma Lei Orgânica do Governo que estabelece também protocolos, precedências, etc, em função do lugar que cada um ocupar na respectiva hierarquia.

Segundo apuramos ainda a maior parte da reuniões do Conselho de Ministros passará a realizar-se na Gomes Teixeira tanto mais que S. Bento está em obras.

Equipa de Melancia entrou em acção

Com a publicação na folha oficial de Macau das portarias que definem as competências atribuídas pelo novo Governador, Carlos Melancia, aos secretários–adjuntos do Executivo, Galhardo Simões, Rocha Cabral e António Vitorino, cessaram, desde ontem, as funções de Carlos Monjardino e Carvalho Dias, ex–responsáveis dos pelouros de Economia e Turismo e Obras Públicas e Habitação, respectivamente.

António Vitorino é o único membro do Executivo macaense que transita do Gabinete do anterior Governador, Pinto Machado, mantendo a tutela da Administração.

Galhardo Simões sucede a Carlos Monjardino(principal inspirador da criação da Fundação Oriente, cuja presidência deverá assumir) nas áreas de economia, finanças e turismo e ainda nas questões de trabalho, cabendo a Rocha Cabral a pasta das obras públicas e habitação.

Rocha Cabral assumirá ainda, por inerência, a tutela da «Comissão de Terras», um grupo luso–chinês a constituír depois da entrada em vigor da declaração conjunta sobre Macau e que tem por objectivo definir a política de concessão de terras.

Carlos Melancia, que na sua primeira intervenção em Macau referiu a intenção de acabar com o funcionamento colegial do Executivo e de assumir directamente a responsabilidade plena das suas funções, manterá ainda as competências relativas à Educação e Assuntos Sociais, que na anterior equipa cabiam aos secretários adjuntos Mário Cordeiro e Nuno Delerue.

DL

NO ALGARVE

LOCAIS DE *VENDA SAZONAL* EM AGOSTO E SETEMBRO

O **"Diário de Lisboa"** está à venda no Algarve em cerca de **200 postos habituais,** que o recebem durante todo o ano.

A relação a seguir indicada refere **apenas** postos de venda sazonal (entre Junho e Setembro) que devem ser acrescentados aos postos de venda habituais.

Praia da Salema	– Quiosque Salema – Junto à Praia
Praia da Luz	– Botique Capricho – Rua da Praia
Praia da Luz	– Tab. Valverde – Parque de Campismo
Lagos	– Parque de Campismo – Estr. de Porto de Mós
Alvor	– Apartamentos Torralta – Torre C
Alvor	– Tab. El-Rei – Rua Marquês de Pombal, 3-A
Alvor	– Barroqueiro & Barroqueiro – Rua Dr. António José Almeida, 4
Ferragudo	– Francisco A.R. Ferreira – Parque de Campismo
Ferragudo	– Maria Vieira B. Reis – Rua Vasco da Gama, 40
Ferragudo	– Pap. Papiro – Rua da Hortinha, 20
Estômbar	– José Francisco Alcaide – Rua D. Paio Peres Correia, 2
Praia do Carvoeiro	– Artes-Artesanato Carvoeiro – Rampa N.ª Sr.ª Conceição
Praia do Carvoeiro	– Casa Globo – Rua do Barranco
Armação de Pêra	– Tab. Parque de Campismo
Areias de S. João	– Tab. Oura
Areias de S. João	– Galeria Ivette
Areias de S. João	– Artesanato Tamariz – Casa 26
Areias de S. João	– Santa Eulália-Supermercado – Estrada de Santa Eulália
Praia da Oura	– Helena Maria Fagulha – Edifício Oura r/c F
Praia da Oura	– Tab. Pap. Il Laccio – Edifício Oura Praia, Loja 8
Olhos D'Água	– Lilas Shop – Apartamentos Bela Vista, Bloco 1, Letra G
Montechoro	– Tab. Pap. Quiosque Alibábá – Av. Francisco Sá Carneiro
Montechoro	– Boutique Pepa – Hotel Montechoro
Montechoro	– Barateiro de Vila Magna – Centro Com. Vila Magna, Loja 62
Açoteias	– Tab. O Parque – Estrada acesso Aldeia das Açoteias
Açoteias	– Tab. Açoteias – Aldeia das Açoteias
Quarteira	– Raul Fernando C. Represas – Parque de Campismo Orbitur
Quarteira	– Quiosque Ele e Ela – Av. Infante de Sagres
Quarteira	– Quiosque Mateus – Av. Infante de Sagres
Quarteira	– Liv. Tab. Beira Mar – Centro Com. Avenida Mar, Loja 5
Vila Moura	– Tab. Triana – Pavilhão das Pirâmides, Loja 1
Vila Moura	– Supermercado Aldeia do Mar – Aldeia do Mar
Vila Moura	– Tab. Vilamoura – Lote 1-A, E/5 – Loja 9
Vila Moura	– Centro Comercial Marina, Lojas 28-29
Vila Moura	– Quiosque Posto 2 – Junto Bombas Galp
Ilha de Faro	– Quiosque Bertrand – Praia de Faro
Pedras Del Rei	– Maria de Fátima F. Raposo – Aldeamento Pedras Del Rei
Cabanas de Tavira	– Papelaria Aladino – Rua Mouzinho de Albuquerque, 2
Altura	– Tab. Netel – Largo do Mercado Municipal
Alagoa-Altura	– Quiosque Ana Cristina – Estrada Alagoa
Vila Nova Cacela	– Pap. Guta
Praia da Manta Rota	– O Bazar
Praia Verde	– João Marta Mateus "Quiosque" – Parque de Campismo Praia Verde
Pinhal do Gancho	– Alexandre Maria C.B. Santos – Aldeamento Retur
Monte Gordo	– António Fernando B. Oliveira – Parque de Campismo
V. Real St.° António	– Quiosque S. Luís II – Av. Ministro Duarte Pacheco
V. Real St.° António	– Quiosque Guadiana – Av. da República

Lisboa, 28 de Julho de 1987

SERVIÇOS COMERCIAIS

Posse dada por Rocha Vieira não conta?

GOVERNO DE MOTA AMARAL REPETE POSSE DE SECRETÁRIO

O PS açoriano criticou ontem, em Ponta Delgada, a «dupla tomada de posse» do novo secretário regional das Finanças, Raúl Santos, considerando-a «grotesca comédia» destinada a atingir a própria soberania nacional.

Tal interpretação dos socialistas açorianos deve–se ao facto de Raúl Santos, depois de empossado no seu cargo, em Angra do Heroísmo, pelo Ministro da República, general Rocha Vieira, ter participado em Ponta Delgada numa cerimónia que o Executivo regional, diz ter sido de «transferência de dossiers» mas que a Oposição classifica de «posse paralela».

A questão causou polémica na capital açoriana e a Oposição considera ainda a cerimónia «paralela» como resposta «provocatória» do Executivo de Mota Amaral às cerimónias de transferência de comandos militares regionais, realizadas na passada semana no Funchal e em Ponta Delgada.

«Que respeito merece aos cidadãos o poder político que finge respeitar a lei em Angra e vai, de seguida, fazer a sua caricatura em Ponta Delgada?», pergunta, a propósito, o PS/Açores para sublinhar ainda o facto de ter não ter havido declarações na posse legal de Angra, ao contrário do que ocorreu na sede do Executivo, cuja cerimónia foi amplamente publicitada pela Imprensa e pela RTP local.

Por outro lado, para os socialistas açorianos, a inclusão de Raúl Santos no Governo regional significa a «recauchutagem de um gabinete decrépito...»

Rocha Vieira não comenta

Interrogado sobre esta questão, o gabinete do Ministro Rocha Vieira não fez quaisquer comentários, alegando ter tomado conhecimento do assunto apenas através dos jornais e da televisão e não ter encontrado razões para se pronunciar.

João Jardim já deu o sim...

Associação quer trazer Savimbi a Portugal

A Associação de Solidariedade Democrática Portugal-Angola (ASDEPA) anunciou ontem que irá desenvolver esforços para trazer a Portugal o líder da Unita, Jonas Savimbi, após a visita do presidente angolano, Eduardo dos Santos.

Em conferência de Imprensa, realizada num hotel de Lisboa, Jofre Justino, da ASDEPA e técnico da UGT, revelou ainda que João Jardim já se mostrou receptivo à ideia de receber Savimbi na Madeira (onde em finais do ano passado já esteve igualmente Pieter Botha).

Sobre obstáculos que venham a ser levantados a uma deslocação a Portugal do líder da Unita, considerada «em certos meios», segundo a Lusa, «organização terrorista», o porta-voz da ASDEPA disse que «comparada com a OLP a Unita é bastante pacífica e já estiveram em Portugal elementos da OLP».

A propósito da visita oficial a Portugal do presidente angolano, prevista para finais de Setembro, a ASDEPA divulgou um apelo que tenciona entregar a Eduardo dos Santos, no qual defende «a paz e a reconciliação nacional» entre as forças que «se digladiam» em Angola.

Esta iniciativa da ASDEPA conta com o apoio do Centro de Investigação e Recuperação Espiritual (CIRE) e da União dos Angolanos no Exterior (Unangola), organizações também presentes na conferência de Imprensa.

A Asdepa foi oficialmente constituída em Maio, encontrando-se entre os seus fundadores elementos do PS, da UGT e do CDS que anteriormente se tinham deslocado à Jamba, quartel-general da Unita.

Empresas portuguesas colaboram com Pretória

Nove empresas portuguesas constam de uma lista de entidades que colaboram directa ou inderectamente com o regime da África do Sul, a qual foi ontem divulgada em Genebra no âmbito da Comissão dos Direitos do Homem das Nações Unidas.

A lista está incluída num relatório elaborado pelo perito das Nações Unidas Ahmed Khalifa sobre «as consequências nefastas, para os direitos do homem, da assistência política, económica, militar ou outra ao regime racista e colonialista da África do Sul».

Segundo o relatório, que tem 180 páginas, mais de 5 mil empresas e outras entidades, de 30 países, «colaboram de diversas formas directa ou indirectamente com o regime de Pretória».

Entre as nove empresas portuguesas, que aparecem na lista, contam-se cinco bancos e duas transportadoras.

Este ralatório, que é actualizado anualmente, é tido pela Assembleia Geral da ONU como «um elemento de grande importância para a causa do combate ao «apartheid» e constitui um importante indicador do volume e da natureza da assitência ao regime da África do Sul», disse Ahmed Khalifa.

Em trânsito para Moscovo

Pedro Pires em Lisboa encontra-se com Cavaco

O primeiro-ministro de Cabo Verde, Pedro Pires, chegou ontem a Lisboa, em trânsito para Moscovo, sendo recebido no Aeroporto da Portela por representantes do Presidete da República e do Primeiro-Ministro.

Pedro Pires, que não fez declarações à chegada, era aguardado ainda por uma delegação de Cabo Verde e por representantes das Embaixadas de Angola, Moçambique e da União Soviética, país para onde partirá amanhã.

O chefe do Governo de Cabo Verde tem marcado para hoje um encontro com Cavaco Silva, durante o qual deverão ser abordados, segundo fontes diplomáticas, temas bilaterais e a situação na África Austral, nomeadamente a proposta feita por Angola aos EUA acerca da implementação do pocesso de independência da Namíbia e da retirada das tropas cubanas de Angola.

De acordo com as mesmas fontes, citadas pela Lusa, Cavaco Silva e Pedro Pires conversarão também sobre a próxima visita a Portugal do presidente de Angola, José Eduardo dos Santos.

Cavaco Silva deverá expor ainda ao seu homólogo de Cabo Verde as grandes linhas da política do futuro Governo, nos próximos quatro anos, relativamente a África, aos cinco países de língua oficial portuguesa e, em particular, a Cabo Verde.

Pedro Pires parte amanhã para Moscovo onde deverá passar duas semanas de férias, findas as quais se desloca, em visita oficial, à Coreia do Norte e à Suíça.

Consideram os de Celorico

Campanha contra CDS é de mais

O tipo de campanha contra o CDS conduzida por pessoas que já não pertencem ao partido centrista, como Ribeiro e Castro e Luís Barbosa, «está a ultrapassar as normas aceitáveis em democracia que se pretende civilizada» — afirma a comissão política do CDS de Celorico de Basto, em comunicado agora tornado público e assinado por João Pulido.

Ribeiro e Castro e Luís Barbosa — diz a Comissão Política centrista de Celorico de Basto — «são, entre outros, responsáveis pela imagem do CDS como partido dos ricos, quando aqui somos pobres».

«Temos o direito e vamos exigir que a dignidade do partido seja respeitada, e que membros da Nova Democracia e da Fundação Século XXI tratem dos seus interesses sem ofenderem os outros» — conclui o comunicado.

Bernardo Lancastre e Sousa e Castro

PRD: abandono à vista dos "eanistas fiéis"

Os dirigentes e quadros do PRD mais directamente ligados ao ex–presidente do partido, general Ramalho Eanes, poderão abandonar a actividade partidária por altura do Conselho Nacional previsto para Setembro próximo, apurou o «DL» junto de fonte próxima do antigo PR.

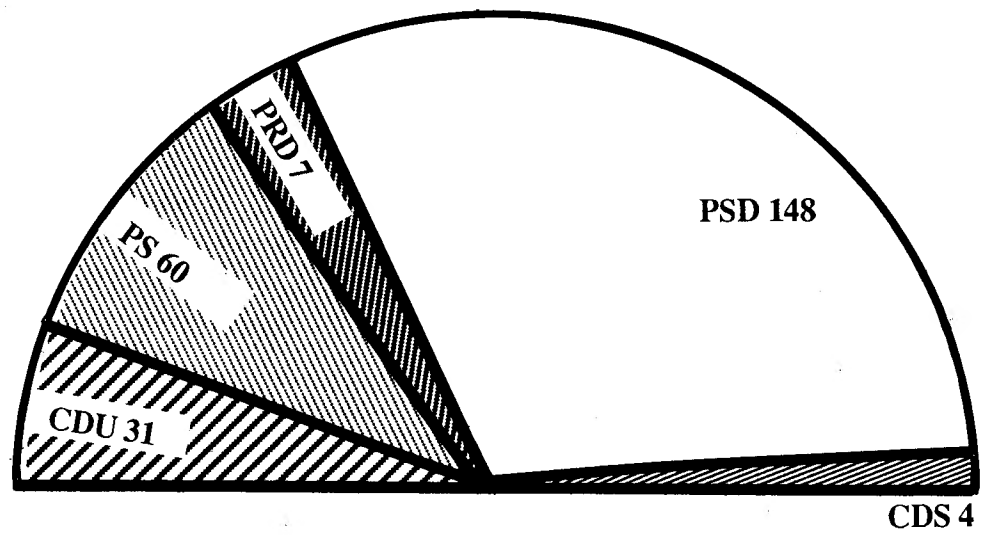
Como razão principal para o seu abandono, tais elementos(que poderão incluir além do actual secretário–geral, Bernardo Lencastre, nomes como Joaquim Letria, Sousa e Castro, António Ramos e quadros do Porto, próximos do comendador Gomes, um dos esteios financeiros do partido), deverão invocar o afastamento de Eanes da liderança do PRD.

Segundo esses elementos, sem Eanes, que consideram a «razão de ser» do partido não fará sentido continuarem ligados à acção partidária dos renovadores.

Tais abandonos não preocupam, porém, a direcção actual do PRD a qual sublinhou, na própria reunião em que Eanes se despediu da liderança, que o projecto do partido de «renovação da vida e prática políticas em Portugal, mantém–se inteiramente válido e necessário».

A saída de Eanes determinará igualmente, apurou o «DL», a ausência de sua esposa, Manuela Eanes, de quaisquer actividades relacionadas com o PRD. A companheira do ex- PR, embora não filiada nos partido teve sempre participação empenhada na actividade dos renovadores, nomeadamente nas campanhas eleitorais, e foi das vozes que mais se opuseram ao abandono de Eanes da presidência do partido pelo que é de prever o seu desinteresse pela acção futura do PRD.

O PRD atravessa, entretanto, dificuldades financeiras, agravadas pela quebra eleitoral que determinou a redução substancial do seu número de deputados. Recorde–se que a principal fonte de receitas do partido provém exactamente da sua representatividade parlamentar. Embora tenha feito uma campanha eleitoral materialmente modesta, o PRD víu agravadas as suas disponibilidades financeiras o que levou a respectiva direcção a emitir, há dias, uma circular dirigida a todos os militantes solicitando o pagamento de uma quota suplementar de, no mínimo, mil escudos. O envio da circular foi hoje noticiado pelo matutino «O Século» que refere, ainda, a existência no interior do partido de uma linha «civilista» encabeçada por Martinho e José Carlos de Vasconcelos.



Amaral fez discurso de boas vindas

COMEÇOU A V LEGISLATURA COM MAIORIA "LARANJA"

Passava das 11 horas quando António Capucho, na sua qualidade de líder da bancada do partido mais votado, abriu esta primeira sessão da V legislatura convidando Fernando Amaral, o ex–Presidente da Assembleia da República, até à eleição da nova mesa.

De seguida começou a chamada dos 120 deputados. Muitas faltas, muitas substituições já mais ou menos esperadas. Ao todo serão à volta de 66 as novas caras do hemiciclo.

Impressiona a enorme mancha «laranja» que se estende por grande parte da sala de sessões. Mas há regressos que já hoje ocuparam os seus lugares: Natália Correia, agora na bancada do PRD; Helena Roseta na do PS; Carlos Macedo, que continua no PSD, sentado hoje na última fila mas que pode vir a ocupar um dos lugares na primeira se for eleito presidente do grupo parlamentar — são alguns dos mais notados.

O mecanismo de substituições permitirá também que o deputado comunista José Magalhjães continue na bancada do seu partido.. Entre os parlamentares do PCP suscitava curiosidade Luisa Amorim, uma conhecida activista do MDM.

NO PS, os primeiros lugares eram ocupados por Vítor Constâncio — a exercer o seu primeiro mandato — ladeado poer Jorge Sampaio (futuro líder parlamentar), Eduardo Pereira, Ferraz de Abreu e Raúl Junqueiro. Uma cara nova na bancada do PS era a de Alberto Martins, do grupo pintasilguista.

Do PRD Hermínio Martinho sentou–se na primeira fila.

Uma presença que se mantém, agora reforçada com um outro correligionário é a de Maria Santos de «Os Verdes» partido que com dois deputados se pode constituir em grupo parlamentar.

Presentes os quatro deputados que o CDS conseguiu eleger — Adriano Moreira, Narana Coissoró, Nogueira de Brito e Basílio Horta.

Após a chamada, Fernando Amaral fez um breve discurso exaltando a natural alegria do recomeço dos trabalhos e pondo o acento tónico no «previlégio que é representar o povo». Depois, foi a constituição de uma comissão eventual de regimento e mandatos que se reunirá para proceder à verificação de poderes dos deputados eleitos. Pelas 17 horas os trabalhos do plenário serão retomados para leitura , discussão e votação do referido relatório.

Entretanto, e também à tarde, reunir–se–à a conferência de líderes parlamentares para fixar a data da eleição do presidente e mesa da Assembleia da República e a discussão do programa do Governo.

CERTIFICADOS PREDIAIS DO MAGNOLIAMAR - TROIA

A TORRALTA informa — em especial os seus investidores — que os preços dos Certificados Prediais do Edifício Magnoliamar (TROIA) vão sofrer, a partir de 31 de Agosto de 1987, um aumento de 10 %, correspondente à taxa de inflação estimada para o período anual. No entanto, os preços actualmente praticados serão ainda respeitados, quanto aos interessados que façam as suas reservas até 31 de Agosto corrente.

A TORRALTA

Director adjunto de "O Século": uma nomeação contra a lei

O Conselho de Imprensa considerou que a nomeação do jornalista Raul Alves Fernandes como director adjunto de «O Século» viola a Lei de Imprensa.

A posição do Conselho de Imprensa consta de um parecer emitido na sequência de uma queixa do Conselho de Redacção do jornal, que se pronunciou contra a nomeação de Alves Fernandes após solicitação verbal do director e administrador do jornal.

O parecer refere que o Conelho de Redacção de «O Século», depois de ter recusado o nome de Alves Fernandes, procedeu a uma consulta por voto secreto à Redacção, que também se pronunciou negativamente.

Alegando que o facto de se tratar de uma primeira nomeação para o cargo dispensava o parecer do Conselho de Redacção, a administração da empresa proprietária do jornal — a Afinco — Sociedade Editora de Publlicações, SARL — através de uma ordem de serviço tornou pública em 25 de Junho a nomeação do jornalista Alves Fernandes para o cargo de director adjunto.

Problemas no Fiat "Panda"

ALGUMAS MARCAS DE AUTOMÓVEL COM DEFEITOS DE FABRICO

Os proprietários dos modelos «Fiat Panda» comercializados em Portugal começaram a receber uma carta do construtor convidando-os a efectuar uma revisão o mais breve possível à suspensão dianteira dos seus veículos, disse à Lusa fonte da empresa.

A comunicação enviada pela Fiat Portuguesa insere-se numa medida tomada em alguns mercados europeus pelo construtor de Turim, divulgada recentemente pela Imprensa italiana.

A fonte da Fiat Portuguesa disse que se «trata apenas da substituição de porcas e anilhas» na suspensão dianteira de um dos lotes de «Fiat Panda» comercializados em Portugal, não tendo especificado a série e a quantidade de veículos atingidos.

O construtor italiano anunciou ter enviado cartas a alguns milhares de proprietários do veículo no mercado europeu, explicando que um elemento da suspensão teria sido instalado de forma incorrecta relativamente às indicações do fabricante.

«Não há qualquer razão par alarme», disse um porta-voz da companhia, em Itália, citado por um jornal daquele país. «São coisas que acontecem e há casos semelhantes com outros construtores de automóveis.»

«A nossa iniciativa destina-se a proteger os interesses dos clientes e não há a certeza de que os veículos de todos os que receberam a carta tenham efectivamente defeitos», acrescentou.

A indústria automóvel parece, no entanto, não estar a atravessar uma «boa maré» já que foi divulgada a necessidade de rápidas revisões em modelos de outras marcas, nomeadamente a BMW e Ford, embora estes casos não atinjam o mercado português, de acordo com fontes contactadas pela Lusa.

Trata-se de uma série de 9000 veículos de oito modelos da BMW com direcção automática, comercializada no Japão, e cujo construtor alemão-federal já solicitou aos proprietários uma reparação de um defeito no mecanismo de regulação automática de velocidade.

Integram-se neste grupo 3828 veículos, dos modelos 318-I, 318-IA, 518-IA, 325-IA, 528-IA, 533-IA, 633-CIA e 733-IA, vendidos no Japão entre Abril de 1982 e Julho de 1986, que serão reparados gratuitamente.

Fonte da representante da BMW em Portugal afirmou que os três primeiros modelos referidos são actualmente comercializados no País mas apenas em regime de encomenda, dado a sua aceitação ser difícil no mercado interno, embora os que circulam no País não estejam inseridos na série afectada.

Quanto à Ford, trata-se do que já é conhecido pela «epidemia de incêndios» em veículos equipados com chassis Ford e comercializados no mercado norte-americano.

Uma fonte do Centro Norte-Americano para a Segurança Automóvel, sediada em Washington, anunciou que 17 pessoas sofreram queimaduras, no último ano e meio, devido a incêndios registados em 38 ambulâncias, furgonetas e carros de campismo equipados com chassis Ford E-350.

A Ford, cuja representante em Portugal garantiu à agência Lusa não haver veículos comercializados no mercado interno com estas características, chamou para revisão em Julho as 20 000 ambulâncias que têm este tipo de chassis, enquanto o Departamento de Transportes está a analisar 324 000 furgonetas e carros de campismo.

No entanto, nas últimas três semanas, dez novas ambulâncias, qualificadas por um técnico como «bombas ao retardador», incendiaram-se e em alguns casos explodiram.

As companhias de ambulâncias e de veículos utilitários já moveram processos judiciais dada a repetição destes incidentes, mas o construtor nega qualquer responsabilidade sobre as modificações realizadas pelos fabricantes, aos quais se limita a entregar as peças.

Um especialista de uma das companhias critica a concepção do depósito, que provocaria pressões excessivas e fugas de carburante sobre o tubo de escape, com perigo acrescido em tempo de calor.

Lisboa-Madrid
Madrid-Lisboa

Novo serviço Auto—Expresso

(De 4 de Junho a 21 de Setembro)

Grandes descontos nos Dias Verdes

CP

Informe-se na sua agência de viagens ou na estação mais próxima

Ministério aceitou alterar horários

Problema da escola da Bobadela está parcialmente resolvido

O diferendo que opõe os pais de 200 crianças da Bobadela, transferidas para uma escola afastada do local de residência, ao Ministério da Educação está parcialmente resolvido com a aceitação por parte daquela entidade da mudança de horários dos alunos.

Segundo o secretário da Junta de Freguesia de Santa Iria da Azóia, Ernesto Costa, os alunos transferidos da Escola Preparatória da Bobadela para a de Apelação/Catujal terão aulas apenas da parte da tarde, para não sairem de casa de madrugada.

Ernesto Costa disse à Lusa que a aceitação pelo Ministério da Educação da mudança de horários resolve apenas parcialmente o problema das crianças que «mesmo assim terão de tomar dois autocarros e percorrer meio quilómetro a pé para chegar à escola para onde foram transferidas».

A mudança de horários, uma das medidas propostas pela Junta de Freguesia e pela comissão de pais dos alunos numa reunião efectuada no Ministério da Educação, foi aceite pelo Conselho Directivo da Escola da Apelação e pela Divisão de Gestão do Ministério.

Os pais dos alunos decidiram a semana passada, em plenário, recusar a transferência dos filhos para uma escola afastada do local de residência, o que os obrigaria a sair de casa às 6 horas e a utilizar mais de um transporte.

Apesar da questão dos horários, regista–se agora uma divergência entre a Junta de Freguesia e o Ministério da Educação quanto à entidade a quem cumpre garantir o transporte dos alunos.

Diplomas 'antecipados' suscitam protestos dos professores primários

Centenas de professores primários recém–formados poderão ser prejudicados pelo Ministério da Educação, se este organismo não atender às reclamações que diariamente chegam à Direcção Geral de Pessoal.

Os professores primários que este ano se diplomaram pelas escolas do Magistério Primário consideram–se lesados pelo facto da Escola do Magistério Primário de Penafiel ter passado certificados de habilitações antes do final do ano lectivo.

Este pressuposto permitiu a alguns candidatos terem sido opositores ao concurso para preenchimento de lugares vagos e disponíveis do primeiro ciclo de Ensino Básico, apesar de não possuirem a habilitação para tal, uma vez que ainda não tinham concluído o curso.

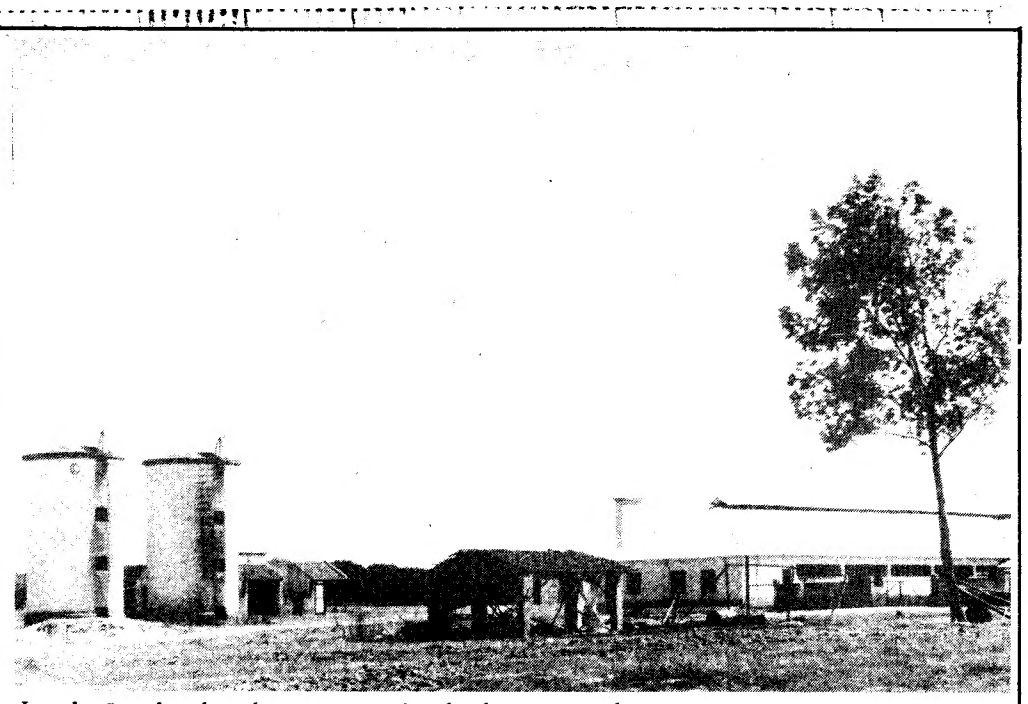
A lista ordenada dos candidatos publicada no suplemento do «Diário da República» do passado dia 5 de Agosto apresentava, na prioridade nove, alguns nomes desses professores, havendo ainda outros que se encontravam excluídos em virtude de não terem apresentado documentos ou não possuirem habilitações para tal.

Imediatamente se começou a gerar um movimento de protesto, tanto mais que a Escola do Magistério Primário de Penafiel foi a única a tomar este procedimento, o que lesa os outros professores recém–formados.

Os professores que se consideram prejudicados exigem que seja feita justiça, apontando para isso a exclusão daqueles candidatos que se encontram graduados na lista privisória citada.

O concurso que gerou toda esta polémica terminou a 26 de Junho, tendo os professores formados finalizado as suas aulas a 30 desse mês e o acesso aos diplomas no dia 6 de Julho. Logo, e segundo o estipulado na lei, estes professores apenas poderiam ser opositores à segunda fase do concurso, que se deverá processar no final do corrente mês.

Campo de tiro de Alcochete: alargamento por despacho, suscita polémica



Instalações abandonadas na expectativa do alargamento do campo

Um teste ao novo secretário de Estado do Ambiente

ALARGAMENTO DE CAMPO MILITAR DE ALCOCHETE: UM TIRO À RESERVA DO ESTUÁRIO DO TEJO

Nuno Ribeiro

Fotos de Rui Pacheco

Um despacho do Ministério da Defesa Nacional de 27 de Julho do corrente ano, expropriando parcelas envolventes ao actual Campo de Tiro de Alcochete tendo em vista o aumento daquela estrutura, constitui o primeiro desafio para o novo secretário de Estado do Ambiente. É que, segundo vários relatórios, o alargamento do campo constitui um tiro mortal à Reserva Natural do Estuário do Tejo.

«O facto da Reserva Natural do Estuário do Tejo, em termos de avifauna aquática migratória, e zona húmida mais importante de Portugal e uma das melhores da Europa, ser considerada zona húmida de valor internacional» e a circunstância «de Portugal ter compromissos internacionais de salvaguarda e defesa dos «habitats» e das próprias espécies das aves aquáticas migratórias», são alguns dos pontos que, de acordo com um parecer técnico a que o «DL» teve acesso, induzidos para impedir a concretização da decisão assinada por Leonardo Ribeiro de Almeida e publicada no «Diário da República» de 1 de Agosto.

O interesse dos militares em alargarem a área do Campo de Tiro começou logo a seguir ao 25 de Abril de 1974, num processo que se foi desenvolvendo, com casos em Tribunal por oposição à expropriação, e problemas relacionadas com a assinatura de anteriores decretos leis, numa história já com quatro episódios: 1981, 83, 85 e, finalmente, 87.

Luftwaffe esteve interessada

Até ao despacho 43/87 do Ministério da Defesa, que declara «de utilidade pública urgente a expropriação das parcelas de terrenos que se destinam à ampliação do Campo de Tiro de Alcochete», já se tinha concluído a venda pela Companhia das Lezírias de uma pequena parcela de 10 hectares, e de outros terrenos particulares a que se juntam agora outras terras contíguas: parte de parcelas atribuídas como reserva a Carlos António Espírito Santo de Silva Melo e Mineiros Vieira, a que se juntam outras duas parcelas, uma pertencente à Companhia das Lezírias de Tejo e Sado, e outra da Celulose da Beira Industrial.

O interesse manifestado pelas autoridades militares em relação aquelas instalações, onde para além dos aviões nacionais também aparelhos de esquadrilhas da NATO treinam o seu tiro, levou, por exemplo, a que estruturas de apoio ao trabalho nos campos propriedade da Companhia das Lezírias tenham sido entretanto desactivadas.

Aliás, segundo o «DL» apurou, os terrenos da Companhia das Lezírias chegaram a interessar as Forças Armadas alemães estacionadas em Beja, com vista a ali serem instaladas facilidades militares para os seus aparelhos.

Sobreiros em questão

A alienação de parte do terreno da Companhia das Lezírias surge também num momento em que, segundo algumas fontes, tal transacção poderá ajudar aos reembolsamento de empréstimos, com a consequente dimunuição dos juros a pagar, sendo este um argumento de «peso» que faz esquecer uma realidade bem mais complexa e rica.

Deste modo, os treinos de tiro, com aviões em voo rasante, ou soldados em posição no terreno a experimentarem novas munições foram ganhando importância. «É raro o dia em que não se ouvem explosões», adiantou ao «DL» um trabalhador da lezíria, com tarefa sazonal de dar desbaste aos eucaliptos.

E, em Julho de 1986, começando no perímetro do campo de tiro, um incêndio devastou uma grande área de sobreiros, uma das grandes riquezas daquela área, como assinala um documento do Serviço Nacional de Parques e Reservas Naturais (SNPRN).

De facto, a concretizar-se, o alargamento do campo de tiro de Alcochete viria a traduzir-se na perda de 120 a 150 arrobas, entre 1.800 a 2.250 quilos de cortiça, cada nove anos, reduzindo a produção de um país que é, ainda, um dos principais exportadores desta matéria. Seria o fim de uma área, de terrenos com classificações C e D, onde os primeiros montados de sobro, plantados há mais de 40 anos, têm vindo a ser substituídos pelos eucapitos, como ocorre na parcela vendida à Celulose Beira Industrial.

Esta situação, contraria o disposto no Decreto-Lei 221/78 de 3 de Agosto sobre a protecção do sobreiro que no seu artigo primeiro refere que «é proíbido o corte ou arranque de sobreiros, em criação ou adultos, isolados ou em povoamento, que não se encontrem secos, doentes, decrépitos ou dominados». O decreto assinado por Luis Saias, então ministro da Agricultura, sublinha ainda que «os cortes rasos de montados de sobro só podem efectuar-se quando visem a posterior ocupação do solo com obras imprescindíveis de utilidade pública ou com uma conversão de cultura de comprovada vantagem para a economia nacional».

E, se na lezíria, contrariando a história e a natural aptidão dos solos, o eucalipto vai ganhando terreno ao sobreiro, dos actuais montados, com o campo de tiro a funcionar para além do seu limite actual, pouco restará no futuro.

Eucaliptos substituem sobreiros, que poderão ser substituídos por bombas: 120 a 150 arrobas de cortiça deixarão as estatísticas

Área circunvizinha em perigo

O facto dos terrenos da Companhia das Lezírias estarem concentrados na planície aluviosas do Tejo constituindo um conjunto homogéneo, implicando que só os terrenos mais distantes devam ser dexanexados, é outro dos pontos referidos pelo Serviço Nacional de Parques e Reservas Naturais como impeditivo do cumprimento do despacho de Leonardo Ribeiro de Almeida.

Acresce ainda o facto de o campo de tiro de Alcochete se situar na área circunvizinha da Reserva Natural do Estuário do Tejo, considerada a zona húmida mais importante de Portugal e uma das melhores da Europa, e de o nosso país ter compromissos internacionais de salvaguarda e defesa dos «habitats» e das próprias espécies de aves aquáticas migratórias, que sazonalmente por ali ficam.

Aliás, Portugal ratificou a Convenção de Ramsar em 24 de Novembro de 1980, aquela Reserva Natural figura na lista desse Convénio, e o nosso país é também obrigado ao cumprimento da Directiva Comunitária de protecção da avifauna aquática que, perante o ruído e os voos de aviões, seria forçada a escolher outra área.

«A área da Reserva Natural do Estuário do Tejo, para que Portugal cumpra efectiva e integralmente os compromissos internacionais a que se obrigou, não pode ser perturbada em termos de estadia ou sossego da avifauna aquática migratório com ruídos de tiro, nem com voos de avião», sublinhou um dos técnicos.

Sugerido local alternativo

Alás, a recente publicação do «Regulamento Geral sobre o Ruído», cujo âmbito de aplicação, definida no artigo segundo refere explicitamente na alínea «f» que é extensível «a actividades geradoras de ruído, em geral, que possam causar incomodidade», é outra das questões que deveria desaconselhar o alargamento e, mesmo a existência de um campo de tiro em Alcochete.

Apesar do Regulamento, visto e aprovado em Conselho de Ministros de 31 de Março do corrente, só entrar em vigor no dia 1 de Janeiro de 1988, não deixa de ser curioso que, em 17 de Agosto deste ano o ministro da Defesa se decida pelo alargamento...

Também é considerado estranho que este projecto não tenha sido objecto de um estudo prévio de Impacto Ambiental, cujas conclusões certamente desaconselhariam o alargamento.

«A perturbação da vida selvagem ,- repouso, alimentação e passagem de aves - a destruição de ricos ecosistemas são a ameaça que o alargamento deste campo de jogos militares faz pesar sobre o estuário e a sua reserva», declarou António Eloy.

O dirigente dos «Amigos da Terra» sublinhou que «este será com o cumrpimento da legislação do Estado nos Açores, no que se refere à caça ao cachalote, o primeiro desafio que o futuro responsável do Ambiente terá que enfrentar».

Até porque, segundo fontes próximas da secretaria de Estado de Ambiente e Recursos Naturais afirmaram ao «DL», aquele departamento «aconselhou localização alternativa por não concordar com a destruição da reserva e pela proximidade de uma zona urbana».

Jovem agredido pela PSP está em risco de ficar cego

VIOLÊNCIA NA ESQUADRA DO BAIRRO ALTO COM O CHEFE DOMINGOS DE FÉRIAS

Manuel Geraldo

Um jovem de 18 anos, Telmo João Andrade, está neste momento em risco de cegar, após ter sido agredido brutalmente ao princípio da madrugada de sábado passado, primeiro no Largo da Trindade e depois na esquadra das Mercês (mais conhecida ao nível da opinião pública por esquadra do Bairro Alto).

Sobre a história do que se passou nessa madrugada iremos tentar resumi-la (consideramos que o relato de qualquer agressão, sobretudo quando num espaço fechado, terá de ser considerado como secundário e mais adiante procuraremos explicar porque assim pensamos): Telmo Andrade esteve com um amigo na cervejaria «Dragão Chinês», no Largo de S. Pedro de Alcântara, onde uns clientes partiram uma garrafa. Só que inesperadamente um dos empregados do estabelecimento acusou Telmo e o amigo de terem sido os autores do incidente, obrigando-os a pagar 100 escudos pelo recipiente, o que fizeram.

Já no Largo da Trindade, Telmo abordou um agente da PSP que, ao ser confrontado com a sua narrativa, lhe disse que naquele momento não o poderia atender pois estava a falar com uma senhora. Como na mesma artéria, e a pouca distância, estava um outro agente, o jovem aproximou-se para lhe contar o sucedido, mas ao iniciar o contacto foi agredido sem qualquer aviso prévio pelo primeiro agente que de seguida, e sem qualquer explicação, o conduziu à esquadra da zona em cujo edifício ainda mal tinha entrado foi sovado pelo graduado de serviço, que depois soube chamar-se Albino, e por outros agentes.

Apesar de ter reivindicado um contacto telefónico com o pai, Telmo viu essa solicitação serlhe recusada e tendo entrado na esquadra cerca da 1 e 30 só de lá saiu por volta das 6 e 30. Ao chegar a casa o jovem estudante contou o sucedido ao pai que se deslocou numa primeira fase à esquadra, onde não foi atendido e, mais tarde, ao Comando da PSP de Lisboa, no Governo Civil, no qual o oficial de serviço, de acordo com informações telefónicas fornecidas «atempadamente» pelo subchefe Albino, só lhe faltou dizer que Telmo nunca tinha estado na esquadra do Bairro Alto, aconselhando o pai do jovem a não fazer qualquer queixa, pois isso poderia prejudicar o registo criminal do filho.

Chefe Braga Domingos: uma nova forma de entender a problemática policial

À atenção do general Morgado

História contada e de imediato os considerandos que a mesma nos merece: está a tornar-se uma prática habitual os cidadãos que procuram apresentar queixa nos departamentos policiais serem aconselhados a desistir, pois, afirma-se-lhes, poderão vir a ter problemas no seu cadastro. Por outro lado, não há em termos humanitários, de que a Constituição em vigor ainda é fiel depositária, qualquer justificação para que um cidadão seja sovado numa esquadra, enquanto espaço concentracionário, na medida em que está mais do que indefeso face à superioridade numérica e armamentista dos polícias, seus antagonistas pontuais (em plena rua os agentes da autoridade quando isolados, o que hoje em dia só raramente ocorre, ainda poderão invocar a violência utilizada como uma alternativa de defesa pessoal, mas esse álibi só em casos extremos, ou por «má-fé» poderá ser invocado (e é-o muitas vezes) quando tenha lugar no interior de esquadras, tal como aconteceu com Telmo Andrade na esquadra do Bairro Alto.

Esquadra que se tornou tristemente famosa, quando sob a responsabilidade do chefe «Bailarino», e que, nos últimos meses, se estava a tornar exemplar, em termos de compreensão e abertura) no seio da zona socialmente complexa em que se integra. E para que tal se tornasse possível muito vinha a contribuir o chefe Braga Domingos, seu actual comandante que inclusive compilou um estudo exaustivo sobre os principais problemas que afectam o Bairro Alto, dando especial atenção à parte cultural do seu espaço envolvente.

Só que o chefe Domingos está neste momento de férias. E pelo que se passou com Telmo Andrade, o seu substituto chefe Quitério sempre ausente nas tentativas de contacto que com ele procurámos estabelecer, não teve força ou vontade para evitar a agressão, voltando a dar uma imagem negativa à esquadra do Bairro Alto. Sem margem desta vez para qualquer benefício de dúvida.

Telmo Andrade está ameaçado de ficar cego. A vista esquerda agredida está fortemente afectada. E a direita por deficiência congénita já há muito que se «apagou». O que irá responder a tudo isto o actualmente comandante-geral da PSP, general Amílcar Morgado?...

Septuagenária trucidada por comboio em Olhão

Uma septuagenária, Gracinda da Conceição, morreu, na madrugada de ontem, trucidada por um comboio, numa passagem de nível sem guarda próximo de Olhão. O corpo foi encontrado por volta das 7 e 30 não havendo ainda a certeza da hora exacta da ocorrência do acidente.

Um porta-voz da CP disse «haver suspeitas de que a vítima, que se deslocava de muletas, possa ter sido colhida pelo comboio rápido que circulava no sentido de Vila Real de Santo António/Lisboa e que passou no local cerca das seis horas da manhã.

Electrocutado ao colocar um lâmpada no sótão

Ao tentar colocar um lâmpada no sótão da sua residência, onde vivia com os pais e os irmãos, na Rua Barros Lima, no Porto, um garoto de 12 anos morreu electrocutado. Trata-se de Joaquim Paulo Monteiro Barros, o mais novo de três irmãos, que ainda foi conduzido pelos bombeiros para o Hospital de S. João, onde chegou já sem vida.

O alerta foi lançado por uma vizinha que chamou o 115 pelo telefone. Os pais do malogrado Joaquim Paulo são Joaquim Paulo Dias de Carvalho Barros e Maria Monteiro Barros.

Próximo de Cabeceiras de Basto

Operário morto a tiro por guarda de fábrica

Dois tiros de espingarda caçadeira, disparados pelo guarda-nocturno de uma fábrica em construção no sítio de Lameiros, concelho de Cabeceiras de Basto, provocaram a morte de um operário que ali trabalhava.

José Valente Abreu, de 23 anos, casado, natural de Barreiros, Paços de Ferreira, deslocara-se ontem de madrugada à fábrica de Portelinhas, situada em Lameiros, e cuja construção está praticamente terminada, com o objectivo de pegar numa máquina e alguns andaimes. O guarda-nocturno da fábrica, Bernardino Marques Oliveira, de 52 anos, não permitiu que José Abreu utilizasse esses equipamentos, sem a presença do encarregado geral da obra.

Segundo a GNR, «gerou-se então uma discussão entre ambos, e Bernardino Marques acabou por disparar dois tiros que atingiram o jovem operário no peito causando-lhe graves ferimentos. Transportado ao hospital concelhio de Cabeceiras de Basto, José Abreu acabou por falecer pouco depois, tendo o seu corpo ficado depositado na morgue daquele estabelecimento, enquanto Bernardino Marques foi entregue no Tribunal de Instrução Criminal de Guimarães.

Guarda prisional agredido à navalhada por recluso

Um guarda prisional, Albano Ribeiro, foi agredido anteontem à navalhada por um recluso na Cadeia de Paços de Ferreira encontrando-se livre de perigo, no Hospital de S. João, no Porto. O agressor «Toni de Odivelas», que cumpre uma pena de 23 anos naquele presídio, desferiu três navalhadas no guarda Albano Ribeiro com quem se «travou de razões».

Segundo o director da cadeia, o reclusos de 33 anos e cujo verdadeiro nome é António Albino Almeida Carvalho, considerou insuficiente a criolina que o guarda lhe fornecera para a limpeza da cela, pedindo-lhe mais e acabando por se envolver numa discussão. «Toni de Odivelas» terá então regressado à sua cela, onde foi buscar a arma com que anavalhou o guarda Albano Ribeiro.

O recluso que já cumpriu dois dos 23 anos de prisão a que foi condenado, por crime de assalto à mão armada e homicídio, tem ainda um outro processo pendente, no Tribunal de Instrução Criminal de Penafiel, em que é indiciado de posse de droga.

FUNDO DE ARTIGO

Mário Castrim

Como já é do conhecimento público, está construída e prestes a enfrentar o Atlântico uma caravela chamada **Bartolomeu Dias.**

Não vão agora pôr-se para aí a pensar que lhes escrevo esta crónica desde (ah, esta minha influência da TV!) desde o século XV ou XVI. Ela é escrita desde hoje, Agosto, 1987.

Perguntarão: «Mas que tem isso de istrordinário?» Oh almas (de)penadas que em tão pouco avaliam a doce poesia do patriotismo! Então não é lindo, histericamente falando, este esforço para a reconstituição de uma época tão grandiosa, época que moldou a nossa alma para toda a eternidade e ainda um pouco mais além. Não é mesmo belo, para um ancião de 800 anos, este regresso à adolescência? Em verdade, em verdade vos digo que um velho, se lhe é negado este direito, de uma vez por outra, regressar à adolescência, então sim, é toda sua a culpa de ser velho, pois só nesse caso ser velho é culpa. Ponto final parágrafo.

Esta caravela representa, pois, o retorno ao sonho, sendo o sonho a mais acabada forma inventada pelo homem para se defender do sono (puxa, isto hoje, está bestialmente filosófico!)

Ela é tal qual como as primitivas caravelas, com as mesmas obras vivas, as mesmas obras mortas, o mesmo motor para quando a calma for demasiada, a mesma recheada despensa (carne, ovos, manteigas, conservas, vinho tinto e branco, água de Luso, louçaria fina, maioneses de todos os gostos, enfim, casa de banho com todas as convenidades, etc, etc. Onde porém os arquitectos mais se esmeraram foi na excelência do radar o qual reproduz integralmente aquele que esperançosamente acompanhou Bartolomeu Dias — Dias, digo bem, se é que o **Correio** da UNESCO a estas horas não descobriu que ele se chama **Diaz.**

E pronto. Com meios tão rudimentares partimos de novo à descoberta da infância.

Não há dúvida: Somos mesmo uns líricos.

Incêndio devastou restaurante "O Grande Elias" de Cacilhas

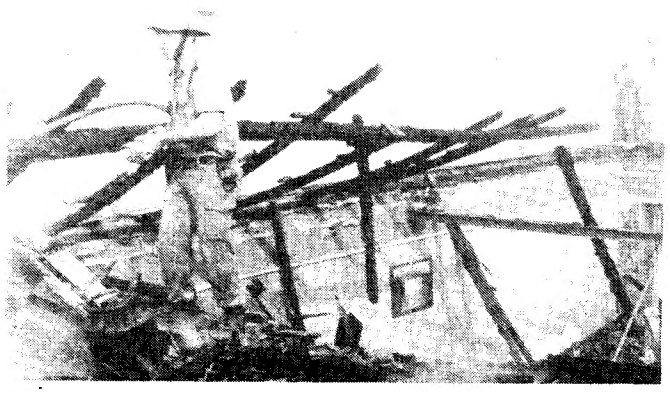
O restaurante «Grande Elias», em Cacilhas, ficou práticamente destruído esta manhã por um incêndio que pôs em pânico moradores por na zona se encontrarem armazenadas diversas bilhas de gás.

«O fogo começou por volta das oito horas e às dez tinham terminado as operações de rescaldo», declarou esta manhã ao «DL» Serra da Silva, comandante dos Bombeiro Voluntários de Cacilhas, referindo-se ao incêndio que, em menos de duas horas, práticamente destruiu o restaurante «Grande Elias».

«Inclino-me para curto circuito», sublinhou o responsável dos «soldados da paz» de Cacilhas que, auxiliados pelos Voluntários de Almada, num total de 10 viaturas e70 homens, combateram as chamas.

«Conseguimos circunscrever o fogo, que irrompeu na cobertura do edifício, e evitar a sua propagação a dois restaurantes próximos», prosseguiu o comandante Serra da Silva, adiantando que, por acção das chamas, o primeiro piso caiu.

«As principais dificuldades que tivemos foram os acessos, que são muitos estreitos e não permitiram as manobras dos carros, e por isso fomos forçados a atacar o fogo por trás», concluiu.



«Vivemos apavorados»

Se o fogo foi prontamente combatido, e as chamas circunscritas, os moradores da Rua Trindade Coelho, próxima ao local de sinistro, não ganharam para o susto, temendo que se viessem a confirmar os seus receios.

É que, junto aos seus prédios, há mais de 13 anos, existe um pequeno armazém de bilhas de gás industriual, que alimenta um dos restaurantes.

«Este assunto vem jà desde 4 de Janeiro de 1974», recordou ao «DL» Álvaro Castro, um dos moradores. «Nessa altura, os inquilinos de todos os prédios da Rua Trindade Coelho fizeram um abaixo-assinado apresentado à Câmara Municipal de Almada protestando por terem aqui instalado uma bateria de bilhas (18 a 20) de gás industrial, mesmo encostadas ao prédio número 14».

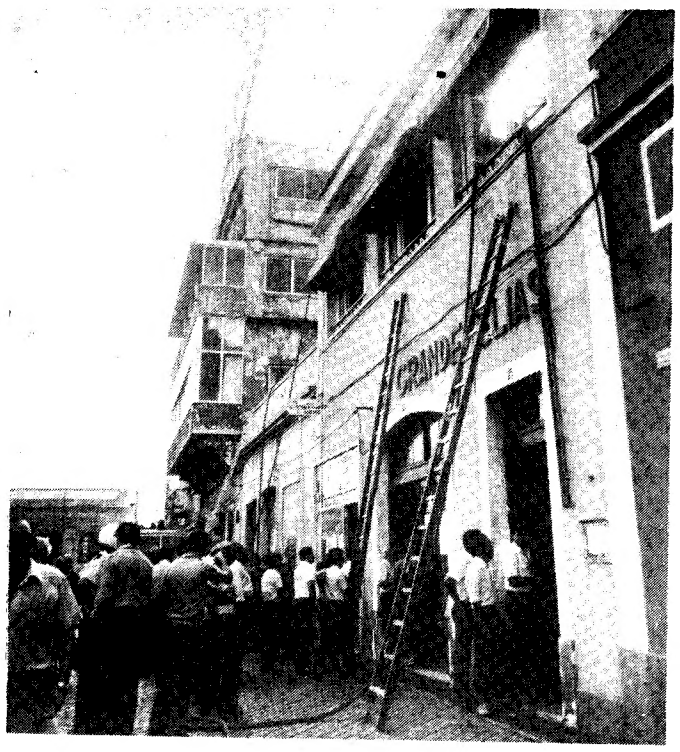
«Depois disso», prosseguiu, «já fizemos várias reclamações e abaixos-assinados, dezenas de cartas e exposições, à Câmara, aos bombeiros, à Junta de Freeuesia, e eles não ligaram caroço». «Dizem que temos razão, mas não adiantam nada», sublinhou.

Por seu lado, o comandante Serra da Silva, dos Bombeiros de Cacilhas, afirmou-nos que a presença das bilhas não causou qualquer problema, nem pôs em perigo os bombeiros ou as habitações próximas.

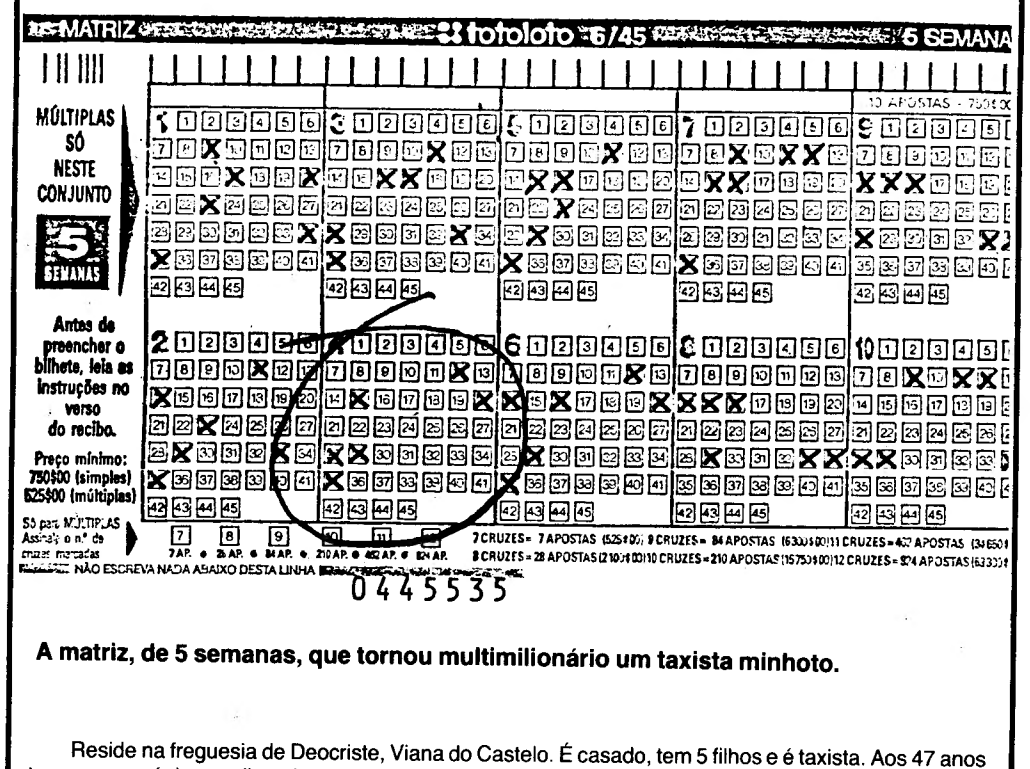
No entanto, para os moradores, como sublinhou Álvaro Campos, «a presença das bilhas, sem protecção nenhuma, com os miúdos da rua a fazerem por ali fogueiras» é preocupante.

«Estamos com medo, porque se rebenta uma coisa daquelas não escapa nem o gato...», salientou, adiantando: «aqui há tempos, ardeu o telhado e parte do restaurante Floresta do Ginjal, mas felizmente que o vento estava de Sul, porque se estivesse de Norte, como normalmente sempre está, mandava as fagulhas para as bilhas de gás».

«Vivemos aqui apavorados, e os cidadãos ingleses que aqui moram acham tudo isto estranho, já telefonaram para a Embaixada, mas disseram-lhes que não podiam fazer nada», concluiu.



TAXISTA DO MINHO CONQUISTA 61 400 CONTOS COM BILHETE DE 5 SEMANAS DO TOTOLOTO



A matriz, de 5 semanas, que tornou multimilionário um taxista minhoto.

Reside na freguesia de Deocriste, Viana do Castelo. É casado, tem 5 filhos e é taxista. Aos 47 anos tornou-se no único totalista do concurso n.º 32 do Totoloto pelo que vai receber 61 403 861$00, prémio a que teve direito no 3.º concurso do seu bilhete de cinco semanas.

Nos seus planos imediatos estão casa para os filhos, viajar com a família e continuar a trabalhar, embora mais moderadamente.

Como se verifica, os bilhetes de cinco semanas, além de mais práticos e cómodos, também fazem totalistas.

Este totalista — e o distrito de Viana do Castelo — não esgotaram todo o muito que o Totoloto tem ainda para distribuir esta semana.

O concurso n.º 32 do Totoloto beneficiou ainda:

— 27 apostadores que ganharam o 2.º prémio no valor de 454 843$00.

— 682 apostadores com o 3.º prémio de 54 020$00.

E houve ainda mais 40 915 quartos prémios no valor de 1320$00 cada. E 728 405 quintos prémios, cabendo, a cada um, 111$00.

Vale a pena apostar no Totoloto.

É fácil. É barato. Dá milhões.

Para a semana aqui estaremos a noticiar nova chuva de prémios, com novos premiados, um dos quais pode ser você.

CPRM MARCONI

COMPANHIA PORTUGUESA RADIO MARCONI S A

CONVOCATÓRIA

Nos termos do art.º 18.º, 1.º dos Estatutos, convoco a Assembleia-Geral dos Accionistas da Companhia Portuguesa Rádio Marconi, S.A., para reunir extraordinariamente, nas suas instalações sitas na Rua Rodrigues Sampaio, 113, rés-do-chão, Lisboa, no dia 18 de Setembro de 1987, às 11 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Autorizar o aumento do capital social, por incorporação de reservas, de 3.000.000.000$00 para 6.000.000.000$00.
2.º — Discutir e votar a proposta de alteração dos artigos, 4.º (corpo); 5.º (corpo); 7.º, 13.º, 14.º e 18.º dos Estatutos.
3.º — Autorizar a aquisição de acções próprias até ao limite legal.

O texto integral das cláusulas propostas fica à disposição dos Srs. Accionistas na sede social, a partir da data da publicação do aviso convocatório, sem prejuízo de, na Assembleia, poderem ser propostas redacções diferentes para os mesmos artigos ou serem deliberadas alterações de outros artigos.

Constituem a Assembleia-Geral os accionistas possuidores de 500 ou mais acções registadas ou depositadas em qualquer estabelecimento bancário que o comunique para esse fim até 10 dias antes do designado para a reunião. Tratando-se de acções registadas, é ainda necessário que os registos tenham sido efectuados em nome dos seus possuidores até 45 dias antes do designado para a reunião.

Lisboa, 31 de Julho de 1987.

O Presidente da Mesa da Assembleia-Geral
Investimentos e Participações do Estado, S.A.
Assinaturas ilegíveis

COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI, S.A.

CONCESSIONÁRIA DO ESTADO
CONTRIBUINTE N.º 500060151
Sede: Praça Marquês de Pombal, 15 — Lisboa
Matrícula na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o n.º 30 861
Capital realizado: Esc. 3 000 000 000$00

Todas as terças-feiras

"DIA DE SÃO PORCO" EM ÉVORA

Se um novo calendário litúrgico fosse criado, as terças-feiras em Évora seriam com certeza consagradas ao «santo patrono» dos restaurantes e casas de repasto. E isto porque, naqueles dias da semana, todo os estabelecimentos do ramo se encontram repletos de clientela, na sua maioria agricultores e negociantes da região que se deslocam a Évora para transaccionar os seus produtos ou de outrem.

Esses indivíduos, das mais diversas posses económicas, mas todos eles ligados ao sector agrícola e pecuário, convergem para a capital do Alto Alentejo, no segundo dia de cada semana, numa tradição que se perde no tempo.

Uma vez em Évora e tendo como palco o mais recôndito café ou até mesmo em plena rua (este último local é o predilecto), «fecham os seus negócios» a qualquer hora do dia.

À terça-feira Évora surge, logo pela manhã, com um aspecto diferente, pois esses indivíduos «inundam» a Praça do Giraldo, a denominada «sala de visitas da cidade», emprestando-lhe um colorido e um cenário diferente, contrastando com o usual dia-a-dia da urbe.

Nesses dias, quatro ou cinco ao longo do mês, consoante o calendário, são frequentes os «engarrafamentos» de peões que, devido à colocação descuidada dos habituais forasteiros ao longo das arcadas que se prolongam pela praça, são obrigados «a passar de volta» face à imobilidade dos negociantes.

Negociantes que, mergulhados nas mais variadas conversas de negócios, se esquecem da posição que estão a ocupar no «xadrez» da praça, obstruindo a passagem aos restantes cidadãos.

Mais movimento de manhã

Essa obstrução é mais notória da parte da manhã, altura em que, sob o sol acolhedor do Inverno ou na frescura das vetustas arcadas, em pleno Verão, as actas das reuniões de negócios são abertas em plena rua.

Uma vez iniciado o negócio, e se tudo correr de feição, este só vem a terminar lá por volta da hora do almoço, neste ou naquele restaurante ou casa de petiscos da cidade.

Já diante do respasto, os negociantes fazem os últimos acertos da transacção, não sem que antes tenham previamente contactado outros possíveis candidatos, mas ficando sempre, como é óbvio, pelo proposta mais vantajosa.

Nestes dias e sem que a maior parte dos desatentos eborenses se aperceçam, na sua principal praça são fechados negócios que orçam as centenas e até mesmo os milhares de contos e que vão desde a transacção de cabeças de gados e cereais até à compra e venda de propriedades e maquinaria agrícola.

Como não podia deixar de acontecer, também aqui surgem os intermediários (cuja acção é condenada mas persiste) e os indivíduos dos contactos que, com várias semanas de antecedência, marcam para a «terça-feira X» o encontro entre os interessados deste ou daquele produto a negociar.

Geralmente o almoço destes «invasores semanais» prolonga-se por longas horas e varia consoante o balanço do dia e do tempo de que dispõem para a refeição.

Almoço conforme os negócios

Na mesma sala do restaurante é habitual assistir-se ao almoço que tem honras de comemoração até ao repasto simples e quase na modalidade do «come em pé».

Se a refeição é mais completa e prolongada é indício de que um «chorudo» negócio foi efectuado, acabando por ser regado com um bom vinho da região, uma aguardente de boa casta e até mesmo um uísque velho.

Entretanto, mesas há onde paira a desilusão de um negócio que não foi feito, de uma outra transacção que não foi concretizada porque outros se anteciparam e até mesmo se fazem previsões desta ou daquela safra agrícola.

Quem não gosta destas tertúlias são os empregados dos restaurantes, nestes dias sem mãos a medir, e que encontram nestes clientes algumas inconveniências, pois além de ocuparem as mesas por muito tempo, surgem com uma certa urgência em serem servidos.

Uma vez terminada a refeição, cada um regressa à sua aldeia, vila ou cidade das redondezas, levando consigo a certeza de um bom negócio, a amargura de uma transacção que não se fez às vezes por falta de verba, ou ainda na esperança de, na próxima terça-feira, a conseguir fazer.

Se é verdade que estes dias têm bastante influência na caixa registadora dos restaurantes (onde se mais produtos houvessem mais seriam consumidos), não é menos verdade que todo o restante comércio local sente de maneira positiva a «avalanche» de negociantes à procura de produtos que não existem nas suas localidades de origem.

Quem nada ganha com o negócio e até mesmo se sente um tanto ou quanto prejudicado, pois tem de «mudar de rota» ou de restaurante, são os eborenses, que na sua maioria criticam a «bolsa ao ar livre» montada na cidade museu.

Eborenses que designam as terças-feiras como «o dia de são porco», epíteto cujas origens se desconhecem e sobre o qual muitas dúvidas existem.

Uns pensam que aquela designação estará ligada à transacção de suínos tão comum nos negócios efectuados às terças-feiras em Évora.

CÂMARA MUNICIPAL DA MARINHA GRANDE

EDITAL

VENDAS DE LOTES DE TERRENO DESTINADOS A CONSTRUÇÃO PARA HABITAÇÃO E COMÉRCIO NA PRAIA DE VIEIRA DE LEIRIA

Faz-se público que no dia 28 do corrente, pelas 18 horas, no Edifício dos Paços do Concelho, se procederá à venda em hasta pública, dos seguintes lotes de terreno para construção na Praia de Vieira de Leiria, segundo projectos de arquitectura e betão armado a fornecer pela Câmara.

LOTE n.º 5 – área 460,04 m²
Edifício a construir – Prédio com 4 pisos, para habitação no total de 14 fogos.
Base de licitação – 10 500 contos

LOTE n.º 6 – área 601,66 m²
Edifício a construir – Prédio com 6 pisos (2 caves e 4 pisos) para habitação no total de 19 fogos.
Base de licitação – 14 250 contos

LOTE n.º 7 – área 630,04 m²
Edifício a construir – Prédio com 6 pisos (1 para comércio, 2 caves e 3 pisos para habitação), no total de 15 fogos e 5 lojas.
Base de licitação – 15 000 contos

LOTE n.º 8 – área 630,04 m²
Edifício a construir – Prédio com 6 pisos (1 para comércio, 2 caves e 3 pisos para habitação), no total de 15 fogos e 5 lojas.
Base de licitação – 15 000 contos

Na licitação não serão permitidos lanços inferiores a 100 contos.

Para melhor informação poderá ser consultado o processo, na Divisão de Administração Urbanística, Apoio Técnico, Planeamento e Fiscalização, durante as horas de expediente.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor.

Paços do Concelho da Marinha Grande, 6 de Agosto de 1987

O Presidente da Câmara
(assinatura ilegível)

S. R.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA

ESCOLA SUPERIOR DE MÚSICA DE LISBOA

ANO LECTIVO DE 1987 - 1988

CURSOS

PIANO, CRAVO, VIOLINO, VIOLONCELO, FLAUTA, OBOÉ, CLARINETE, CANTO E COMPOSIÇÃO

PRAZO DE CANDIDATURA AO 1.º ANO
10 de Agosto a 10 de Setembro

AS PROVAS DE ACESSO REALIZAR-SE-ÃO DE 21 A 28 DE SETEMBRO

Secretaria da Escola Superior de Música de Lisboa, Rua dos Caetanos, 29 – 1200 LISBOA – Telef. 37 14 88

TINTALUSA

A TINTA QUE O BOM PINTOR USA

Oferece aos Senhores Profissionais, em promoção de relançamento:

20 lts.	Tinta de Areia Extra	2 800$00
20 lts.	Tinta Plástica Lisa Extra ...	3 000$00
200 lts.	Diluente Extra	19 000$00

PROMOÇÃO DE DURAÇÃO LIMITADA – TINTAS PARA TODOS OS FINS

Aceitamos Agentes e Comissionistas

Pedidos a:
MERCAMAQUI – MERCADO DE MÁQUINAS, LDA.
Rua Artur Lamas, 2 — 1300 LISBOA
Telefs.: 64 43 29 – 64 70 23

AOS CONDUTORES

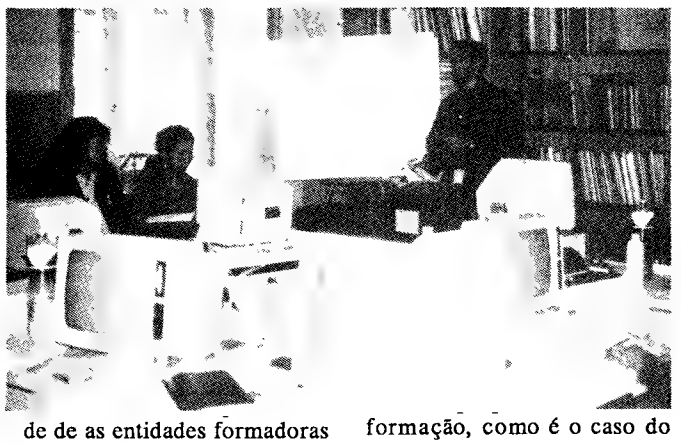
"Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

Quem o diz é a UGT

FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO ESTADO E "INEFICAZ, CARA E BUROCRÁTICA"

A resposta do Estado aos problemas da formação profissional é «ineficaz, cara e burocrática», razão pela qual a UGT considera dever assumir responsabilidades nesse domínio — sustentaram ontem em Lisboa responsáveis daquela central sindical e do Instituto Sindical de Estudos Formação e Cooperação (ISEFOC), em encontro com a imprensa.



Na ocasião, foi também afirmado que as acções de formação daquele instituto e dos sindicatos da UGT abrangeram, até 1986, cerca de trinta mil pessoas - sessenta por cento das quais, jovens com menos de 25 anos. Para o corrente ano, as previsões avançadas apontam para os dez mil formandos, esperando-se em 1988 dar formação a cerca de dezoito mil trabalhadores. Em relação às acções previstas para este ano, são de realçar as acções de formação levadas a cabo pelo SITESE e outros sindicatos do ramo de escritórios e comércio - que deverão beneficiar uns dois mil trabalhadores - e as acções desenvolvidas directamente pela UGT - que darão formação a perto de duas mil pessoas, incluindo mil que virão a ser quadros sindicais.

Sistema de ensino é inadequado

Os dirigentes sindicais salientaram que o sistema de ensino em

Portugal não corresponde às necessidades do país, dado que os jovens saem das escolas sem condições para enfrentar o mercado de trabalho. Acrescentaram que vinte por cento dos jovens abandonam o ensino antes de concluídos os seis anos da escolaridade obrigatória, quarenta por cento deixam de estudar ao fim desses seis anos, quinze por cento abandonam os estudos no nono ano e apenas seis por cento dos jovens têm acesso à universidade. Além disso, os jovens não estão preparados para o mercado de trabalho, à saída de qualquer dos graus de ensino.

Foi também afirmado ter sido a UGT uma das poucas entidades em Portugal a fazer formação profissional para menores de dezoito anos, ao abrigo de um regime especial do Fundo Social Europeu que obriga à realização de estágios em empresas. Aliás, a criação efectiva de postos de trabalho é uma preocupação que norteia toda a actuação da UGT no campo da formação profissional - referiram os representantes da central sindical.

Mesmo assim, e apesar desta preocupação básica, contestaram a obrigatoriedade de as entidades formadoras garantirem emprego a cinquenta por cento dos formandos para terem acesso à totalidade das verbas do Fundo Social Europeu, considerando que tal obrigatoriedade não se deve aplicar aos sindicatos. No entanto, reconheceram a necessidade de «moralizar» a formação profissional, de forma a evitar algumas fraudes.

IEFP funciona mal

Na reunião com os jornalistas, foi dito que o Centro de Formação de Formadores da UGT foi montado em moldes semelhantes ao do Instituto de Emprego e Formação Profissional, o qual, apesar de ter as melhores condições, «funciona relativamente mal». De referir que, desde 1980, alguns sindicatos da UGT vêm criando os seus próprios centros de formação, como é o caso do SITESE.

Os dirigentes da UGT defendem uma política activa de emprego e formação profissional, que vise a redução da taxa de desemprego em 1,5 por cento ao ano. O objectivo de uma tal política seria o de possibilitar uma taxa de desemprego de três por cento no final do século, para o que se impõe a criação de um milhão de postos de trabalho nos próximos treze anos.

Nesse sentido, propoem uma gestão programada e prospectiva do mercado de emprego, a antecipação da idade de reforma e a redução progressiva da duração do trabalho, o prosseguimento do programa nacional de aprendizagem, o apoio às iniciativas locais de emprego e a adopção de programas de formação e emprego para jovens.

Sindicatos são alheios a reunião da Agência Portuguesa de Revistas

Os sindicatos que têm acompanhado a situação das empresas do grupo Aguiar e Dias Ldª (Agência Portuguesa de Revistas) afirmaram-se ontem «surpreendidos» com as notícias surgidas no «DL» e no «Diário de Notícias» acerca da convocação de uma reunião de trabalhadores do grupo, a realizar no póximo sábado. «Nada temos a ver com a reunião da Voz do Operário», dizem em comunicado enviado à nossa redacção, os sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Fabricação e Transformação de Papel, Gáfica e Imprensa do Sul e Ilhas, dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços (CESL), e dos Trabalhadores de Escritório, Comércio, Serviços e Novas Tecnologias (SITESE).

Segundo estas organizações, «depois de várias tentativas» não foi possível identificar a origem da informação. O «DL», que não atribuiu àqueles sindicatos qualquer paternidade da iniciativa, recebeu a informação telefónica da realização da dita reunião e confirmou que a sala de convívio da Voz do Operário está efectivamente reservada (em nome de José Gonçalves) para a Agência Portuguesa de Revistas.

«Embora entendamos que todas as pessoas têm o direito de se reunir livremente, achamos estranho que não seja dado conhecimento, nem sejam consultados os representantes dos trabalhadores, e ao mesmo tempo alertamos os trabalhadores para eventuais manobras que estejam por detrás desta reunião», conclui o comunicado sindical.

Títulos do BPA atingem novo recorde

Os títulos de participação do Banco Português do Atylântico - 1ª e 2º emissões - atingiram, ontem, na Bolsa de Valores do Porto, uma cotação recorde de 2 200 escudos contra a registada na passada terça-feira quando atingiu os 2 100 escudos.

A sessão de ontem ficou marcada pele continuação de uma procura animada que se manteve em posição de comprador, tendo-se transaccionado 1 700 títulos da primeira emissão e 825 da segunda.

Uma fonte do BPA justificou a subida das cotações dos títulos daquela instituição de crédito pela divulgação recente dos seus resultados do primeiro semestre, negando ainda a possibilidade de um aventado aumento de capital por incorporação de reservas e consequente atribuição de títulos gratuitos aos participantes o que reconheceu acontecer no ano seguinte.

Em Abril

Produção industrial cresceu 6,97 por cento

O índice de produção industrial registou, em Abril último, um acréscimo de 6,97 por cento relativamente ao mês anterior, produção apenas superior em 1,78 por cento à verificada no período homólogo de 1986.

Os dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística revelam terem sido as indústrias metalúrgicas de base as que registaram o maior acréscimo produtivo, comparativamente ao mês anterior, com valores superiores em 53,54 por cento, seguidas das indústrias químicas, das de derivados de petróleo e do carvão e ainda da indústria de construção de máquinas não-eléctricas com percentagens, respectivamente de 40, 18,16 e 13,47 por cento.

A variação mensal do primeiro quadrimestre demonstra um maior acréscimo na indústria extractiva, com valores de produção superiores em 9,11 por cento em relação ao ano passado, pouco superior ao registado pela generalidade da indústria transformadora com uma taxa de 4,4 por cento, contra uma regressão na electricidade e gás cuja actividade diminuiu 5,38 por cento.

As taxas de juro a aplicar aos depósitos a prazo a 180 dias da banca comercial junto do Banco de Portugal e a de aplicação aos Títulos de Intervenção Monetária foram, ontem, fixadas respectivamente em 15,9375 e 15,875 por cento.

Estes dois novos instrumentos financeiros, a entrar em vigor na próxima segunda-feira, incluem-se num pacote de medidas tendentes a alterar as actuais normas do Mercado Interbancário de Títulos em Portugal, visando uma maior remuneração dos recursos gerados pela banca.

Situação usualmente motivada pelos sucessivos cortes no crédito, o excesso de liquidez bancária sem contrapartida rentável, aliado aos elevados montantes de crédito mal-parado, têm afectado a gestão, principalmente, da banca nacionalisada, registando-se níveis baixos de remuneração dos seus recursos próprios.

As alterações agora aprovadas, junto com as operações de aquisição de liquidez por prazos de sete dias ou inferiores e a eliminação das operações de recompra antecipada no Mercado Interbancário de Títulos, foram consideradas, por diversos operadores, como uma espécie de «compensação» dos recentes cortes na concesão de crédito que, na opinião de responsáveis bancários, tem afectado tanto a gestão das instituições como das empresas impossibilitadas de expandir as suas actividades.

Fixadas as taxas para depósitos no Banco Central

As taxas de juro a aplicar aos depósitos a prazo a 180 dias da banca comercial junto do Banco de Portugal e a de aplicação aos Títulos de Intervenção Monetária foram, ontem, fixadas respectivamente em 15,9375 e 15,875 por cento.

Estes dois novos instrumentos financeiros, a entrar em vigor na próxima segunda-feira, incluem-se num pacote de medidas tendentes a alterar as actuais normas do Mercado Interbancário de Títulos em Portugal, visando uma maior remuneração dos recursos gerados pela banca.

Situação usualmente motivada pelos sucessivos cortes no crédito, o excesso de liquidez bancária sem contrapartida rentável, aliado aos elevados montantes de crédito mal-parado, têm afectado a gestão, principalmente, da banca nacionalisada, registando-se níveis baixos de remuneração dos seus recursos próprios.

EDITAL

RUBEM AMARAL JUNIOR, Cônsul Geral Adjunto do Brasil em Lisboa, faz saber que a cidadã brasileira JANICE CRISTINA DE SOUZA, filha de Francisco de Souza e de Clementina Estevam de Souza, pretende casar. Se alguém souber de algum impedimento, oponha-o na forma da Lei na Chancelaria do Consulado Geral do Brasil em Lisboa, sita à Praça de Luís de Camões, n.º 22-1.º esq.º.

Lisboa, 6 de Agosto de 1987

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	53$50	55$50
ALEMANHA FED. (marco)	77$25	78$45
ÁUSTRIA (xelim)	10$95	11$15
BÉLGICA (franco)	3$525	3$775
BRASIL (cruzado)	2$100	3$600
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	109$85	112$35
(notas de 5 a 1000)	110$35	112$85
DINAMARCA (coroa)	20$35	20$75
ESPANHA (peseta)	1$110	1$230
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	146$40	149$90
(notas de 5 a 1000)	146$90	150$40
FINLÂNDIA (marka)	31$95	32$55
FRANÇA (franco)	23$20	23$90
HOLANDA (florim)	68$55	69$65
IRLANDA (libra)	208$30	212$30
ITÁLIA (lira)	$097	$112
JAPÃO (iene)	$921	$976
NORUEGA (coroa)	21$25	21$75
REINO UNIDO (libra)	231$85	236$35
SUÉCIA (coroa)	22$25	22$75
SUÍÇA (franco)	93$00	94$50
VENEZUELA (bolívar)	4$50	5$50

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Confrontos violentos em seul entre a pol´cia e manifestantes que pediam a libertação de presos políticos. A Amnistia internacional divulgou ontem que ainda existem, na Coerai do Sul, mais de uma dezena de presos de consciência

O governo indiano anunciou ontem que a partir de agora todos os estrangeiros, à excepção de diplomatas e seus familiares, que tencionem residir mais de um ano no país terão de submeter-se a testes de SIDA. O anúncio foi feito no Parlamento pelo ministro da Saúde, Saroj Kharpade. Os representantes da imprensa estrangeira acreditados em Nova Deli terão igualmente de se submeter aos testes, mas não os turistas, como se afirmara anteriormente. Até ao momento registaram-se oficialmnete 13 casos de SIDA na Índia, incluindo nove indianos, dois norte-americanos e dois suiços. Peritos afirmam, no entanto, que o número real de casos de SIDA na Índia é bastante mais elevado.

Um avião ataca as chamas de um dos in milhares de hectares de floresta na ilha grega supostamente de origem criminosa, obrigaram turistas e habitantes locais

Aviões líbios bombardeiam Auzu

A Força Aérea líbia renovou ontem os bombardeamentos contra a disputada vila de Auzu e três centros civis do Norte do Chade, disse um porta-voz da Embaixada chadiana em Paris. Segundo o porta-voz, a aviação de Tripoli bombardeou Auzu, reconquistada sábado pelo Chade após 14 anos de ocupação líbia, bem como os oásis de Faya-Largeau, Uadi Dum e Unianga Quebir. Entretanto, o ministro francês da Defesa, André Giraud, advertiu a Líbia de que o seu país poder´facultar protecção aérea ao Norte do Chade, bombardeado pela aviação de Tripoli nos três últimos dias. «A França mantém o seu apoio à integridade territorial do Chade e não exclui a utilização de quaisquer meios, incluindo militares, para contribuir para essa meta», disse Giraud, numa entrevista transmitada pela Rádio francesa. No entanto, o ministro reafirmou que a França não participa na campanha do pesidente chadiano, Hissene Habré, para reconquistar definitivamente a disputada faixa de Auzu. Giraud declarou que a Força Aérea francesa poderá proteger as missões humanitárias que a França está a efectuar no Norte do Chade, desde que tenha a autorização do Governo de N'Djamena. A França mantém cerca de 1200 efectivos no Sul do Chade, a operar uma força de caças Mirage e bombardeiros Jaguar de protecção à capital, mas o Governo autorizou-os a realizar missões humanitárias e logísticas no Norte. Há consenso entre a direita e a esquerda, em Paris, sobre a não-intervenção das tropas francesas em Auzu para se evitar um confronto directo com a Líbia, numa altura em que a França está envolvida num conflito diplomático com o Irão.

Indonésia: pedida libertação de presos

A Amnistia Internacional apelou hoje ao Governo indonésio para que liberte um professor muçulmano de 73 anos, fisicamente incapacitado, e outros detidos idosos que «estão injustamente presos há mais de 20 anos». Em comunicado divulgado em Lisboa, esta organização defensora dos dreitos humanos afirma que estes são alguns dos 18 presos de consciência para quem a organização pediu a libertação ao presidente Suharto no dia da independência da Indonésia, assinalado em 17 de Agosto. A AI apelou ainda para que sejam comutadas todas as condenações à morte e salienta que há casos de presos que se encontram no corredor da morte há mais de dez anos. Na mensagem dirigida ao presidente Suharto, esta organização sediada em Londres assinala que os casos de presos de consciência muçulmanos são, na maioria, de pregadores e estudantes que nos últimos três anos foram presos por criticarem o Governo. Dois estudants presos em 1985 foram condenados a 10 e 15 anos de prisão por terem lido numa manifestação muçulmana, realizada em Jacarta um ano antes, um panfleto que criticava o Governo.

Filipinas: Enrile eleito senador

O antigo ministro filipino da Defesa, Juan Ponce Enrile, foi hoje oficialmente eleito senador, pondo fim a uma batalha de três meses pelo último dos 24 lugares que compõem o Senado do país. O Supremo Tribunal das Filipinas ordenara quarta-feira à comissão eleitoral que Enrile, adversário político da presidente Corazón Aquino, fosse declarado eleito no sufrágio realizado em Maio. «O Supremo Tribunal decidiu» — disse Aquino num breve comunicado. «Acredito no Supremo Tribunal e curvo-me perante a decisão do mais alto Tribunal do país». O antigo ministro do Trabalho, Augusto Sanchez, que se encontrava em 25.º lugar nas eleições para o Senado e com menos 73 000 votos do que Enrile, tinha pedido uma recontagem alegando que muitos dos votos entregues nas eleições de 11 de Maio tinham sido erradamente atribuídos a outro candidato, Gil Sanchez. Entretanto, o governo filipino, confrontado com uma série de assassínios, anunciou a criação de tribunais especiais, a instalação de barragens militares e o lançamento de uma campanha para encontrar armas sem licença.

REAGAN ASSUME RESPONSABILIDA PELO ESCÂNDALO IRÃO-CONTRAS

O presidente norte-americano, Ronald Reagan, assumiu ontem a plena responsabilidade pelo caso Irão-Contras, mas criticou os seus ex-assessores por o não terem informado do desvio de fundos das vendas de armas ao Irão para os rebeldes anti-sandinistas.

«Nenhum presidente deve ser protegido contra a verdade», disse Reagan numa discurso ao país transmitido pela televisão. O presidente reiterou a sua intenção de recuperar e manter o controlo da agenda nacional e centrar a atenção sobre os seus objectivos para o resto do mandato.

«Faltam cumprir 17 meses a esta administração e quero que sejam produtivos e prósperos para o povo norte-americano. Tenciono obter aquilo que queriam aqueles que aqui me puseram: dirigir a nacão até às metas que nos propusemos quando me elegeram», acrescentou Reagan.

O presidente afirmou que não apresentaria desculpa ao povo norte-americano e que assumia a responsabilidade do escândalo Irão-Contras, mas deixou, contudo, sem resposta muitas perguntas cruciais sobre o assunto.

Os democratas afirmaram, entretanto, estar dispostos a cooperar com Reagan no ultrapassar do escândalo, mas exigem que os implicados na operação assumam a responsabilidade das suas acções.

Compromisso com os «contras»

Entre as questões «prioritárias» para os próximos 17 meses, Reagan salientou ontem a do apoio aos «contras» da Nicarágua e as conversações com a URSS sobre desarmamento.

Reagan afirmou que está «totalmente comprometido com a resistência democrática» nicaraguense e disse estar satisfeito com a assinatura, no dia 7, do acordo de

paz pelos cinco presidentes da América Central, mas chamou a atenção para a sua própria iniciativa de paz

Renamo ataca em força no Sul de Moçambique

Combates de grande envergadura estão a travar-se nas provincias de Gaza e Inhambane, no sul de Moçambique, disserem ontem à Lusa fontes militares.

Em Manjacaze, distrito situado a cerca de 100 quilómetros do Xai-Xai, província de Gaza, um ataque de Renamo provocou, na madrugada de terça-feira, pelo menos 43 mortos e 25 feridos.

«Os feridos internados no hospital do Xai-Xai apresentam golpes provocados por bala e baioneta», disse o ministro da Saúde, Fernando Vaz.

O governo provincial de Gaza formou brigadas de apoio aos sobreviventes e familiares dos mortos, cujo número deve aumentar, já que, segundo informações de pessoas que chegaram a Maputo provenientes de Manjacaze, estãoa aparecer cadáveres em diversos pontos da região.

A Agência de Informação de Moçambique, AIM, referiu que «os bandidosarmados destruiram as dependências do Banco Popular de Desenvolvimento, diversas lojas, assaltarm o edificio do Conselho Executivo, o armazém distrial e dinamitaram a central eléctrica em Manjacaze».

Alguns comerciantes e trabalhadores portugueses encontram-se naquela zona desde há longo tempo. Não foi possível até agora saber a situação em que se encontram.

Fontes diplomáticas e governamentao contactadas pela Lusa afirmaram temer que se repita um ataque idêntico ao de Homoine, onde 402 pessoas foram mortas.

Polícia sul-afric detém 78 sindic

A polícia sul-africana declarc dicalistas negros no terceiro dia tada de centenas de milhar de n ro. Um comunicado do coman refere que os membros do Sind ros (NUM) foram presos nas Klerksdorp, a oeste de Joanesb gunda-feira no Tribunal sob acu ra cometer assassínios» e outrc

O secretário-geral do NUM, cou a intervenção policial, du membros do Sindicato, de manc que reúne as entidades patrona magar a greve e deixar os grev gundo Ramaphosa, as detenções 177 o número de mineiros pres no domingo à noite.

Entretanto, os trabalhador Rand, em Germiston, onde é re taram esmagadoramente a favor

Por outro lado, a empresa An dirá cerca de 2.500 mineiros da ne, no Estado livre de Orange, turno desta noite, alegando que NUM não é ali reconhecido.

dos incêndios que têm destruido grega de Rodes. Os incêndios, garam as autoridades a evacuar

ADE

7 apresentada um dia antes da «cimeira» da Guatemala.

u - O presidente expressou, por outro lado, o seu optimismo quanto às negociações com Moscovo, afirmando estar convicto de que tá «muito em breve» os Estados Unidos e a União Soviética chegarão a um acordo «histórico» para eliminar os mísseis nucleares de médio e curto alcance.

Outra das prioridades ontem estabelecidas por Reagan diz respeito à procura da «estabilidade» no Golfo Pérsico.

ricana

dicalistas

eclarou ter detido ontem 78 sin - ro dia da greve de duração ilimi - de mineiros do carvão e do ou - omando da polícia, em Pretória, Sindicato Nacional dos Minei - s nas instalações sindicais em anesburgo, e comparecerão se - b acusação de «conspiração pa - outros delitos.

UM, Cyril Ramaphosa, classifi - al, durante uma reunião de 300 manobra da Câmara das Minas, tronais, e do governo «para es- grevistas sem dirigentes». Se - tenções de ontem elevaram para s presos desde o início da greve,

adores negros da refinaria do e é refinado o ouro do país, vo- favor da adesão à greve.

sa Angloval anunciou que despi- os da sua mina de ouro de Lorai - ange, se não se apresentarem no o que a greve é ilegal porque o do.

Itália propõe "forum" europeu para debater situação no golfo Pérsico

O ministro italiano dos Negócios Estrangeiros, Giullio Andreotti, afirmou-se ontem disposto a participar numa reunião ministerial de países da Europa Ocidental para debater a segurança da navegação no Golfo Pérsico. A Itália rejeitou um pedido dos Estados Unidos para participar em operacões de detecção de minas, mas poderá alterar a sua posição na sequência de decisão britânica e francesa de enviarem draga-minas para as águas do Golfo.

Andreotti, que se encontra de férias na estância de Cortina O'Ampezo, foi entrevistado pela rádio acerca das notícias de que a França e a Grã-Bretanha vão enviar separadamente draga-minas para o Golfo a fim de proteger os seus navios na área.

Na entervista, Andreotti reafirmou a posicão do seu governo, segundo a qual as operações de detecção de minas deviam ser feitas sob os auspicios de um organismo internacional, como as Nações Unidas, mas acrescentou que a Itália estádisposta a participar em qualquer reunião a nivel ministerial dos seus aliados para debater o problema.

Na terça-feira à noite, o ministro italiano da Defesa, Valerio Zanine, lamentou que os países europeus estivessem a agir isoladamente. Acrescentou que a Itália está aberta a uma iniciativa europeia coordenada em relação ao Golfo Pérsico e sugeriu que a União Europeia Ocidental era o melhor forum para esta abordagem.

Entretanto, a armada norte-americana transformou um navio fretado num draga-minas improvisado e colocou-o à frente de um comboio de vasos de guerra e petroleiros na passagem mais perigosa do Golfo, a área onde o superpetroleiro «Bridgeton» embateu numa mina no fim de Julho.

A rádio de Teerão advertiu ontem a Grã-Bretanha e a França que os seus navios poderão ser alvo de ataques se o «Iraque causar mais problemas com o recomeço dos bombardeamentos contra as instalações industriais e petrolíferas iranianas».

« Se os governos britânico e francês pretendem ficar ao lado das forças norte-americanas implementando as políticas agressivas da administração Reagan, estamos preparados para repetir os acontecimentos do Líbano que resultaram na sua fuga», ameaçou a rádio Teerão.

Estes dois países, em conjunto com a Itália e os EUA, enviaram uma força multinacional para o Líbano em 1982 mas retiraram-se depois de camiões com explosivos terem sido lançados contra os quartéis das forças francesas e norte-americanas em Novembro de 1983, provocando a morte de 300 soldafdos.

Diplomata detido

O ministro saudita dos Negócios Estrangeiros, principe Saud Al-Faisal, apelou ontem ao Irão para libertar um diplomata ferido em Teerão na sequência dos recentes incidentes de Meca. Quatro diplomatas da Embaixada saudita e dois da representação do Kuwait foram detidos no dia 1 de Agosto quando uma multidão atacou as suas missões em Teerão em protesto contra os incidentes de Meca. Três dos diplomatas foram já libertados.

RFA e RDA trocam cinco espiões

A Alemanha Federal trocou ontem três espiões ao serviço do Leste, um deles considerado um nome grande do meio, por dois agentes de Bona detidos na República Democrática Alemã, revelaram fontes governamentais.

Manfred Rotsch, de 63 anos, que forneceu à União Soviética os planos confidenciais do avião de guerra «Tornado», foi entregue às autoridades da RDA na zona fronteiriça de Herleshausen, juntamente com dois outros espiões de menor importância.

Rotsch, que apesar de ter nascido na RDA, exercia as funções de director do departamento de pesquisa da maior companhia aero-espacial da Alemanha Federal, foi condenado a oito anos e meio de prisão em Julho de 1986 por ter passado o projecto secreto do avião de combate «Tronado» à URSS.

Em troca a RDA libertou Christa-Karin Schumann, de 52 anos, companheira de um oficial de alta patente da Marinha de Guerra da RDA (executado em 1979 por espiar a favor do Ocidente) e Wilhelm Wilms, um antigo agente da contra-espiongem alemã-federal, condenado a prisão perpétua em 1983 pela mesma razão.

O jornal «Bild» adiantou, entretanto, que a troca de espiões foi da responsabilidade do secretário de Estado alemão-federal dos Assuntos Inter-Germânicos, Ludwing Rehlinger, e de um advogado de Berlim Oriental, Wolfang Vogel- ambos veteranos em acções do género.

Fontes governamentais de Bona referiram que a entrega de Christa-Karin Schuman está claramente relacionada com a visita do lider da RDA, Eric Honecker, à Alemanha Federal, marcada para Setembro. Segundo o «Bild», Schumann, que cumpria uma pena 15 anos de prisão, não via o sol há anos porque «o pátio da penitenciária onde se encontrava foi coberto por uma rede de camuflagem».

Quanto a Rotsch, considerado um mestre da espoionagem, foi classificado em Tribunal como «o agente do KGB que mais tempo conseguiu trabalhar na Alemanha Ocidental». Durante 30 anos, desde 1954, pasou informações secretas para Moscovo, incluindo planos de alta tecnologia militar da companhia onde trabalhava.

« O agente do KGB que mais tempo trabalhou na Alemanha Federal», Manfred Rotsch, entrando para um carro durante a troca de espiões entre as duas Alemanhas

24 HORAS

IRA coloca seis bombas em Belfast

Elementos pertencentes ao Exército Republicano Irlandês (IRA) colocaram quarta-feira seis bombas num parque industrial de Belfast, dando origem a um incêndio que envolveu um armazém de vestuário e danificou uma fábrica de mobiliário, disse a Polícia. Um grupo de indivíduos, armados e com máscaras, manteve reféns os guardas da segurança antes de colocar as bombas no armazém, situado no Parque Industrial de Dunmurry. As bombas iam explodindo no interior do armazém enquanto a Polícia evacuava a área.

Sendero Luminoso mata seis camponeses

Elementos do Sendero Luminoso assassinaram seis camponeses e fizeram descarrilar um comboio, anunciou quarta-feira a polícia de Lima. Os seis camponeses foram mortos por se negarem a colaborar com a «luta armada», em várias comarcas vizinhas no departamento de Apurimac. As vítimas foram atingidas a tiro pelos guerrilheiros, na altura em que na cidade de Abancay, capital do mesmo departamento, se realizava o funeral do prefeito Gilbert Urbiola, assassinado juntamente com o seu filho de 12 anos.

Processos contra jornais chilenos

Um juiz civil resolveu na quarta-feira processar os directores de quatro jornais da oposição por publicarem publicidade paga do ilegalizado Partido Comunista do Chile. A resolução, adoptada pelo juiz Jorge Varela, após deferir um requerimento governamental, acusa os directores dos periódicos «La Epoca», «Fortin Mapocho», Emilio Filipi e Ismael Llona, e dos semanários «Aspi» e «Analisis», Marcelo Contreras e Juan Pablo Cardenas, respectivamente. Os quatro jornais da oposição publicaram nos dias 19 e 20 de Julho uma extensa comunicação do Partido Comunista, na qual, entre outros pontos, convidava a população para a «rebelião popular de massas» a fim de acabar com a ditadura».

Tunísia: informações a todo o custo

A Tunísia ofereceu ontem «avultadas recompensas» por informações que conduzam à detenção de responsáveis pelos quatro atentados bombistas registados em 2 de Agosto em estâncias turísticas e que provocaram 13 feridos. É a primeira vez que as autoridades tunisinas oferecem recompensas para «quem ajudar as forças de segurança a localizar e deter» os responsáveis pelas explosões em estâncias de veraneio na costa oriental do país.

Brasil: dois mortos num motim

Dois presos morreram e mais de 20 ficaram feridos durante a repressão policial de um motim ocorrido quarta-feira na Cadeia «Bernardino Bandera» do Bairro de Bangu, no Rio de Janeiro. Segundo a direcção do centro penitenciário, os incidentes começaram quando 30 detidos tentaram invadir o armazém da comida e foram repelidos a tiro por dois guardas armados. Depois dos primeiros disparos, o director do presídio tentou negociar com os amotinados, mas foi feito refém e libertado horas mais tarde pelas forças antidistúrbios da Polícia Militar. As emissoras de Rádio informaram que depois da entrada da Polícia se verificou um intenso tiroteio no interior da prisão.

Nigéria quer armas nucleares

A Nigéria deveria desenvolver as suas próprias armas nucleares para evitar uma «chantagem nuclear» por parte da África do Sul, defendeu o ministro nigeriano dos Negócios Estrangeiros Bolaj Akinyemi. «É importante para a Nigéria considerar o espectro de uma possível - se não mesmo provável -chantagem nuclear, não apenas por parte da África do Sul, cada vez mais cercada pelo ostracismo económico internacional, mas também por outras potências nucleares», disse Akinyemi num discurso em que perspectivava os próximos 10 anos no país.

Edwin Meese chegou a Pequim

O secretário norte-americano da Justiça, Edwin Meese, chegou quarta-feira a Pequim para participar num simpósio sobre legislação a realizar entre 17 e 19 de Agosto, informou a agência de notícias Nova China. Meese, que se encontra acompanhado pela mulher e vários peritos, foi recebido no aeroporto da capital pelo seu homólogo chinês, Zou Yu, e pelo embaixador norte-americano em Pequim, Winston Loyd.

Sábado é dia de assembleia da Federação de Futebol

Associações contra "operação plástica"

O «grupo dos seis» qualificou de «complicada» a ordem de trabalhos da assembleia geral extraordinária da Federação Portuguesa de Futebol, marcada para sábado, e acusou os subscritores da reunião de procurarem efectuar uma «operação plástica» à direcção federativa.

A complicada ordem de trabalhos não consegue disfarçar o objectivo pretendido, isto é, a tal «operação plástica», à direcção da FPF — referem as Associações de Futebol de Aveiro, Setúbal, Santarém, Lisboa, Coimbra e Viseu, em comunicado enviado ontem às suas congéneres.

As seis associações contestatárias, que na assembleia de 13 de Junho viram derrotada uma proposta de demissão do elenco presidido por Silva Resende, sublinham que a reunião de sábado pretende apenas **recompor a direcção da FPF, mantendo o mesmo presidente, premiando algumas associações «fiéis» com um lugar na direcção e punindo os «rebeldes» com a exclusão.**

Apesar do voto de confiança recebido em 13 de Junho, os dirigentes federativos colocaram posteriormente os lugares à disposição, à excepção de três directores que sempre recusaram renunciar voluntariamente aos cargos, preferindo ser «julgados».

As associações «rebeldes» consideram que a assembleia de sábado é **uma desesperada manobra para alterar a fatal evolução dos acontecimentos,** em que — dizem — tentar-se-á **imputar a culpa de tudo o que de mau se tem vivido no futebol portuguê aos três dirigentes que não aceitaram (e dignamente) demitir-se e também aos suplentes,** que não são **ouvidos nem achados em todo o processo.**

«Porque não estamos dispostos a alterar o nosso comportamento inicial sempre frontal e aberto, não podemos aceitar este tipo de cenário injusto e lesivo da dignidade do futebol nacional» — refere o comunicado, em que o «grupo dos seis» volta a defender a destituição em bloco da direcção federativa como «a única posição eticamente defensável».

Assim, as associações de Aveiro, Setúbal, Santarém, Lisboa, Coimbra e Viseu convidam as suas congéneres para uma reunião a realizar amanhã, em Lisboa, para discutir uma «tomada de posição conjunta na votação da ordem de trabalhos» da assembleia geral extraordinária de sábado.

Amândio Carvalho deve sair

Entretanto estamos em condições de adiantar que tudo se conjuga para que o «grupo dos seis» não venha a ter aderentes e por parte da AF Porto (apoiada por outras mais) o propósito será segurar o dr. Silva Resende, enquanto que tudo aponta para a saída do eng.º Azevedo Felix e do coordenador das selecções Amândio de Carvalho que deverá ser substituído, naquelas funções, pelo «vice» Pais do Amaral. Entretanto Braga e Leiria deverão «meter» um elemento no remodelado elenco.

Sporting, 3 - Bétis de Sevilha, 1

OCEANO FOI A "COBRA" EM NOITE DE CASCAVEL

Alves Henriques

Foram vários os milhares de associados do Sporting que responderam ao apelo dos seus dirigentes Amado de Freitas e Paulo Abreu, puxando o cordelinho da bolsa e tirando de lá uma notinha de mil para gozar o belo momento de ver Paulinho Cascavel pela primeira vez a vestir com a camisola do leão sobre o peito, quando na noite de ontem o clube de Alvalade defrontou o Bétis de Sevilha, que, como é sabido, tem como treinador o inglês John Mortimore recentemente «despedido» pelos dirigentes do Sport Lisboa e Benfica.

Três-um foi o «score» favorável à turma «leonina» que, no onze apresentado por Burkinshaw — e ele não procedeu a qualquer substituição ao longo dos noventa minutos — integrou seis brasileiros, um cabo-verdiano e um inglês. Quanto a «portugas» lá estiveram os jovens Rui Correia, Vítor Santos e o «capitão» Venâncio.

Tratou-se de um excelente «ensaio» do quadro «leonino» que voltou a evidenciar um estilo de futebol versátil, imaginativo, criador e com lances de algum regalo, por força da clarividência de alguns, inteligência de outros, esclarecimento de quase todos, visão de jogo dos homens da «coluna dorsal» e movimentação de todas as peças do xadrez.

Magnífica exibição rubricada por Mário, Marlon e Silvinho mas o destaque supremo vai para OCEANO. Que maravilhosa e espantosa actuação, deste poderoso «operário especializado»! Ele encheu o relvado por força da força físico-atlética, e sobretudo dos miolos naquele «miolo» do campo. Espantosa exibição. Oceano foi realmente a cobra na noite de Cascavel. A facilidade com que se movimenta no rectângulo, a visão nos lances, o esclarcimento nos passes, o sentido posicional, a rigidez na desmarcação, a forma como «apontou» o jogo, tudo perfeito.

Outras referências: **Venâncio** (agora promovido a «capitão») rubricou dois golos e só isso já seria bastante para a nota vinte, mas o «stoper» da renovada turma de Alvalade não cometeu qualquer «fífia» durante todo o encontro. Ele será o futuro «patrão» e.pensamos que o seu rendimento melhorará quando Morato recuperar a forma total, já que Duílio não se nos afigura o defesa firme e seguro para se situar junto de Venâncio; quanto a **Mário e Silvinho,** eles surgiram na plenitude das suas capacidades e não lhes topámos o mínimo hiato; **Marlon** esteve impecável: fulgor a rodos e muita versatilidade, jogando como falso «ariete» está no plantel colocado em cimento armado.

No que se refere a **Paulinho Cascavel** esperem mais uns dias porque o goleador-mor no «nacional» da última temporada, está em fase de entrosamento no seu novo «quadro» mas possuído de todas as virtudes que o tornaram como o mais discutido e disputado futebolista ao serviço do luso futebol.

Quanto aos demais, nada de negativo a registar. A máquina parece afinada e Burkinshaw e Fernando Mendes saberão dar-lhe a lubrificação bastante que a torne em funcionamento pleno e sem falhas.

O jovem substituto de Vítor Damas, Rui Correia, ainda que não tenha sido «convidado» a trabalho mais forçado, cumpriu por forma a merecer o aplauso do seu velho companheiro que, obviamente, não se demitirá de continuar a ser o titularíssimo da camisola n.º 1, mas que, tem ali um digno continuador, não restam dúvidas.

Vítor Santos parece disposto a discutir o lugar que parecia disponível apenas para Fernando Mendes ou Mário Jorge. Muito bem no desarme, nas «investidas» pelo seu corredor lateral e nas «dobras» aos companheiros do sector.

Sobre o inglês **Sealy** não vimos que tenha sido lucrativa a sua «troca» por Meade, todavia não queremos arriscar juízos de valor precipitados. As conclusões ficam para mais tarde.

Bem, esta noite os «leões» terão novo exame, agora no palco da Luz frente ao Benfica em jogo a contar para a Taça de Honra da associação lisboeta. Lá estaremos.

Sob a arbitragem de **Pinto Correia,** de Lisboa, as duas equipas apresentaram as seguintes formações:

SPORTING: Rui; João Luís, Duílio, Venâncio, Vítor Santos; Sealy, Oceano, Mário; Cascavel, Marlon e Silvinho.

BÉTIS: Cervantes (Salva, 80 m); Calleja, Quico, Gail e Diego (Morena, 88 m); José Luís (Cristobal, 76 m), Rincon (Melena, 61 m), Chano (Pires, 70 m); Gabino, Reys e Yanez.

Resultado ao intervalo: 2-0.

Golos: por Calleja (na própria baliza) e Venâncio , aos 31 e 87 minutos (pelo Sporting) e Yanez (89 m) pelo Bétis.

PONTA ESQUERDA

Álvaro Silva: 2.º em Viareggio

Álvaro Silva classificou-se ontem em 2.º lugar, com o tempo de 1:48.54 minutos, na prova dos 800 metros do torneio de atletismo de Viareggio, na Itália.

O vencedor foi o marroquino Said Nhand, com 1:48.23 minutos.

Italiano lança mais longe

O italiano Alessandro Andrei cometeu a extraordinária proeza de bater por três vezes o recorde mundial do lançamento de peso, no decurso do torneio internacional de atletismo de Viareggio, na Itália, fixando-o finalmente em 22,91 metros.

Alessandro Andrei começou por fixar o recorde em 22,72, à terceira tentativa da sua prestação, em 22,84 metros à quarta e, finalmente, em 22,91 metros à quinta tentativa.

O recorde anterior estava em poder de Udo Beyer, da República Democrática Alemã, e era de 22,64 metros, alcançado em Agosto de 1986.

Natação: portugueses em Estrasburgo

Para participar nos «europeus7 de Estrasburgo, partem esta tarde (15 horas) para aquela cidade, os seguintes nadadores portugueses: Alexandre Yokochi, João Santos, Rui Borges, Sérgio Esteves, Mabílio Albuquerque, Artur Costa, Vasco de Sousa, Pedro Soares, Sandra Neves e Alexandra Nogueira.

Integram a comitiva os treinadores Shintaro Yokochi e Júlio Borja, o massagista José Rosado, o director técnico nacional, professor José Sacadura, e os dirigentes Sajara Madeira e Carlos Monteiro.

Na "apresentação" de Manuel Fernandes

Benfica venceu Vitória de Setúbal

O Benfica venceu o Vitória de Setúbal por 2-1, em jogo «amistoso» e de preparação de ambas as equipas, realizado no Estádio do Bonfim, perante uma assistência de cerca de 10 000 espectadores.

Sob a arbitragem de Ezequiel Feijão, de Setúbal, as equipas alinharam:

Vitória de Setúbal: Meszaros, Crisanto, Fidalgo, Zezinho e Quim; Paulo Roberto (Maside 59 m), Flávio e Szentes; Manuel Fernandes (Marks, 45), Hernâni e Vítor Madeira.

Benfica: Delgado; Veloso (Damas 62 m), Edmundo, Mozer e Álvaro (Fonseca, 45 m); Dito (Samuel 82 m); Hajry, Nunes (Tueba, 45 m) e Rui Águas (Tó, 45 m); Wando e Diamantino (Chiquinho - 27 m).

A estreia de Manuel Fernandes ao serviço dos sadinos não foi auspiciosa, pois o ponta de lança que envergou o número 9 esteve apagado, salvo numa ou noutra intervenção, não tendo alinhado no segundo tempo.

Inicialmente o Benfica foi de facto uma equipa muito solta, não obstante a marcação cerrada de que foi alvo mas a falta de entrosamento dos centrais sadinos foi motivo para o primeiro golo quando **Zezinho,** ao atrasar o esférico para Meszaros, não mediu as distâncias.

O segundo golo de **Rui Águas,** também por culpa da defesa sadina, foi a demonstração do pendor atacante do Benfica.

No segundo tempo o Benfica procurou segurar o resultado, mas a entrada de Marks Maponyane, o sul-africano à experiência no Vitória, veio dar grande dinamismo à equipa da casa, que mostrou então uma grande alegria de jogo, com o húngaro Szentes sempre em bom plano.

O guardião Delgado foi muito solicitado e o golo sadino veio num remate surpresa de **Hernâni** sem hipótese para o n.º 1 da Luz.

Outros jogos

Realizaram-se outros encontros por aí, e, dos que chegaram ao nosso conhecimento, os resultados: Portimonense, 2-Independiente de Buenos Aires, 1; Sporting de Braga, 2-Gil Vicente, 0; Olhanense, 2-Farense, 1; Juventude de Évora, 2-Elvas, 1; D. Guarda, 1-Castelo Branco, 0; União de Almeirim, 3-U. Montemor, 4; Sintrense, 1-Barreirense, 1; Estrela da Amadora, 0-Colo-Colo (Chile), 2; Cova da Piedade, 3-União de Santarém, 0; Ermesinde, 1-Salgueiros, 0; Varzim, 3-Aljazir, 2; Tirsense, 1-Espinho, 2; Silves, 0-Lusitano de Évora, 0 e Penafiel, 2-Gil Vicente, 0.

Taça de Honra da AFL Hoje: 1.ª jornada, na Luz

Terá lugar a partir das 20 horas, no Estádio do SLB a 1.ª ronda da Taça de Honra da AFL com Belenenses-Oriental e Benfica-Sporting no programa. A 2.ª ronda decorrerá no final da tarde de domingo.

NÃO SE ACONSELHAM DIURÉTICOS E TAMBÉM NÃO SE RECOMENDA ESTRICNINA

Neves de Sousa
nosso enviado especial

Pois, foi isso mesmo: camisola amarela novamente escapulindo-se do tronco de Manuel Cunha, desta feita em proveito de um súbdito de Sua Majestade britânica, contra-relógio efervescente corrido com um largo punhado de magníficas assinaturas, os maiorais arrumando as suas casas e varrendo os minorcas da portaria, Boavista cimentando cinco homens na dezena e meia de mais cotados e, ao fim do dia, com calor infernal, a necessidade do director da prova (Serafim Ferreira) cometer obra para indulgência plena ao antecipar de quinze quilómetros a autorização para que o esquadrão pudesse reabastecer-se de água fresquinha, evitando desidratações ou insolações, afastando o perigo de qualquer ciclista sucumbir ante a lonjura das fontes e recebendo, em uníssono, uma ovação do pelotão. Bem, depois disso, foi uma festa até Vila Pouca de Aguiar: e Paulo Pintó (sem necessitar de grande esforço) a tornar-se paralelo de Serafim Vieira, com duplos sucessos em etapas desta «Volta».

Por esta prosa, o leitor ficou com a ideia definida: de manhã, no contra-relógio em Macedo de Cavaleiros, luta muito assanhada, verdadeiramente curiosa, especialmente porque se realizou nova triagem de figuras de cartaz, com 62 artistas em bloco e, lá para trás, somente alguns daqueles que toda a gente vê que já não se aguentam nas canelas, excepção feita ao francês Bernard Richard (o sobrevivente dá Fagor) que, por força de uma avaria na máquina, perdeu um minuto e treze segundos, mas permanecendo na escala geral no mesmo 20.º posto que já conhecia.

Ora, meus caros, nada de muito saliente se impondo para relatar das operações vividas no percurso que foi charneira entre Macedo de Cavaleiros e Vila Pouca de Aguiar, talvez seja melhor andar um nadinha para trás. Mas, se o permitem, sempre direi (antes de colocar ponto final em pequena história) que mais um homem disse adeus (Antonio Gomez, espanhol, do Feirense/Ruquita) ficando o cortejo reduzido a 74 cabeças. Que o único esboço de fuga pertenceu a Luís Filipe (Olhanense/Stand Custódio) que apenas lucrou um êxito na meta volante instalada em Mirandela (à frente do sangalhense Pedro Silva e de Paulo Pinto, o futuro arquitecto que defende a entidade patronal que é comandada por Venceslau Fernandes) e que uma outra pálida tentativa do salgueirista Gaspar Gonçalves nem chegou a durar meia contagem do minuto.

Na segunda meta volante da tarde, continuava todo o bloco a passo de ganso: Pedro Silva, António Fernandes (Sicasal/Torreense) e Paulo Pinto conseguiram ser distinguidos como os donos do dinheiro equacionado pela boa gente de Murça e colocado ao dispor juntinho à porca que é símbolo da terra.

José Xavier: no rosto a evidência do esforço que o levaria à vitória na prova do contra-relógio em Macedo de Cavaleiros

Cayn Theakston: ontem, um líder que sonhava com o triunfo final. Um sonho que terminava ao km. 13 da prova deste dia 13

Uma hora de corrida: 36 quilómetros. Contagem para o prémio da montanha em Levedeira: José Santiago (Boavista/Sportlis), Orlando Neves (Feirense/Ruquita) e António Alves (outro homem de xadrez) foram os que tinham a roda dianteira da bicicleta um nadinha à frente da concorrência. Duas horas de andamento: 67,5 quilómetros. Meta a cinco mil metros do risco branco: o sportinguista, Paulo Ferreira a arrebanhar um troféu. E, em seguida, o enorme maralhal a entrar na Rua Dr. Carlos Alberto Pereira de Sousa, para que a população de Vila Pouca de Aguiar tivesse pretexto para bater palmas a ver de perto os estradistas. Como se constata, nada de novo na frente voltista.

O que tinha de acontecer escolheu o contra-relógio para palco. Manuel Ferreira (Sport Lisboa e Marinha/Terminorma) foi o primeiro deslizante sobre o percurso, gastando 36 minutos e 4 segundos para cumprir os 22 quilómetros. Depois, a redução de tempo passou a ser uma quase constante, até que apareceu o sangalhense Pedro Silva a correr à média de 40,470 (32,37 s), e por aí fora até Jorge Silva (Sicasal/Torreense): 32,01 s, correspondentes a 41,228 k/h. Mal se adormecia sobre essa «performance» e já surgia melhor: Hélder Domingues (Salgueiros/Malhas Comax) a correr em 31,22 s, à velocidade de 42,082 k/h.

— Tenho 22 anos e nasci em Tavira mas moro em Vila Franca de Xira.

E contou-nos mais:

— Comecei como aspirante, no Rodaplana. Depois, como júnior, estive no Carnide e no Tavira. Já como sénior, andei novamente com a camisola do Carnide, passei pela Venda do Pinheiro, tornei pela terceira vez ao Carnide, transferi-me para o Olhanense e agora estou no Salgueiros.

Serralheiro em Castanheira do Ribatejo, o alegre Hélder Domingues confessa:

— Será difícil sair do pelotão: tenho receio de me aventurar e acabar por ficar no caminho.

O Salgueiros/Malhas Comax paga ao rapaz mas se não fossem umas ajudas de certas firmas, que dão algum material, o rapaz andava nesta Volta quase a ver navios.

— Mas quero acabá-la: era o meu sonho. E, já agora, se me sentir bem e me deixarem, gostava de fazer uma escapada. Favorito para ganhar a corrida? Manuel Cunha. Sim senhor, mesmo que perca a «amarela» antes do último contra-relógio.

Mudança de sol

E perdeu mesmo, já lá chegaremos. É que o circuito em Macedo de Cavaleiros ia conti-

Continua na pág. 16

MARTANO
Com o exclusivo Stand Jasma
Cova da Piedade — 2800 ALMADA Telefone: 229 37 80

assim vai o totobola

PARA O CONCURSO N.º 33/87 DE 16 DE AGOSTO DE 1987

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO

penalti: 111 212 11X 1221; Jornal de Amarante: 121 111 111 1X12; Jornal da Beira: 2X1 121 111 1X21; Correio de Coimbra: XX1 1X1 111 XXXX; Correio do Vouga: 111 211 X12 1211; Defesa de Espinho: X11 21X 1X1 12XX; O Diário: X11 221 1X2 1X21; Diário de Lisboa: 2XX 21X 111 X12X; Folha do Domingo: 121 11X 111 X111; Ecos de Cacia: X21 2X1 111 211X; Eu Sei Tudo: 111 212 111 XX1X; Jornal de Felgueiras: X11 1XX 1X1 1XX2; Jornal do Fundão: XX1 211 111 1XX1; Maria da Fonte: 2X1 2X1 111 X212; O Mensageiro: X11 1X2 1XX 11X2; No Estúdio e no Estádio: 1X1 12X 111 1XX1; Notícias de Felgueiras: X11 X2X 1X1 XXX2; Notícias de Gouveia: 111 212 211 11XX; Notícias de Guimarães: 211 1X2 X2X 12XX; Reconquista: 111 221 112 2112; Rádio Altitude/Informação Desportiva: X11 21X 111 1211; RR/Rádio do Desporto: X11 2X1 11X XX21; RR/Bola Branca: 111 111 X1X 1111; RR/Desporto: 2XX 112 X11 11XX; Rádio Sports: 1X1 X11 111 1111; Jornal de Santo Tirso: 1X1 211 1X1 12XX; Voz do Ave: 111 1X2 1X1 X111; A Voz do Domingo: 111 111 111 1XXX; Voz de Lamego: 111 X11 121 2X1X; Rádio Altitude/Desporto Regional: 111 111 111 1111; Panorama Desportivo/Rádio Guarda: 221 1X1 1X1 X1X1; Rádio Guarda: 11X 122 2XX 1211; Pista de Dança/Rádio Altitude: XX1 211 X11 XXX2; RDP Antena Um/Tarde Desportiva: XX1 211 111 21X1; RDP Antena Um/Livre e Directo: X21 X2X 111 X2X1; A Ordem: 211 X11 111 2X12; Litoral: 221 2X1 X2X 2221; RR/Desporto Regional: XX1 211 1X1 122X; Linhas de Elvas: 111 X12 1X1 12X2; Jornal da Lixa: 1X1 1XX 111 X111; Notícias de Viana: 121 211 XX1 X21X; A Defesa: X1X 211 X21 1X21; Comércio de Leixões: X21 2XX 111 1X11; De Tudo Um Pouco: 2X1 XX1 111 X21X; Jornal de Gaia: XX1 21X 111 1X21; Jornal da Graça: 22X 2X1 121 222X; Quadrante Norte: 12X 11X 111 X21X; Repórter do Dia: 111 1X1 11X 2121; Resenha Desportiva: X21 X12 111 1XX1; Rádio Porto: 211 X12 111 1211; Alvo Desportivo: 111 111 212 X111; Rádio Alvo: X21 X22 XX1 11X2; Alvo: 1X1 X1X X21 1XXX; Alvo Suplemento: X11 1X1 11X 211X; A Voz dos Ridículos: 1X1 221 111 X111; Estúdio 64: 111 111 111 1111.

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. Arsenal-Liverpool	25	20	11	6	4	2
2. Charlton-Nottingham	27	17	12	6	4	2
3. Chelsea-Sheffield	50	6	0	11	1	1
4. Coventry-Tottenham	21	11	24	4	2	6
5. Derby-Luton	31	16	9	7	3	2
6. Southampton-Manchester U.	31	13	12	7	3	2
7. Watford-Wimbledon	43	10	3	9	2	1
8. West Ham-Queen's Park	37	13	6	8	3	1
9. B. Leverkusen-Nuremberga	43	9	4	9	2	1
10. Estugarda-B. M'Gladbach	30	17	9	6	4	2
11. Bochum-Colónia	20	19	17	4	4	4
12. Kaiserslautern-W. Bremen	25	20	11	6	4	2
13. Karslruher-Schalke 04	28	18	10	6	4	2

1ª) — Nos termos do Art.º 14 º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
111 211 111 1111

49.ª Volta a Portugal

Continuação da pág. 15

PINTO "CANTA DE GALO"

nuando e o magro «clube dos 31» a ser derrubado pelo tempo do sportinguista José Xavier: 30m12s. À média de 43,708. Chegou e sobrou, porque o tal «clube dos 31» enchia-se de associados, mas ninguém batia Xavier. Foi o que aconteceu com os seus parceiros Manuel Zeferino, Américo Silva e Jacinto Paulinho, o francês Richard, o feirense António Araújo, os torreenses António Pinto e Fernando Fernandes, o sangalhense Eduardo Correia, os boavisteiros António Alves e Manue Neves, com este rapagão a correr com um braço metido em ligaduras. E também Raul Terebentino, o tal que tinha tomado **soludacortina,** que tem cortisona e o dr. José Barreiro de Magalhães encontrava na sua lista como produto dopante. Daí que, como relatámos oportunamente, o médico-chefe da «Volta» tivesse aconselhado o ciclista do Olhanense / Stand Custódio a abandonar a prova, porque a análise iria resultar positiva. Porém, o rapaz estribou-se (para continuar) no ponto de vista do dr. José António Pereira, que preside à recolha dos «chichis» para análise. **Como ele me disse que o efeito do produto acabava duas horas depois e que eu podia continuar na Volta, por cá fiquei—** disse-me Raul Terebentino, satiseitíssimo da vida porque já lhe chegara o zumzum de que o «positivo» na etapa para Manteigas era de outro parceiro.

Como foi

O dr. Barreiro de Magalhães, desta vez, foi batido pela nova legislação emanada da União Ciclista Internacional, que libertou a cortisona e seus familiares, passando a incluir os diuréticos como «dopantes». A actualização já estava na posse do dr. José Pereira mas só à uma da tarde de ontem caiu nas mãos do médico-chefe da Volta. Um atraso que permitiu uma situação que poderia ser desagradável para Raul Terebentino e fez levantar um mundo de suspeitas em seu redor.

Bem: estávamos no contra-relógio, não é verdade? Chegou a hora decisiva: Cayn versus Cunha. E, como já sabem, mesmo sofrendo um salto de corrente a cinco quilómetros da meta, o menino-olhos-na-cara de todos os louletanos, que tem um prémio de todo o tamanho prometido pelo Vale de Lobo em caso de triunfo final, «limpou» o chefe-de-fila da Sicasal / Torreense com toda a pureza. Sem qualquer sombra de mácula e de molde a convencer toda a plateia.

— No ano passado, se não fossem duas quedas (a última, em Monção, que me obrigou a desistir) poderia ter ganho a vossa Volta. Agora, ficaria extremamente feliz se fosse o primeiro britânico a triunfar em Portugal, numa das «voltas» mais cotadas da Europa, no mesmo ano em que Roche ganhou o «Tour» e o «Giro». Ficava tudo na Grã-Bretanha...

Ri, coradinho como um tomate, Dá autógrafos, é resguardado das meninas mais impulsivas pelo Júlio Guerreiro e parte a caminho do banho já com o sol ao peito. Por quanto tempo? Manuel Cunha adianta:

— Eu sempre disse que era ainda muito cedo para andar de amarelo e que as etapas com montanhas de primeira mais o outro contra-relógio é que vão arrumar a questão. Ainda temos o Sameiro e a Senhora da Graça. É muita fruta pela frente.

Num desabafo:

— Palavra de honra: Agora até fico mais tranquilo.

Era a altura de escutar o técnico Orlando Alexandre, comandante da turma do Louletano / Vale do Lobo.

— Até este momento controlámos toda a corrida para que o Cayn vestisse hoje de amarelo. Isto estava perfeitamente planeado, não aconteceu por acaso: a equipa sacrificou-se para isso e a nossa táctica provou que estava certa se fosse bem cumprida.

Coisas e loisas

Luís Vargues continua a queixar-se:

— Estive dois anos parado, sofri duas operações no joelho esquerdo, ando aqui que nem sinto as pernas...

O dirigente sportinguista Manuel Maduro procura-me:

— Já viu como andam os «americanos»?

Fiz-me desentendido. «Quais americanos»?

— Aqueles três que foram a provas nos Estados Unidos e andaram a dormir em bancos de jardim. O Carlos Santos (que desistiu depois da queda) nunca conseguiu, até ir embora, 'sprintar' para um prémio, o que era o seu forte. O Américo Silva está de gatas e o Rua anda no meio da malta, sem qualquer iniciativa. Acha que tiveram algum proveito daquela aventura? Aquilo foi uma machadada nos três homens...

Chega o comunicado da DGD sobre análises, referente à etapa completada em Manteigas: exames negativos para Raul Terebentino, José Fernandes, Manuel Rodrigues e Bernard Richard e positivo para Manuel Grilo. Produto detectado: **Estricnina**. Esse mesmo: o que amantes inconsoláveis, nas histórias de faca e alguidar, usavam para se ver livres da concorrência ou mandarem para melhor os corações que se tinham tornado desapaixonados.

— Mas eu não tomei nada diferente daquilo que os meus colegas tomam, por indicação do nosso técnico.

O artista, que já informou não pedir contra-análise (devendo já hoje não alinhar à partida para a Praia da Amo-

Continua na pág. 17

Percurso e horário

Depois de percorridos 2082,5 quilómetros dos 2688 do traçado total da Volta (Odrinhas à parte), resta, aos 73 «sobreviventes» da entusiástica competição velocipédica, pedalarem mais 605,5 km para atingirem o risco branco da Avenida da República, em Matosinhas, o que sucederá pouco depois das 16 horas de domingo.

Vejamos o percurso (percorrido e a percorrer) e o horário de partida e chegada das etapas que restam:

Data	Etapa	PARTIDA		CHEGADA		KM
		Local	Hora	Local	Hora/Média	
30/7	Prólogo c./r. individual	Águeda		Águeda	—	4,5
31/7	1.ª	Águeda		Marinha Grande		203
1/8	2.ª	Marinha Grande		Sintra		163
2/8	4.ª	Queluz		Grândola		
3/8	5.ª	Grândola		Fóia		146
4/8	6.ª	Monchique		Loulé		112
4/8	7.ª c./r. individual	Loulé		Loulé	—	36
5/8	8.ª	Loulé		Estremoz		255
6/8	9.ª	Estremoz		Alpiarça		153
7/8	10.ª	Alpiarça		Castelo de Vide		158
	—		—		—	—
9/8	11.ª	Castelo de Vide		Manteigas		197
10/8	12.ª	Manteigas		Gouveia		150
11/8	13.ª	Gouveia		Macedo Cavaleiros		225
12/8	14.ª c./r. individual	Macedo Cavaleiros		Macedo Cavaleiros	—	22
12/8	15.ª	Macedo Cavaleiros		Vila Pouca de Aguiar		96
13/8	16.ª	Vila Pouca de Aguiar		Praia da Amorosa		178
14/8	17.ª	Praia da Amorosa	10.30	Mondim de Basto	14.43/36 km/h	151
15/8	18.ª	Mondim de Basto	09.00	Marco de Canaveses	11.23/37 km/h	88,5
15/8	19.ª c./r. individual	Marco de Canaveses	15.30	Marco de Canaveses	—	32
16/8	20.ª	Marco de Canaveses	12.00	Matosinhos	16.13/37 km/h	156

49.ª Volta a Portugal

Continuação da pág. 16

rosa, remete-nos para o treinador. Fernando Mendes (esse mesmo: o que venceu uma «volta», ao serviço do Benfica) afirma:

— Todos os produtos que os meus ciclistas (Feirense/Ruquita) tomam nesta corrida estão autorizados. Não sei o que se passa...

Nunca ninguém toma nada de proibido: apenas sumo de laranja, água bem fresca, leite puro, aqui e ali uma peça de fruta. Então, porque raio existem ciclistas dopados?

Enfim: foi um fim de dia que parecia inteiramente calmo e sereno, mas que, por via do «doping» que, há mais, do «doping que não há», sempre serviu para encontrar matéria a valer alguma escrita. Ah, já me esquecia de ler o comunicado do júri. Lá está: condescendência (anulação de cinco contos na alta multa aplicada na véspera ao director desportivo da Ajacto), agradecimento (pelos «chuveiros» benfazejos dos bombeiros de Mirandela e Vila Pouca de Aguiar) e registo de simpatias (em Vila Pouca de Aguiar havia os prémiosmais bizarros). Querem saber? Um queijo, duas garrafas de vinho, dois salpicões e alheiras para Paulo Pinto. Sapatilhas e champanhe para Paulo Ferreira. Uma cautela de lotaria, mil escudos e três garrafas de tinto para Alexandre Rua.

Dois pares de meias, uma lata de tinta e um relógio endereçados a Américo Silva. Um jogo de lenços e um frasco de mel para Manuel Ferreira. Um frasco de «after shave», um par de calções e duas cassetes virgens para Rui Azevedo. Uma garrafa de «whisky», uma máquina de calcular e um pneu que vão para casa de Raul Matias, um presunto para a equipa do Sporting, duas buzinas de ar para Adelino Teixeira, um estojo (esferográfica e lapiseira) e um prato pintado para Cayn Theakston, uma camisola e um par de sapatilhas para Manuel Cunha, mais um fumeiro para Pedro Silva e uns contitos de réis para variada rapaziada. No fim disto tudo, estava na meta um casal de emigrantes que queria convidar os torreenses para uma jantarada.

É a «volta», festa popular, que tem um inglês como chefão, os blocos teoricamente mais ricos ameçando a equipa do Feirense/Ruquita, nenhum «leão» entre os quinze melhores e cinco homens do Bessa, três da Sicasal e dois de Loulé como da cidade de Feira à espreita do pódio; agrupados com homens singulares da Ajacto, Sangalhos e Olhanense, tudo a reflectir que a turma de Alvalade, aparecendo mal preparada na «Vuelta» a Espanha, nunca mais se equilibrou e leva uma temporada para esquecer.

Só esta história do «doping» é que não me entra na cabeça. Cortisona não é dopante? E quem toma estricnina não sabe o que faz? Até logo que um deus me esclareça rapidamente.

MARTANO
Com o exclusivo Stand Jasma
Cova da Piedade — 2800 ALMADA Telefone: 229 37 80

Electro Ouro

Para assegurar o indispensável contacto com a «rádio da volta», a nossa equipa de reportagem conta com um excelente rádio, cedido por gentileza da ELECTRO OURO, que permite a chegada à nossa viatura de todas as informações relativas ao que se passa na caravana.

Classificações

Macedo de Cavaleiros-Macedo de Cavaleiros
14.ª etapa

	H	M	S
1.º JOSÉ XAVIER (Sporting)		30	12
2.º Cayn Theakston (Louletano)		30	46
3.º António Pinto (Sicasal)		31	16

Macedo de Cavaleiros-Vila Pouca de Aguiar
15.ª etapa

1.º PAULO PINTO (Ajacto)	02	51	55
2.º Paulo Ferreira (Sporting)			
3.º Alexandre Rua (Boavista)			

Geral

1.º CAYN THEAKSTON (Loul.)	57	23	30
2.º Manuel Cunha (Sicasal)	a		16
3.º Manuel Neves (Boavista)		02	50
4.º Fernando Fernandes (Sicasal)		03	21
5.º António Alves (Boavista)		03	50
6.º Eduardo Correia (Sangalhos)		04	18
7.º Orlando Neves (Feirense)		04	32
8.º Raul Terebentino (Olhanense)		04	45
9.º Venceslau Fernandes (Ajacto)		05	18
10.º Fernando Carvalho (Loulet.)		05	32
75.º Manuel Ferreira (S.L. Marinha)	02	56	28

Equipas

1.º FEIRENSE	172	10	18
2.º Louletano	a	05	39
3.º Sicasal		09	08
4.º Sporting		10	36
5.º Boavista		11	08
6.º Garcia Joalheiro		25	25
7.º Sangalhos		30	11
8.º Olhanense		38	26
9.º Ajacto	1	21	05
10.º Salgueiros	1	38	33
11.º Esmaltina	2	02	02
12.º SL Marinha	4	00	21

Montanha

1.º JOSÉ SANTIAGO (Boavista)	49
2.º Orlando Neves (Feirense)	42
3.º Constâncio Reis (Louletano)	30

Pontos

1.º PAULO PINTO (Ajacto)	58
2.º Serafim Vieira (Sporting)	36
3.º Paulo Ferreira (Sporting)	22

Hoje

A tirada de hoje (16.ª) começou a ser disputada, quando pelas 10 horas foi dada a partida em Vila Pouca de Aguiar com destino à Praia da Amorosa, para percorrer 178 quilómetros com passagem por Cabeceiras de Basto, Louredo, Póvoa de Lanhoso e chegada prevista para cerca das 15 horas.

AMANHÃ

Amanhã, serão percorridos mais 151 quilómetros entre a Praia da Amorosa e Mondim de Basto. Trata-se duma das mais difíceis tiradas da maior prova do nosso calendário já que os ciclistas, depois de «treparem» ao Sameiro, vão encontrar o risco da meta no alto da Senhora da Graça.

A saída está programada para as 10.30 e como indicações de passagem temos: Merelim (11,56), Falperra (12,35), Fermentões (13,08), Mesão Frio (13,20), Lameira (13,57) e Mondim de Basto (14,34). A chegada está prevista para as 15 horas.

E P

	1 6 h	Min.	Prec.	As 13 h.
Bragança	21	21	0,0	M nub.
V. Castelo	18	18	0,0	Neblina
Vila Real	19	19	0,0	M nub
Porto	18	17	0,0	Neblina
Coimbra	19	19	0,0	Neblina
C. Carvoeiro	17	17	0,0	Nevoeiro
C. Branco			0,0	-
Portalegre	21	20	0,0	Neblina
Lisboa	20	20	0,0	Neblina
Evora	19	19	0,0	Neblina
Beja	18	18	0,0	P nub
Faro	18	18	0,0	Neblina
Sagres	18	18	0,0	P nub
P. Delgada	22	22	0,0	M nub
Funchal	20	20	0,0	Limpo

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 29, Porto 29, Faro 28, Ponta Delgada 26, Funchal 27.

N E

	1 7 h	Min	As 13 h.
Madrid	21	21	Limpo
Londres	18	16	Chuvisco
Paris	15	14	P nub
Bruxelas	16	15	M. nub.
Amesterdão	15	14	Neblina
Genebra	14	14	Limpo
Roma	23	21	Neblina
Oslo	12	5	P. nub
Copenhaga	12	8	P. nub.
Estocolmo	11	7	P. nub.
Berlim	13	10	Neblina
Viena	12	12	Chuva
Varsovia	10	7	M. nub.
Atenas	27	25	P. nub.
Moscovo	13	10	M. nub

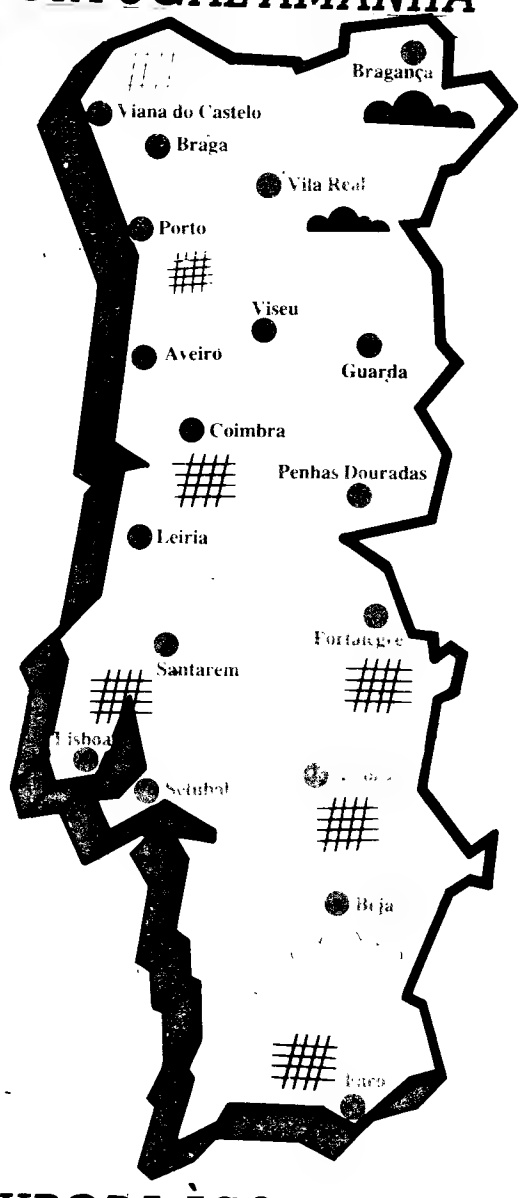
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

N M

	Min.	Max.	As 13 h.
Caracas	16	27	Nublado
Joanesburgo	7	22	Limpo
Los Angeles	18	23	Nublado
Montreal	15	24	Nublado
Nova Deli	23	42	Nublado
Nova Iorque	17	30	Limpo
R. de Janeiro	12	32	Limpo
S. Francisco	14	21	Limpo
Sao Paulo	6	28	Nublado
Toquio	25	32	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



EUROPA ÀS 6 HORAS

• Informação da agência Lusa.

TEMPO

HOJE

No Continente:

Céu pouco nublado, apresentando-se temporariamente muito nublado nas regiões do Centro e Sul. Vento geralmente fraco. Trovoada durante a tarde nas regiões do interior.

Estado do mar:

Costa Ocidental: **Mar, geralmente, encrespado e ondulaçao de noroeste com 1 a 2 metros.**

Costa Sul: **Mar encrespado e ondulaçao fraca.**

AMANHÃ

Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado, durante a tarde nas regioes do interior. Vento fraco soprando moerado de noroeste durante a tarde no litoral oeste. Neblina ou nevoeiro matinal.

DEPOIS

Céu pouco nublado ou limpo, temporariamente muito nublado, durante a madrugada e a manhã no litoral oeste. Vento fraco soprando moderado de norte no litoral oeste. Pequena subida de temperatura e neblina ou nevoeiro matinal.

Nos Açores:

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de sudoeste nos grupos ocidental e central e bonançoso de nordeste no grupo oriental. Períodos de chuva fraca no grupo ocidental.

Estado do mar: **Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulaçao de nordeste de 2 metros no grupo oriental e de oeste 2 a 3 metros nos grupos ocidental e central.**

Na Madeira:

Períodos de ceu muito nublado. Vento fraco a moderado de norte. Aguaceiros fracos nas vertentes voltadas a norte.

Estado do mar: **Mar de pequena vaga. Ondulaçao norte de 2 metros.**

MARES

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
6.43	4,0 m	12.18	0,9 m
19.01	4,2 m	24.49	1,0 m

Amanhã

7.25	3,8 m		
19.44	3,9 m	13.02	1,2 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

SCOTT FITZGERALD, UM MALDITO

Lurdes Féria

APROXIMA-SE do desfecho a série, baseada no romance «Terna é a Noite», de Fitzgerald, com que a RTP nos tem consolado aos serões das quintas-feiras. Foi uma excelente ideia porque, para além do fascínio exercido pela obra deste escritor americano, morto aos 44 anos na miséria e praticamente esquecido, a adaptação televisiva também me parece bastante conseguida. Salvando as distâncias narrativas e algumas liberdades que o autor do guião se permitiu, em relação ao original, a versão é limpa e servida por bons diálogos.

«Terna é a noite»

Testemunho de uma época de vertigem e desencanto, vivida por uma geração ansiosa, «**Terna é a Noite**», quarto e penúltimo romance de **Fitzgerald foi escrito em 1934 na Europa, já numa fase de esgotamento e declínio económico. Contudo, a obra, no plano comercial, têve um sucesso modesto, vendendo apenas 13 000 exemplares durante o primeiro ano, o mesmo que «O Grande Gatsby»** tinha vendido num só mês. Os meios literários receberam-na com reserva e o público retraiu-se, talvez porque os tempos também não fossem os melhores em matéria de desafogo financeiro.

Mergulhado no álcool e na depressão, **Fitzgerald** regressa a Hollywood, onde vivera momentos de glória, para tentar fazer frente às dívidas que o assoberbavam. Mas, desta vez, o contrato que estabelecera com o produtor Irving Thalberg, da Metro Goldwyn Mayer, não era nada entusiasmante. Assim, com um salário de 1200 dólares por semana incunbem-no de escrever o guião para o filme «**The Red Headed Woman**», **dirigido por Jack Conway, e tendo como protagonistas Jean Harlow e Lewis Stone. Não obstante a sua capacidade de criar diálogos, de resto já demonstrada noutras experiências anteriores, o resultado não foi satisfatório, o que contribuiu para o atirar ainda mais para a fossa. Na sequência desse malogro escreve Crazy Sundy**», um conto onde relata as dificuldades dos que trabalham como guionistas, para o cinema, e a superficialidade das festas de Hollywood.

Ao cinema, no período aureo, ia buscar parte dos proventos que o ajudavam a manter a vida faustosa, partilhada com a sua mulher, **Zelda.** Chega a vender à **Famous players,** por 10 000 dólares, os direitos de **This Side of Paradise**», livro que escreveu aos 23 anos e uja publicação só foi possível, numa segunda versão encurtada, pois viu a primeira sistematicamente recusada pelos editores que não lhe pegavam por ser demasiado extensa. «**Imatura**», **disseram alguns críticos da obra do estreante Scott Fitzgerald. Mas não lhe negavam a força emocional e até o preciosismo de estilo, marca que, mais tarde, vincaria a prosa do escritor feito.**

Vencer, ter êxito, ascender à categoria de celebridade era uma das obcesssões do jovem Francis Scott Fitzgerald, nascido em 1896, no estado de Minesotta, de uma família que, pelo lado paterno, exibia o pergaminho de sulista e aristocratizante (a mãe era de ascendência irlandesa e plebeia), sem no entanto possuir bens de fortuna. Por sorte, a herança (caída do céu) de uma avó, permitiu-lhe matricular-se na famosa universidade de **Princeton,** estudos que ficam incompletos por razões de doença. Provavelmente acabariam por expulsá-lo visto que o seu aproveitamento escolar era fraco e, no desporto, componente importante daquela instituição, snob e elitista, também não afirmava perito. A única oportunidade que têve de dar nas vistas, de alcançar um êxito efémero, aconteceu-lhe através do teatro, na qualidade de autor de uma comédia musical que montou para os estudantes.

Ele gostava de seduzir, de ser o centro das atenções, de irradiar luz por todos os lados, mas faltava-lhe o essencial — dinheiro, coisa fundamental nos Estados Unidos. Era belo, inteligente e talentoso. Era um menino-prodígio, uma estrela que brilhou fugazmente até se apagar, ainda antes da sua morte física, ocorrida em 21 de Dezembro de 1940. Morre, separado de **Zelda** que continuava internada num Hospício para doentes mentais, sem recursos nem amigos que lhe mitigassem a amargura.

Durante o último ano de vida prosseguiu no labor de escrever ara o cinema, embora em péssimas condições. De forma ocasional, sem contratos de longa duração. Ele que, em 1926, recebera a choruda quantia de 200 000 dólares pelos direitos de «**O Grande Gatsby**», obra que se estreia na **Broadway,** sob a direcção de **George Cukor** e que demorou ainda uns anos a converter-se em filme. Dela há uma versão cinematográfica, de 1949, realizada por **Elliot Nugent** e, depois, uma outra, de 1974, realizada por Jack Clayton, com guião de Francis **Ford Coppola** e que tinha o actores Robert Redford e Mia Farrow, como intérpretes.

«O meu primeiro fracasso, em Hollywood, sucedeu em 1927. Nessa altura tinha-me na conta do maior escritor americano... a confiança em mim próprio quase atingia as raias da presunção. Houve em Hollywood uma revolução com a nossa chegada e todas as mulheres me pareciam muito bonitas. Acreditava, honestamente, que, sem nenhum esforço, era uma espécie de mago das palavras, Estranha ilusão, popis trabalhei desesperadamente para desenvolver uma prosa enérgica e colorista...», confessa Fitzgerald numa carta endereçada a sua filha Scottie.

O seu percurso foi de altos e baixos tal como os humores que o tomavam: ora deixava transparecer uma alegria desenfreada, transbordando simpatia, ora pendia para uma agressividade cruel e insuportável. **Scott Fitzgerald** auto-destruiu-se, pertenceu à geração que Gertrud Stein classificou de «perdida». Pode ser incluído no grupo de escritores «malditos», ao lado de um Beaudelaire, de um Nerval ou de um Oscar Wilde. Só que enquanto estes eram verdadeiramente malditos, por opção, ele foi-o elas circunstâncias de vida. No fundo, pedia aceitação, triunfo social e respeito.

É um personagem extraordinariamente actual, agora nos anos oitenta, pelo que contém de modernidade. Sim, nesta vaga de falso, do simulacro, do vazio, onde valores como a verdade se pôem em causa, o cepticismo elegante de Scott Fitgerald está certo. Legou-nos, nos seus livros, um mundo artificial e egoista, capaz de terraplanar os mais ingénuos. Não teve tempo de terminar o seu derradeiro romance «**O Último Magnate**» **que Elia Kazan** transportou para a Celuloide, sobre guião de Harold Pinter. Filme frouxo que as vedetas, como Robert de Niro, Jack Nicholson, Tonis Curtis e Jeanne Moreau, protagonizaram.

Este representante da era do jazz e do charleston, ávido de champanhe e de festas, escreveu sobre o vivido — a loucura dos anos Trinta. E nisso, foi fulgurante. Belo e maldito.

«O último magnata»

DIÁRIO COM PRAÇA DE TOUROS AO FUNDO

Solilóquio

8 de Julho, quarta-feira

Madrid. O calor deu-nos um respiro, deixou sobre a cidade uma capa de núvens, por onde o sol veio de vez em quando espreitar o veraneio urbano, o movimento das lojas e armazéns, que os saldos de Julho fazem delirante, quem não delira são os amigos do alheio, lá está a velhota inconsolável, a carteira tinha 35 000 pesetas, era o resto da pensão do mês, fazem-lhe mais falta que o bilhete de identidade. Também acho, o Rafael El Gallo não usava, achava uma chinesice. Na Televisão, Victoria Prego entrevistou Felipe Gonzalez, senhor presidente isto, senhor presidente aquilo, e ele toureando por alto, estas faenas para Felipe são um bife. Também houve programa taurino, com um resumo das corridas da Feira de Burgos, desde o esforço impotente de Antoñete até ao triunfo final do Vítor Mendes, vimos umas verónicas ganhando terreno até plantar nos médios o remate, coisa soberba. Mas a notícia taurina do dia veio de Pamplona, trágica. Não tinha sido pacífico, o «encierro» de hoje. Tardou quatro minutos e cinquenta, a marcha dos touros sevilhanos de Guardiola: alguns atrasados, um deles invertendo até o galope, sustos e feridos, nada de grave, ileso por milagre o corredor estrangeiro que um dos touros arrastou tempos infinitos pela camisola, e dela acabou despido, foi a salvação. E afinal o instante trágico aconteceu com um «doblador», quando já a manada entrara no redondel da praça. Os «dobladores» são os homens que, munidos de um capote de brega, estão encarregados de atrair a manada para a porta dos currais, pelo meio da multidão dos corredores entrados na arena com os touros, na ponta final desse espectáculo dantesco, único, que quem nunca viu não deve perder ao menos uma vez na vida. Ironia do destino: foi um cabresto assustado que derrubou Ciriaco Dueñas, deixou-o com a vida entre o risco de se perder, ou de a viver paralisado, não voltará nunca mais a correr diante do pamplónico tropel, os touros e a multidão, como se fundidos num corpo só, onde corresse, ardente e bravio, o mesmo sangue.

9 de Julho, quinta-feira

O resultado do sorteio da Taça dos Campeões Europeus, efectuado hoje em Genebra (os suíços sempre óptimos para os relógios, o sigilo bancário e os sorteios de futebol), espalhou-se depressa, abalou Madrid, é assunto obrigatório de conversa, condutor de autocarro com passageiro, «camarero» de bar com cliente acabado de se inteirar da desgraça. Desgraça não só porque ao Real calhou na rifa o Nápoles, onde joga um papão chamado Diego Maradona; desgraça também porque, com o castigo aplicado pela União Europeia devido aos desacatos dos adeptos dos «merengues» na meia-final do ano passado contra o Bayern de Munique, o jogo de Chamartin terá de ser à porta fechada, o campo vazio do apoio popular, e vazios os cofres do Real Madrid dos duzentos milhões que o desafio iria render. Jogo grande, a valer, num estádio vazio. Eis um cenário impossível numa praça de touros, onde os toureiros se podem castigar até com cadeia e os touros com bandarilhas negras, mas onde castigo não há para o público, mesmo quando entra em pecado não há quem lhe interdite a entrada na praça, por isso se diz assim, público soberano.

10 de Julho, sexta-feira

Chega ao fim, a «geração de 27». Agora foi a vez de o mundo fiar sozinho com os versos de Gerardo Diego. Nascido há 90 anos em Santander, à beira do mar Cantábrico, discípulo de Unamuno na Universidade de Salamanca, depois ele próprio catedrático, é como poeta que fica. Poeta espanhol. «La Suerte o la Muerte». Tinha de ser espanhol o poeta que nas arenas encontrou beleza assim inspiradora:

Vibra el clarin llamaradas.
La brisa insinua el paso,
y el jardim de tres espadas
abre sus flores de raso
Furioso el Sol en las flores
embiste y brillos temores
encarniza al alamar.
Sombra. Donaire. Desgaire.
Y girando por el aire
vuelan las flores al mar.

11 de Julho, sábado

Relâmpagos no céu anunciavam trovoada, mas cá em baixo havia pela cidade essa alegria acrescentada das noites de sábado. Na Puerta del Sol, à volta das fontes, não sobrava lugar para mais ninguém tomar sentado o fresco, gozar a iluminação festiva, o bulício da praça, o ritmo das palmas por sevilhanas com que uns moços acompanham os requebros da esbelta morena, ali a dois passos do contraste, de um reprodutor de cassettes vinha a música do «Lago dos Cisnes», que duas meninas bailavam a preceito, no rigor do trajo vaporoso, em meio de um círculo de curiosos, e mais além o som triste do violino que um fulano de barbas e calções tocava, com a caixa do instrumento aberta na frente, sugestão para umas moedas que o ajudem a comer. Tomei o metro até Lavapiés, fui andando para a Praça de La Corrala, programa aliciante, é difícil que haja moldura mais própria para «La Verbena de la Paloma», o eterno sainete, anunciado com nomes de cartaz. Maria Isbert, Afonso del Real, Maruja Diaz. Intenção gorada, porque não havia uma entrada, na velha praça não cabia um alfinete, e as varandas das casas de La Corrala são para quem tem a dita de morar nelas, casas com ar de que se ali se nasce, ali se há-de morrer. Através da fresta providencial, aberta no improvisado tabique, espreitei o ambiente, flores, lâmpadas, balões coloridos; vi o maestro chegando, fazendo a orquestra romper com a música de Breton, não era preciso subir pano para destapar o cenário; lá estavam dom Hilarion e dom Sebastian, sentados à porta da botica, abanando-se enquanto cantavam, quase falado, o dueto de abertura. Não esperei que chegassem a Casta e a Susana, e Julião, e a tia Antónia, deixei a fresta livre para espreitar doutro curioso, fui andando sem pressas, saboreando a música que os meus passos deixavam para trás, e depois um café cortado, aqui na «Sirena Verde», a rematar a noite que para Madrid é ainda uma criança, para Madrid e para a velhota dos cravos, cabelo branco e avental de riscado, que ali em frente, do outro lado do passeio, espera comprador de suas flores, há sempre um cavalheiro que passa sem cravo na lapela, ou com dama que mereça uma flor.

12 de Julho, domingo

Praça de Touros de Madrid. Touros do marquês de Albayda para Antoñete, Curro Romero e Rafael de Paula.

O domingo amanheceu como outro qualquer domingo de Verão em Madrid, o sol subindo e tanta gente procurando a frescura das sombras do Retiro, cheias as esplanadas e relvas, e no lago o enxame dos barcos de remos vagarosos, e à beira da alameda os retratistas, as cartomantes, leitoras de sina na palma das mãos, umas ciganas e outras com livros, barracas de robertos, vendedores de gelados e barquilhos e balões, e os círculos de cadeiras à volta do coreto, ao meio-dia em ponto lá estava como sempre a banda municipal, banda sinfónica mas começou com passodoble, «De Andaluzia a Aragon», e logo a seguir uma selecção de «La Alegria de la Huerta», por toda a parte o ambiente era de paz e alegria, nenhum prenúncio avisador da tormenta que à tarde ia desabar para os lados de Las Ventas. E que tormenta, minha Nossa Senhora. Uma coisa histórica, das que ficam nos livros, mesmo os agoirentos não a previam tão grande. Previsão certa foi a do empresário: não se enganou Chopera, encheu-se a Monumental para ver, no mesmo cartaz, os três matadores de mais idade e com maior percentagem de bronas da temporada; aquele público que paga para satisfazer a sua apetência pela morbidês da catástrofe, mais bem servido não podia ter ficado, ficou até ao fim, sentiu o gozo de ver os três veteranos maestros a saírem da praça sob a protecção da Polícia especial, que com os seus escudos os protegia do arremesso de almofadas, não dos impropérios. Era como se aquilo fizesse parte do programa, não tivesse a ver com a análise consciente do acontecido. Porque os touros do marquês de Albayada não se limitaram a ser difíceis, eram «pregonados» de um perigo que punha em pânico os peões das quadrilhas, com excepção do indomável Curro Alvarez. Apenas se lidaram quatro, e couberam a Curro e a Paula: nunca poderiam, com touros assim, fazer mais do que tentarem sair vivos da praça E os dois touros que remendaram o lote de Albayada, mais toureáveis, foram calhar precisamente a Antoñete, como se para mostrar que Chenel, o maestro, mesmo querendo não pode, está sem forças, das físicas e das outras, não aguentou a encastada nobreza do excelentíssimo touro que abriu praça, de Francisco Javier Osborne, colorado olho de perdiz, exemplar precioso. Quanto a Curro, deve ter batido o seu próprio máximo, ao realizar a proeza digna de figurar no Guiness, de não dar um único passe durante toda a tarde: ao seu primeiro negou-se a matá-lo, não lhe tocou alegando que estava toureado; ao quinto, foi-se a ele desconfiado e, sem ao menos uma trapada, vá de meter-lhe a espada. Mais diligente quis estar Paula, no terceiro bordou até três verónicas e meia, que foram o único instante de beleza da tarde, precederam o afundar do cigano, que ouviria os três avisos no último, levantado pelo puntilherio.

Seis broncas, dois touros vivos, Curro na cadeia, e antes disso derrubado pelo empurrão de um espectador exaltado, que saltou à arena agitando o bilhete que pagara, e que teve ainda a sobrecarga da justiça, que logo ali lhe foi aplicada pelas mãos da quadrilha do vencido faraó. Muitos dirão: tarde para esquecer. Eu direi que não, tarde para ser lembrada, exemplificadora dos extremos de uma festa de contrastes, não só de triunfos se enriquece, também de fracassos, de impotências, de pavores, de cárceres que já esperavam o grande Cagancho, e Rafael El Gallo, e divino lhe chamavam.

AGARRE-SE À ESTRADA

Veja o estado dos pneus

PREVENÇÃO RODOVIARIA PORTUGUESA

ATENÇÃO

A todos os Grupos Desportivos que queiram realizar jogos de Futebol 11, de Treino ou Amizade, com o Grupo Desportivo Teatro ABC, é favor contactar com o Sr. Manuel Mitra (*), depois das 19 horas.

(*) Teatro ABC.
Parque Mayer
Telef.: 36 67 83 (Gostaria que nos contactassem).

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

HUMILHAÇÃO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

PRIMAS
(n/acons. m. 18 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

REGRESSO À TERRA
O CAMINHO DAS ESTRELAS IV
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

T. 763319

COMBOIO EM FUGA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 1

REGRESSO À TERRA
O CAMINHO DAS ESTRELAS IV
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2

O NAVIO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

HUMILHAÇÃO
(maiores 18 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 4

COMBOIO EM FUGA
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 5

PIRATAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

ARMA MORTÍFERA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70

O NAVIO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Ávila

— T. 539930

ACADEMIA DE POLÍCIA – IV
(A Patrulha do Cidadão)
(maiores 6 anos)
15.00, 17.00, 19.10 e 21.45 h

Avis

— T. 547163

ALDEIA DA MALANDRICE
(porno)
(interdito men. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

PIRATAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme «O Melhor da Vida» realizado por Renaud Victor com a interpretação de Sandrine Bonnaire (a revelação de «Aos Nossos Amores») e Jacques Bonnaffe, em exibição no cinema Quarteto.

Capitólio

— T. 372358

TORMENTO DA CARNE
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

ARMA MORTÍFERA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso

TARADA SEXUAL
(porno)
(maiores 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões

T. 324194

COMBATE DOS DRAGÕES
(n/acons m. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

AS AVENTURAS DE JACK BURTON NAS GARRAS DO MANDARIM
(n/acons. m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

O PELOTÃO CHANFRADO
(n/acons. m. 18 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Azulão

PROCURA-SE MORTO OU VIVO
(maiores 16 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sofia

ENCERRADO PARA BENEFICIAÇÃO

City Cine

— T. 549999

TAXI DRIVER
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

TRÊS AMIGOS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

ARMA MORTÍFERA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

O MISTÉRIO DE GORKY PARK
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

OS LOUCOS ANOS 50
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fórum Picoas

— T. 541037

AS ASAS DA POMBA
(maiores 12 anos)
19.00 e 22.00 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

CROCODILO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

CAMINHO DE FOGO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

A MANHÃ SEGUINTE
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Gemini

— T. 734009

PASSAGEM PARA A ÍNDIA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

Sala 1

A COSTA DO MOSQUITO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Sala 2

TRÊS AMIGOS
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

ARMA MORTIFERA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

TRÊS AMIGOS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

SELVAGEM E PERIGOSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

SELVAGEM E PERIGOSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Sala 1

HUMILHAÇAO
(maiores 18 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

PIRATAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas

— T. 574362

ARMA MORTÍFERA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

TEMPOS DE GUERRA
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia

T. 325309

MASSAGENS SEXUAIS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathe

— 821933

O DESTRAVADO DO TÁXI AMARELO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30 e 21.00 h

Politeama

T. 326305

JUSTICEIRO SOLITÁRIO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

SID E NANCY
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

IMPÉRIO CONTRA-ATACA
(n/acons. men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 h

TRAGÉDIA DE UM HOMEM RIDÍCULO
(Interdito m. 13 anos)
23.45 h

Sala 3

O MELHOR DA VIDA
(maiores 16 anos
15.00, 17.09, 19.00, 21.30 h

A FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)
23.30 h

Sala 4

O EXPRESSO DA MEIA-NOITE
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

A GAROTA DO VESTIDO COR-DE-ROSA
(maiores 12 anos)
23.45 h

Roma

T. 889192

GELADO DE LIMÃO VI
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

OS CARRASCOS NUNCA MORREM
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

REGRESSO À TERRA / O CAMINHOS DAS ESTRELAS IV
(maiores 12 anos)
15.30 e 18.30 h

O SEGREDO DO MEU SUCESSO
(Ante-estreia / por convites)
21.30 h

Sala 2

CURTO-CIRCUITO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

A COSTA DE MOSQUITO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e **21.45 h**

7.ª Arte

— T. 730715

ARMA MORTÍFERA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

CURTO-CIRCUITO
(maiores 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

ACADEMIA DE POLÍCIA – A PATRULHA DO CIDADÃO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

Tivoli

— T. 570595

HUMILHAÇÃO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

MONA LISA
(maiores 16 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon

T. 368480

MULHERES DA RUA
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «007 — Alvo em Movimento», às 21.15 h (maiores 12 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «Maxie e a Outra», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

AMADORA — Babilónia — «Arma Mortífera» às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Terror na Auto-Estrada», às 21.30 h (maiores 18 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Fogo Contra Fogo», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Operação Orion», às 21.30 h (maiores 12 anos).

ODIVELAS — Cineodivel — «Cujo — O Novo Símbolo do Terror», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Startreak — O Caminhos das Estrelas», às 17.00 e 21.15 h (maiores 16 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Primas», às 15.30 e 21.30 h (n/acons. m. 18 anos).

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Porky's», 15.30 e 21.30 h (int. m. 13 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Comando», às 15.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)

Sala 2 — «Veludo Azul», às 15.30, 19 e 21.45 h (maiores 16 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Academia de Polícia IV», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Três Amigos», às 15.15, 18.45 e 21.30 h (maiores 6 anos)

Sala 2 — «A Costa do Mosquito», às 15.30, 18.45 e 21.30 (maiores 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «American Gigolo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio Almada — «Filhos de Um Deus Menor», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «Subterrâneo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Porky's», às 15.45 e 21.30 h (Int. m. 13 anos)

Sala 2 — «Platoon — Os Bravos do Pelotão», às 15.15, 17.30 e 21.45 h (maiores 16 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — Encerrado para férias.

SHISH + CARLOS ZÍNGARO

Jazz em Agosto prossegue hoje na Gulbenkian, a partir das 21,30, com a apresentação de «Shish+Carlos Zíngaro», agrupamento constituído por José Peixoto (g), Paulo Curado (st, fl, ss), José Martins (bat, sint, perc) e Calos Zíngaro (vin).

De geometria variável, o Shish surge–nos agora em Trio na presente edição de Jazz em Agosto, incluindo um convidado aclamado internacionalmente, o violinista Carlos Zíngaro. José Peixoto, Paulo Curado e José Martins integram actualmente o Shish, que se situa em várias fronteiras musicais referenciadas ao jazz. O Shish destaca na sua existência participações no Festival Internacional de Música da Costa do Estoril 84, Ciclo Jazz em Agosto 84 da Gulbenkian e Bienal de Jovens Artistas de Países Mediterrânicos 86, em Salónica. José Peixoto e Paulo Curado colaboram regularmente com Janita Salomé, Vitorino, Pedro Caldeira Cabral e José Mário Branco, enquanto que José Martins integra o grupo Trovante e colaborou com Sérgio Godinho. O violinista Carlos Zíngaro, convidado especial do Shish, foi fundador do grupo Plexus nos anos 60. Nos anos 80, tocando regularmente nos mais importantes festivais europeus de Jazz e Música Improvisada, tem obtido um reconhecimento significativo nos circuitos internacionais. O Trio Shish com Carlos Zíngaro gravou recentemente um LP, «Espaços», a editar ainda este ano.

Pintura de Maria João Franco

EXPOSIÇÕES

GALERIA DA VINCI (R. de Belém, 77): exposição dos artistas F. Schal e Zita.

COOPERATIVA ÁRVORE (Porto): até 31 de Agosto, a «VII Exposição Colectiva da árvore», aberta a todos os sócios. Paralelamente, está em exposicão um exemplar do livro «As Pedras Contadas».

GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Néri, 42, Lisboa): está patente ao público, de 3ª a 6ª feira das 15 às 20 e aos fins-de-semana das 16 às 19 horas, a exposição de Alcino Soutinho. Trata-se de uma mostra ilustrativa do método de trabalho que serviu de base ao projecto do edifício dos Paços do Concelho de matosinhos.

GALERIA DE ARTE ESPIRAL (Centro Comercial das Palmeiras, Nova Oeiras): está patente de segunda a domingo, das 14 às 22 horas, a exposição colectiva de Ilda Reis (gravura), Isabel Bomba (óleos), Isabel Laginhas (desenho e pintura), João Duarte (escultura), Laranjeira Santos (escultura), Manuela Pinheiro (óleo), Paulo Cardoso (desenho) e Vítor Belém (desenho e pintura). A mostra pode ser visitada até 15 de Setembro.

MUSEU MUNICIPAL DE LOURES: até 31 de Agosto podem ser apreciadas neste local várias peças de cerâmica da autoria de Eduardo Filhó. A exposição é subordinada ao tema «Os Saloios». A artista tem ainda patente ao público, na Sala de Etnografia do mesmo museu, até 28 de Setembro, uma mostra intitulada «Um Olhar sobre Caneças».

CASA DO BOCAGE (Setúbal): está patente ao público uma exposição de pintura da autoria de Maria João Franco até ao dia 6 de Setembro. A artista é natural de Leiria, onde nasceu em 1945. Vencedora do recente concurso de gravura «Como os artistas sentem a poluição do ar» organizado pela Câmara Municipal de Setúbal em colaboração com o munícipio de Beauvais — com quem Setúbal mantém um acordo de geminação — no âmbito do Ano Europeu do Ambiente, Maria João FRanco possui o 5º ano do curso de pintura da ESBAL e frequentou o curso de Arquitectura da ESBAP. a mostra pode ser visitada das 9 às 12 e das 14 às 17 e 30 horas nos dias úteis (excepto segunda-feira) e das 15 às 18 horas aos fins-de-semana.

POUSADA D. DINIS (Castelo de Vila Nova de Cerveira): está patente até 10 de Setembro, uma exposição de azulejos. Tendo por tema o Alto Minho, os painéis artísticos em azulejo são executados por Argila Atelier. Nas Caldas da Rainha, o atelier dedica especial atenção à azulejaria ornamental, murais e painéis artísticos totalmente pintados à mão, segundo as antigas técnicas de pintura do azulejo, de forma a preservar os originais tons da tão famosa azulejaria portuguesa. A mostra, que decorre paralelamente à Bienal de Vila Nova de Cerveira, apresenta trabalhos executados pelos artistas plásticos Ana Paula Marques, Ricardo Roque e Luís Guerreiro.

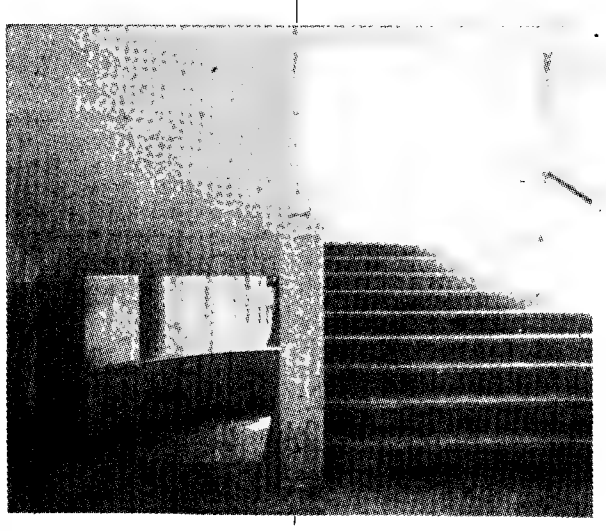
JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO ESTORIL (Arcadas do Parque, Estoril): 26 obras de pintura a pastel e óloeo do artista plástico Figueiredo Sobral estão expostas até 8 de Setembro neste local, das 9 às 19 horas.

GALERIAS DE ARTE CETÁRIA (JUNTA DE FREGUESIA DE S. JULIÃO, SETÚBAL): estão patente até 29 de Outubro duas exposições: Felícia apresenta «Além Tejo» (pintura) e Cuca tem expostos «Os Animais» (cerâmica). A mostra pode ser visitada de segunda a sexta-feira, das 9 às 12 e d as 14 às 18 horas.

CASA-MUSEU ÀLVARO DE CAMPOS (Tavira): «Os Fios e os Frutos» é a designação da exposição colectiva de Graça Delgado, Ana Gonçalves, Evelyne Martin, Maria José Oliveira e Vítor Pomar. A mostra pode ser visitada até 15 de Agosto, de terça a sexta-feira, das 16 às 20 e das 22 às 24 horas.

CASTELO DE LEIRIA: está patente até Setembro uma exposição sobre «A Talha em Portugal». Organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian com o patrocínio da Câmara Municipal de Leiria, a mostra consta de peças em talha, algumas delas de talha dourada, fotografias e transparências e ainda de documentos sobre a evolução do fabrico do artigos em talha. A exposição já esteve em paris e noutras cidades europeiase ainda em Pequim e Hong-Kong.

CHAVES (Galeria de Àrte do Posto de Turismo): até 20 de Agosto está patente ao público uma exposição de pintura da autoria de Espírito Santo Neves.



A obra de Alcino Soutinho na Diferença

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN (Centro Artístico Infantil): está patente uma exposição de trabalhos de expressão plástica e literária da autoria ce crianças dos 5 aos 12 anos, trabalhos esses que resultam de um concurso organizado pela Fundação junto das escolas oficiais do país. A mostra está aberta todos os dias das 15 às 17 horas, excepto às sextas-feiras, até 25 de Setembro.

JUNTA DE FREGUESIA DA CHAMUSCA: «√er e criar para mostrar e ver» é a designação da exposição retrospectiva que o fotografo Aníbal Sequeira tem patente ao público neste espaço até 15 de Agosto, todos os dias das 14 às 19 horas. O autor, nascido em Lardosa (Castelo Branco) em 1937, é licenciado em Economia pelo Instituto Superior Técnico de economia e quadro técnico da EPAL. Desde 1960 que se dedica à fotografia como forma de expressão artística.

ESCOLA ANTÓNIO ARROIO (Lisboa): até ao dia 9 de Outubro pode visitar a exposição Ano Lectivo 1986/87 dos alunos da escola. A escola organizou núcleos de exposição nas áreas de cerâmica, metais, equipamento, artes gráficas, desenho têxtil e imagem e comunicação, integrando trabalhos de alunos de frequentaram o estabelecimento de ensino durante o ano lectivo 86/87. A mostra pode ser visitada das 9 às 20 horas, excepto sos sábados e domingos.

INSTITUTO JOSÉ DE FIGUEIREDO (Rua das Janelas Verdes): até finais de Setembro, todos os dias úteis das 14 às 20 horas, pode ser apreciada a exposição subordinada ao tema «Conservação e Restauro no Instituto José de Figueiredo». As actividades do Instituto, que se exercem no domínio da pintura, têxteis, escultura, pintura mural e documentos gráficos, cobre todo o País e procura dar resposta aos pedidos que lhe são dirigidos quer por parte da Igreja, dos museus, autarquias locais ou mesmo de particulares que possuam obras de arte classificadas.

CONFERÊNCIAS

CALDAS DA RAINHA (Centro Protocolar de Formação Profissional): o ceramista espanhol Enrique Mestre profere uma confência sobre dois temas: «CERAMO» - cerâmica tradicional de reflexos metálicos de Manises e «A sua obra e as novas tendências da cerâmica artística mundial».

MÚSICA

António Pinho Vargas no Amoreiras

AMOREIRAS SHOPPING CENTER: a segunda fase dos concertos de Verão encerra hoje, às 18 horas, com o quarteto de António Pinho Vargas, como habitualmente no pátio central e aberto a todo o público.

CASA DA CULTURA DAS CALDAS DA RAINHA: às 21,30 um recital de Canto e Piano por dois jovens artistas caldenses: o barítono Pedro Moreira (actualmente a residir da RFA) e a pianista Patrícia Costa. Obras de Caldara, Durante, Giordoni, Pergolesi, Stradella, Mozart, Bach, Bernstein, Gershwin e C. François.

Farmácias

Lisba — PERMANENTE — AMOREIRAS - CAMPOLIDE: Pinto, R. de Campolide, 11 (T. 682610); **AREEIRO - APEADEIRO: Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); CAMINHO DE FERRO: **Alves Carvalho**, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 840125); **CAMPO GRANDE: Nova Iorque**, Av. dos Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **ENCOSTA DO RESTELO - ESCOLA PAULA VICENTE: Belém**, R. Tristão Vaz, 10-A (T. 612248); **INFANTE SANTO - PAMPULHA: Infante Santo**, R. do Olival, 290 (T. 661003); **ROSSIO: Estácio**, Rossio, 60-63 (T. 327067); **SALDANHA: Saldanha**, Av. Praia da Vitória, 53-55 (T. 543938); **SANTA BÁRBARA: Romano Baptista**, R. Passos Manuel, 6-10 (T. 570593); **SETE RIOS: Canto**, E. das Laranjeiras, 202-B (T. 724841); **TELHEIRAS - QUINTA DE SÃO VICENTE: Quejas**, R. Prof. Francisco Gentil, Edifício E-1, loja 21 (T. 7584144); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS: Leitão**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 9810051); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO — **ALFAMA: Costa**, R. das Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **ALTO DE SANTO AMARO: Teles**, R. João de Barros, 2, frente (T. 638176); **ALVALADE: Belov. de Roma, 53-A (T. 776314); BENFICA - PORTAS DE BENFICA: Progresso**, E. A-Damaia, 64-C (T. 702226); **CAMÕES - SANTA CATARINA: Combro**, C. do Combro, 82 (T. 326059); **CAMPO DE OURIQUE: Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CAMPO PEQUENO - APOLO 70: Campo Pequeno**, Av. Júlio Dinis, 10, loja 18-19 (T. 771661); **CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Vitális**, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **LICEU PEDRO NUNES: Janeiro**, Av. Álvares Cabral, 96-100 (T. 661453); **OLIVAIS SUL: Antunes Rosas**, P. Cidade do Luso, lote 199 (T. 313610); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Silva Júnior, Av. 25 de Abril, 9 (T. 2768030). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. Sociedade Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Almeida Araújo**, R. D. Duarte, 7-B (T. 2292324). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Normal**, Av. Alfredo da Silva, 116 (T. 2073035). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até as 19 horas; **AMORA: Moura Carneiro**, P. General Humberto Delgado, 16-C (T. 2243720). Até às 22 horas; **ALDEIA DE PAIO PIRES: Central**, E. Nacional, 9 (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; ALHOS VEDROS: Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santo Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Louro**, R. Frei António das Chagas (T. 24491). Permanente; **Bocageana**, R. do Romeu (T. 23425). Permanente; **Oliveira Rodrigues**, Vale das cerejeiras, lote 11 (T. 31567). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 4104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Até às 22 horas; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SÃO JOÃO DO ESTORIL: São João**, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRa: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **CASCAIS: Nova**, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Carmele, R. Elias Garcia, lote 28 (T. 4933303). Permanente; **Dias & Brito**, Av. Marquês de Pombal, 45-A (T. 4940118). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Permanente; **QUELUZ: Correia**, L. do Mercado, 3 (T. 950905). Permanente; **CAMARATE: Flores**, Av. das Forçs Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM: Rico**, L. Adriano S. Gil, Agualva (T. 4312833). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Permanente; SA-

DL TEATROS

TEATRO ABERTO

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

5.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS«, de José Saramago. Cenário e encenação de Norberto Barroca. Figurinos de José Costa Reis. Música de Paulino Garcia. (Com o apoio do «Diário de Lisboa»)

Porto — Sala do Povo Portuense

R. de Camões, 578 — Tel. 38 21 31

De terça a domingo, às 21.15; domingo, às 16.00

«O TIO VÂNIA«, de Tchekhov. Pela Seiva Trupe. Encenação: Fernando Umaña.

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«TRILOGIA DA GUERRA« (1.ª parte), de Edward Bond. Tradução de Miguel Cintra, Luís Lima e José Manuel Mendes. Encenação de LuísMiguel Cintra.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09

De terça a sáb., às 21.30. domingos, às 16.00

«AS SENHORAS DAS QUINTAS-FEIRAS«, de Loleh Bellon. Pelo Teatro-Estúdio de Lisboa. Tradução e dramatização Monique Rutler. Encenação de Luzia Maria Martins. Intérpretes: Carlos Vieira de Almeida, Clara Joana, Luísa Ortigoso, Manuel Medonça e Maria Dulce.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto de Figueiredo — Tel. 267 03 20

De 5.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 17.00

«TARTUFO«, de Molière. Pelo Teatro Experimental de Cascais. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Santos Manuel, Marília Costa, João Vasco, Luísa Salgueiro, Paulo B., Alexandra Lencastre e Luís Rizo, entre outros.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00

«LISBOA, TEJO E TUDO«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira.

Teatro do Triângulo

R. da Cintura do Porto de Lisboa, Santos — Tel. 67 61 91

De terça a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«O FÍSICO PRODIGIOSO«, de Jorge de Sena. Adaptação e encenação: André Nuno.

Teatro Maizum

R. dos Poiais de São Bento, 75-B, 2.º — Tel. 60 18 66

«BELA-CALÍGULA«, de Augusto Sobral. Encenação: Rogério Vieira. Cenários: Augusto Sobral. Figurinos: Jasmim. Intérpretes: Manuel Cintra e Silvina Pereira.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, 52 — Tel. 89 70 17 e 36 17 40

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00

«TOMA LÁ REVISTA«, de Henrique Santana e Francisco Nicholson, com a colaboração de Mário Zambujal. Direcção e criação coreográfica de Magda Cardoso. Direcção e encenação de Francisco Nicholson. Interpretação de Eugénio Salvador, Simone deOliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Balneádr. Paulo Borba — Tel. 29 130

5.ª, 6.ª, sábado e domingo, às 21.30

«BOAVIDA» e **«O DIPLOMA«**, de Luigi Pirandelo. Pelo Teatro de Animação de Setúbal. Encenação de Carlos César. Interpretação de Rui Paulo, Nuno Mello, Maria Simões, Gil António, Pompeu José e João Victor, entre outros.

Teatro Galeria Monumental

Campo dos Mártires da Pátria, 101 — Tel. 53 38 48

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«JOGOS DE PRAIA«, de E. A. Whitehead. Pela Companhia das Luzes. Encenação: Diogo Dória e João Canijo. Intérpretes: Diogo Dória, Rita Blanco, Susana Borges e Vítor Norte.

Setubal — Teatro de Bolso

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 — Tel. 291 30

Quinta, sexta, sábado e domingo, às 21.30

«BOAVIDA« e **«O DIPLOMA«**, de Pirandello. Pelo Teatro de Animação de Setúbal. Encenação: Carlos César.

Casa do Pessoal do Porto de Santos

R. da Cintura do Porto de Lisboa — Tel. 60 20 21

De 3.ª a domingo, às 21.30. Até dia 31

«AUTO DO FÍSICO PRODIGIOSO«, adaptação da novela de Jorge de Sena. Pelo Teatro Triângulo. Encenação de André Nuno. Interpretação de Sandra Martins, Jorge Alonso, Alexandra Melo, Filipe Costa, Jorge Tavares e André Macedo, entre outros.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«OS DOIS CORCUNDAS E A LUA«, de Richard Démarcy. Encenação: João Mota. Música: Domingos Morais e José Pedro Caiado. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Carlos Paulo, Isabel Medina, Jorge Loureiro. Manuela Couto e Paulo Ferreira.

Sala 1

Quartas, quintas e sábados, às 22.30

«O URSO NA CAMA«, de Zé Gouveia. Pelo Gurpo Sete Ofícios. Encenação de Geraldo Tuché e Zé Gouveia. Interpretação de Geraldo Tuché e Octavio Rocha.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

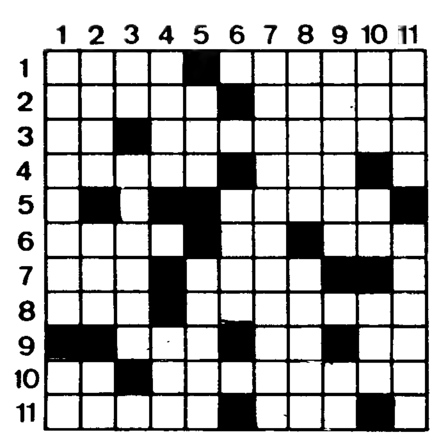
«CRIADA PARA TODO O SERVIÇO», de Barrilet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez. Cenário de Miguel Sá Fernandes. Interpretação de Florbela Queirós, Armando Cortez, Manuela Maria, Norberto de Sousa e Alexandra Pereira.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17108

HORIZONTAIS:

1 Pronome indefinido. Esperalhão.
2 Cidade de França. Cepos.
3 Pronome pessoal. Apeles.
4 Picou com o bico. Título honorífico na Índia.
5 Planta odorífera que os antigos empregavam para embalsamar os corpos e as damas romanas para perfumar o cabelo.
6 Espírito. Pronome pessoal. Arara.
7 Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Cidade da Bélgica.
8 Oásis. Tornozelo.
9 Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Viração. Pertences.
10 Sódio (s.q). Enigmas.
11 Parte lateral de um edifício. Estima.



VERTICAIS:

1 Cidade de França. Em o.
2 Lavrei. Cinquenta e seis em romano. Ouro (s.q).
3 Quinhentos e cinquenta em romano. Município.
4 Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar. Fedor.
5 Pronome possessivo. Ramo.
6 Gostar muito de.
7 Afligira.
8 O mesmo que alcorão. Ofereceram.
9 Ordena. Concede.
10 Filtra. SUFIXO QUE DESIGNA ESTADO. Espéce de macaco do Amazonas.
11 Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais. Molesta.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇAO DO PROBLEMA

N.º **17107**

HORIZONTAIS:

1 ANTE. MALHO.
2 Naab. Cobaia.
3 Triana. Sai.
4 Aas. Cãs.
5 Ribatejo.
6 Safira. Oi!.
7 Alagarias.
8 Aba. Ocaso.
9 Quimera.
10 Ura. Ansiar.
11 Ea. Ama. Mios.

VERTICAIS:

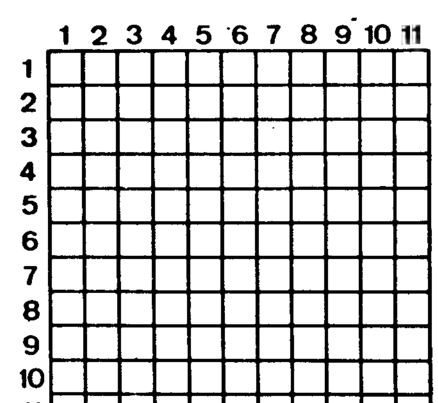
1 Antália. QUE.
2 Nara. Aura.
3 Tais. Sabiá.
4 Abé. Ralam.
5 Naifa. Mãe.
6 Ca. BIGORNA.
7 Mo. Caraças.
8 Ab. ATARA. Im.
9 Lasse. Iscai.
10 Hia. João. Ro.
11 Ião. Ois.

PROVÉRBIO: Antes malho que bigorna.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15933

HORIZONTAIS:

1 Antigo idioma americano, ainda hoje falado em grande parte do Peru. Pessoa ordinária ou desprezível.
2 Árvore do Brasil de cuja casca se extrai o curare. Na Índia, encantador de serpentes.
3 Uma das Cíclades. Estiagem. Nesse lugar.
4 Ósmio (s.q). Da Polónia.
5 Espécie de feijão chinês.
6 Freguesia do concelho de Guimarães. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
7 Gostar muito de. Sepultura.
8 Antiga capital da Birmânia. O mesmo que ruão.
9 Definhei. O mesmo que urso (ant).
10 Pega. Pronome pessoal. Isto é.
11 Grandes porções de ossos. Manuscrito.



VERTICAIS:

1 Cidade do Japão. Estima.
2 Bois selvagens. Conselho.
3 Seguias. Nome de frutos.
4 Cento e um em romano. Um dos Estados do Brasil.
5 Defendera.
6 Poo antigo da Gália. Interjeição de dor.
7 Repreensão (pop). Basta!
8 Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. Consentes.
9 Título do antigo soberano da Pérsia. Rezamos.
10 Pronome pessoal. Deus dos pastores (inv). Consentimento.
11 Interjeição da ilha das Flores, o mesmo que ah! oh! Grande claridade (pl).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **15932**

HORIZONTAIS:

1 Aveiro. Daca.
2 Aira. Reimas.
3 Rs. Roçara.
4 Hamadã. Odre.
5 Uro. Não.
6 Sarrafos. It.
7 Tarara. Va.
8 Ares. Lear.
9 Iama. Or.
10 Sor. Remara.
11 Aportares.

VERTICAIS:

1 Aarhus. Assa.
2 Visara. Op.
3 Er. Morteiro.
4 Iara. Rasa.
5 Odiar.
6 Orça. Falara.
7 Ea. Mor. Er.
8 Diro. Salomé.
9 Amado. Eras.
10 Ca. Raiva.
11 Assentarias.

Rádio

Antena Um

16.00: Rocklândia; **18.00**: Regressos; **20.00**: Música portuguesa; **21.00**: Musical; **21.30**: Directamente da Feira Popular de Lisboa, transmissão do 1.º Festival da Canção Popular de Lisboa, «Cantar Lisboa»; **24.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

14.35: Panorama, da obra de Mendelssohn; **16.00**: Efeméride musical; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: Correspondências; **17.40**: Trechos, de óperas; **18.40**: Marchas instrumentais, de Liszt, Mozart e Elgar; **19.00**: Integrais; **19.28**: Música coral sinfónica, de Poulenc; **19.55**: Concerto, n.º 2, para piano e orquestra, de Chopin; **20.40**: Música, para violino, de Grieg; **21.00**: Histórias de música e... outras; **21.30**: Música, de Vivaldi; **22.00**: Música vocal comentada; **23.30**: Concerto sinfónico; **00.50**: Último andamento; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Cantar português; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Porto de abrigo; **20.30**: Meia de música; **21.00**: Palácio de Cristal; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Porto final.

TELEVISÃO

RTP 1

14.50 - Desenhos Animados

15.00 - A Primavera em Viena

17.00 - Ponto a Ponto

18.00 - Sumário

18.05 - Brinca Brincando
«Vento nos Salgueiros»

18.35 - A Família Bellamy

19.20 - A Prática das Colecções

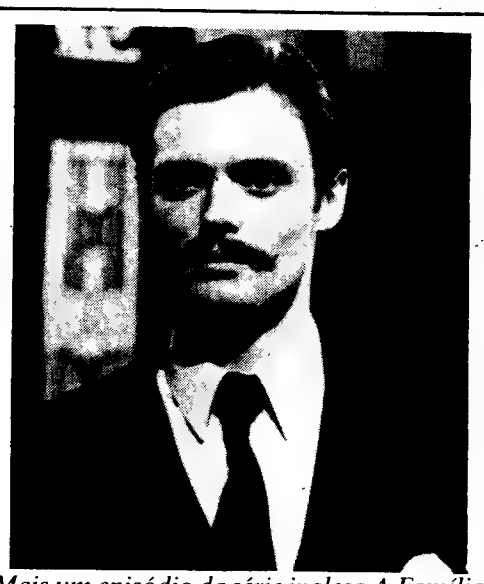
A Feira da Ladra é um dos principais mananciais de formecimento de peças aos coleccionadores que ali vão propositamente enriquecer as suas colecções. Exemplo flagrante daquilo que dizemos é o sr. Rolando tavares, que embora não se intitulando um coleccionador tem adquirdo na feira da Ladra, objectos de rara beleza que os usa, a partir da sua sensibilidade, para decorar a sua casa

20.00 - Telejornal

20.30 - Bolsa Dia a Dia

20.35 - Boletim Meteorologico

20.40 - António Sala no Coliseu



Mais um episódio da série inglesa A Família Bellamy na RTP-1 às 18.35

21.40 - ALF - Uma Coisa do Outro Mundo

Alf dá lições de astronomia a Brian e este arranja um problema na escola quando diz aos colegas que o sistema solar é composto por onze planetas

22.05 - Telemundo

22.35 - Terna é a Noite

1928—A clónica do dr. Dohmler é agora dirigida por Dick Diver e Franz, mas Dick não está contente com os resultados pois não gosta de lidar só com os ricos. Entretanto, a estabilidade de Nicole continua a estar ameaçada

23.40 - Notícias

23.55 - Estádio

Inclui volta a Portugal em bicicleta

Alf volta a arranjar sarilhos ao ensinar astronomia a Brain, na RTP-1 às 21.40

RTP 2

17.16 - Os Imigrantes
62º Episodio

18.00 - Countdown

19.05 - Simon Show

20.00 - Hitchcock Apresenta

Mrs Herman já não consegue suportar o seu velho tio Bill Finlay e resolve ver-se livre dele. Para isso contrata mrs Fenimore, a quem promete 2.500 dólares para deixar o gás aberto no quarto do tio, de forma a simular um acidente. Tudo corre como previsto, mas mrs Fenimore tem uma surpresa reservada por mrs Herman.

20.30 - Uma Família às Direitas

Mike e Gloria ao saberem que um seu

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Montra de Livros

21.35 - O Tempo e o Vento

22.10 - Soldados

Um exército só pode funcionar bem se for possível coordenar a enorme variedade de comandos. Os grandes generais da História, homens como Marlborough, Wellington, Napoleão, Lee, Montgomery ou Paton, foram ao mesmo tempo pensadores e homens de acção.

AMANHÃ

RTP-1

10.01 - Às Dez
12.15 - Cambalacho
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Desenhos Animados
13.50 - Foi Êxito na TV
15.00 - Seja Bem Vindo
17.00 - Ponto por Ponto
18.00 - Sumário
18.05 - Brinca Brincando
18.30 - A Família Bellamy
19.25 - Memoria Audio–Visual
20.00 - Telejornal
20.30 - Bolsa Dia a Dia
20.35 - Boletim Meteorológico
20.50 - Mobil nos Caminhos de Portugal
22.05 - Gala de inauguração do«Novo Centro» de Viena de Áustria
24.00 - Notícias
23.35 - Estádio
23.50 - Pela Noite Dentro

RTP-2

17.16 - Os Imigrantes
18.00 - Countdown
19.00 - Simon Show
20.00 - Hitchcock Apresenta
20.35 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Clube de Jornalistas
22.05 - Os desastres de guerra
23.00 - Troféu

AOS CONDUTORES

"Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

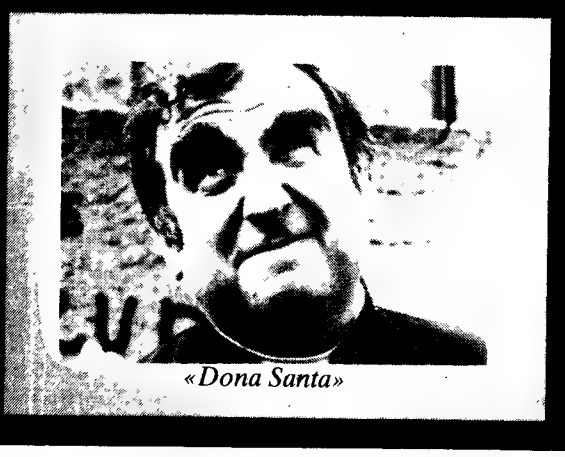
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1 — A Prática das Colecções

RTP 2 — Countdown

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570



«Dona Santa»

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRAFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Tecnicos **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES: 32 11 54 / 5 - 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira 40$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82
Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

ÚLTIMA HORA

O FBI está a investigar alegações de que o chefe das Forças Armadas do Panamá, general Manuel Noriega, tem ligações com uma rede de tráfico de droga na Florida, revela na sua edição de hoje o diário «Los Angeles Times». O inquéiro do FBI baseia-se em informações confidenciais sobre alegados incidentes ocorridos há vários anos, revelaram fontes governamentais norte-americanas. O FBI está a tentar apurar se Noriega teria ajudado a «lavar» lucros provenientes do tráfico de estupefacientes e protegido carregamentos de droga com destino a Miami.

INE cria novos indicadores sociais

O Instituto Nacional de Estatística (INE), vai alargar o leque de indicadores sociais existentes, através da construção de um «Índice de Rendas» e de «Indicadores de Conforto » das famílias, informa o INE em anexo ao «Boletim Mensal de Estatística», hoje divulgado. De acordo com a mesma fonte, «procede–se já à recolha dos dados que vão proporcionar o conhecimento das condições de conforto dos agregados familiares e a caracterização das unidades de alojamento para a selecção de uma amostra destinada ao índice de rendas».

O objectivo do índice das rendas reside no estabelecimento de uma série temporal que permita seguir a evolução rendas da habitação. Quanto ao indicador de conforto pretende–se obter informações sobre as condições de conforto de unidades de alojamento bem como sobre a posse ou disponibilidade de diversos tipos de bens.

Punidos os quatro médicos acusados de subornos

Um dos quatro médicos do Lorvão acusados de terem aplicado, a troco de dinheiro, um medicamento injectável em doentes mentais, ainda não utilizado em Portugal, foi punido com aposentação compulsiva e os restantes com um ano de suspensão - foi hoje anunciado.

Pord despacho da ministra da Saúde, de 6 de Agosto, as punições disciplinares foram aplicadas pelo facto dos médicos «terem recebido de uma empresa de produtos farmacêuticos importâncias em dinheiro para fazerem ensaios clínicos de um medicamento estrangeiro».

A aposentação compulsiva foi aplicada ao médico coordenador do programa, directamente contratado pela empresa farmacêutica.

Acusado de ser das "FP-25" tentou suicidar-se na cadeia

Um alegado elemento das FP's-25 que se atirou na terça-feira, do primeiro piso da Cadeia Penitenciária de Lisboa encontra-se no Hospital Prisional de Caxias gravemente ferido.

Albino Conceição Soares, condenado a 13 anos, foi, de acordo com uma informação prestada pela Direcção dos Serviços Prisionais, nesse mesmo dia operado a um braço no Hospital de S. José.

O pessoal assistente dos serviços prisionais tinha notado, desde há dias, alteração do comportamento de Albino Soares, tendo sido instruído para que o preso não ficasse sozinho.

A Direcção dos Serviços Prisionais admite que o preso esteja afectado psicológicamente, nomeadamente por um excessivo isolamento em relação aos restantes condenados.

Três habitações assaltadas no mesmo prédio

Dois locatórios de um prédio na Calçada do Monte à Graça em Lisboa, actualmente em férias fora de Lisboa, terão uma surpresa desagradável ao regressarem a casa. É que as suas habitações, assim como uma outra situada no mesmo edifício, foram alvo do interesse de assaltantes que por meio de arrombamento entraram nas três residências.

O «modus operandi» e o período em que os assaltos foram cometidos são os mesmos, pelo que a Polícia Judiciária concluiu tratar-se do mesmo ou dos mesmos autores.

Da residência em que o locatário se encontra em Lisboa furtaram apenas cinco mil e 500 escudos, ignorando-se, por enquanto, os prejuízos causados nos terceiro e quarto andares por os respectivos inquilinos se encontrarem ausentes.

À Judiciária foi também comunicado a entrada por arrombamento de uma residência na Avenida Rovisco Pais, a Arroios, em Lisboa, de onde foram furtados cerca de dois mil contos de valores, em especial pratas, jóias e material de televisão e som.

DECARAS

MARADONNA: o Nápoles joga hoje com o Hamburgo (nesta cidade alemã) e cobrará 200 mil dólares, só que para o jogador argentino vai metade desta verba... Assim, Diego Maradonna arrecada, por noventa minutos de jogo, a bonita soma de 14 mil contos (1111 dólares por minuto).

DIANA ROSS e Ney Matogrosso vêm ainda este ano actuar em Portugal: Será a primeira vez que a cantora norte–americana vem a Portugal, o que já não se passa com o artista brasileiro, que já actuou no Coliseu dos Recreios. Ney Matogrosso estará em Lisboa e Porto no próximo mês de Outubro, enquanto em relação a Diana Ross ainda não há datas marcadas.

YASER ARAFAT, líder da Organização de Libertação da Palestina (OLP) e o Presidente romeno discutiram ontem a possibilidade de estabelecer uma comissão preparatória para uma conferência sobre o Médio Oriente — anunciou o jornal «Scienteia». Arafat e Nicolae Ceausescu (que se encontraram na residência de férias de Chefe de Estado romeno, em Snagov) emitiram um comunicado, difundido pelo jornal do Partido Comunista romeno, em que afirmam: «Todos os Estados árabes interessados, a Organização de Libertação da palestina, Israel e os membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas, deverão integrar a comissão».

CELSO, futebolista brasileiro que dizia «não se ter sentido nada bem nas Antas» e balançava entre o Bessa e o Restelo, renovou ontem o contrato com o Futebol Clube do Porto. Regressado a Portugal depois de ter incluído a selecção do «resto do Mundo» que no passado sábado defrontou a selecção inglesa em Wembley, aquele futebolista sempre resolveu permanecer na equipa das Antas.

LARA LI tem novo álbum. Chama–se «Quimera» e é uma colecção de seis clássicos portugueses, dois temas inéditos e uma versão de «God Bless The Child», de Billie Holliday. Trata–se de primeiro LP , depois de há três anos ter saído «Vem». Os clássicos portugueses incluídos em «Quimera» são «Sorriso» («Trovante»), «Nem às Paredes Confesso» (Amália), «Sol de Inverno» (Simone), «Barco Negro» (Tony de Matos) e «Chave de Vidro» (Sérgio Godinho). Os inéditos são «Jura», da dupla Carlos Tê—Rui Veloso e «Quarto Crescente», de Ana Zanatti e Cristiana Kopke. O álbum tem produção de Nice Tan.

LEONARDO RIBEIRO DE ALMEIDA vai ser homenageado esta noite, num restaurante de Lisboa, pelos seus assessores, adjuntos e secretárias. Querem os principais colaboradores de Ribeiro de Almeida com este jantar de despedida, homenagear as qualidades de trabalho, diálogo e convivência do Ministro da Defesa que agora cessa funções.

SIDA cresce à média de 123% em Portugal como na Europa

Os casos de SIDA na Europa estão a aumentar à razão de 123 por cento ao ano, verificando-se em Portugal idêntica tendência, revelam os números recolhidos pela Organização Mundial de Saúde agora divulgados pelo Grupo de Trabalho da SIDA (GTS) do Instituto Nacional de Saúde.

Entre Março de 1986 e Março deste ano o número de casos de SIDA notificados à OMS por 27 países europeus passou de 2542 para 5679 ou seja um aumento para mais do dobro no intervalo de um ano.

Em Portugal, um dos países ocidentais com menor taxa de incidência de SIDA por milhão de habitantes, durante o mesmo período o número de casos notificados ao GTS passou de 24 para 54, o que representa um aumento de 125 por cento ao ano, sensivelmente idêntico à média europeia.

Comparando o primeiro semestre de 1987 com o mesmo período do ano passado, não se nota em Portugal tendência para o agravamento da situação já que nos primeiros seis meses de 1986 a taxa de aumento foi de 55 por cento e no mesmo período deste ano o aumento cifrou-se em 45 por cento.

Com 5 casos de SIDA por milhão de habitantes, Portugal era, em Março último, um dos três países da Europa Ocidental menos afectados pela SIDA, ao lado da Finlândia e da Grécia.

Segundo os números fornecidos à OMS, os países europeus com mais elevada incidência são a Suíça (35 casos por milhão de habitantes), a França (29,7 casos), a Dinamarca (29,4) e a Bélgica (23,2).

Apesar de ser preocupante para as autoridades sanitárias, o problema da SIDA na Europa não atinge ainda as dimensões que tem nos Estados Unidos, onde já morreram muitos milhares de pessoas e onde a incidência é de 140 casos por milhão de habitantes.

Os países europeus onde a epidemia de SIDA está a aumentar mais rapidamente são a França, com 32 novos casos por semana, a República Federal da Alemanha, com 14 casos por semana, e ainda a Itália (11 casos), a Grã-Bretanha (10) e a Espanha (8).

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72.

N.º 315

Três revistas

TRÊS revistas, duas portuguesas e uma espanhola. As portuguesas, **Peregrinação** e **Colóquio-Letras**, são mais do que conhecidas, há anos (quatro a primeira, uns quinze ou dezasseis a outra, só na segunda série) presentes na vida cultural. A terceira chama-se **Anaquel**, é uma «revista de créación y critica», vai no seu número 5 (em Abril deste ano) e seria fácil e um tanto falsificador qualificá-la de «revista espanhola», apesar de o ser, obviamente. Mas é não somente um projecto descentralizado mas também ou principalmente um instrumento (cultural) de descentralização, mais concretamente: da autonomia regional. Com mais rigor: **Anaquel** é uma publicação da Editora Regional da Extremadura, do Conselho (se preferirmos, da Conselharia) de Educação e e Cultura da Junta de Extremadura, em Mérida, pequena (à escala espanhola) cidade da província de Badajoz. Mas, para além disto — simples indicações — vejamos os três casos um por um.

Peregrinação

Diz-se revista de «artes e letras da diáspora portuguesa». Já se disse «revista de artes e letras de expressão emigrante» e não sabemos dizer qual das duas designações será a mais feliz. Também não é isso que importa, e sim a adequação da designação a temas e assuntos de que aqui se trata. E qualquer designação parece adequada ao que a revista tem publicado até este número 16 — tanto textos sobre temas e assuntos da emigração ou da diáspora assinados por nomes da emigração ou da diáspora, ou não, como textos do mais variado teor temático ou assumptivo, mas, nestes casos, assinados por nomes ligados à diáspora ou emigração. Exemplos desta fundamental dualidade (mais do que dualidade: abertura) de critérios, temo-los precisamente neste número 16: entre outros, estudos sobre «Inadaptação e insucesso escolares dos filhos dos emigrantes em França», de Mário Pais Ferreira, e «América e Europa: duas maneiras de estar na emigração», de Eduardo Mayonne Dias, nos âmbitos sociológicos da educação e da cultura (lata acepção de uma coisa e outra, principalmente da cultura), — e um trabalho de J. J. da Cunha Rodrigues sobre «O diplomata Eça de Queiroz», agora nos domínios pode-se dizer que da história literária. A literatura — estudos literários, criação literária, crítica e comentarismo — é um dos interesses fundamentais da revista, e dir-se-ia que naturalmente, já que é aí que se desenvolve mais o processo testemunhal, ou crítico e analítico, da experiência vivida. Todavia, é importante assinalar a atenção que a revista tem prestado a outros domínios como, por exemplo, as artes visuais. Habitualmente, a revista reproduz, na capa, a cores, e nas páginas interiores, a preto e branco, quadros de pintores portugueses residindo no estrangeiro.

Já não é a primeira vez que aqui se fala desta revista da Fundação Cultural dos Emigrantes dirigida, a partir da Suíça, por José David Rosa. Parecerá insuportável lugar-comum dizer que é uma publicação importante. Porque é algo mais do que isso poderá querer dizer: é, por exemplo, a única revista de criação e crítica cultural (mais do que literária) que presentemente se publica nos (e para os) domínios da emigração. E antes disso e depois é, presentemente, uma das melhores revistas literárias portuguesas, as quais, porém, e como se sabe, são tão poucas que os dedos das mãos sobram para as contar: esta, a **Colóquio-Letras**, que mais? Há umas revistas universitárias. E outras que, não sendo propriamente literárias, mas culturais, têm na literatura um dos seus fundamentais interesses. Mas nenhum caso comparável a este de **Peregrinação**.

Esta revista deve aproximar-se talvez duma **Colóquio-Letras** e duma **Colóquio-Artes**, talvez mais do que de qualquer outra. Distingue-se delas, porém, desde logo pela restrição das referências (emigração, diáspora); depois, pela procura de soluções mais **jornalísticas**, com o sentido da actualidade e da informação, da prática efectiva e viva duma relação com os leitores a que se dirige, — certamente muitos, e dispersos um pouco por toda a parte, na maioria dos casos cremos que fora de Portugal. Talvez por isto, pela prevalência deste sentido, a revista tem planos para passar de trimestral a bimestral, dentro em breve, e admite a possibilidade de, a médio prazo, passar a sair todos os meses.

Colóquio-Letras

Propriedade da Gulbenkian, a **Colóquio-Letras** há largos anos que é uma instituição talvez a mais importante da vida literária portuguesa, pelo menos no domínio das publicações periódicas. Instituição — mas viva e a renovar-se constantemente, desde logo no quadro de colaboradores, ensaístas, comentadores, críticos e criadores. Dizer isto não é fazer qualquer atribuição arbitrária, mas um reconhecimento partilhável por, além de aquém de outros, os escritores vivos da actual literatura portuguesa, os quais é aí — e em muitos casos aí somente — que vêem comentados, criticados ou recenseados os livros que publicam (e que — misérias do meio — não raro não merecem sequer duas linhas de notícia nos jornais para onde os enviam).

Quando aqui há anos apareceu o **Jornal de Letras** pensou-se que ele iria em parte substituir a **Colóquio**, pelo menos no desempenho duma função informativa, comentarística e recensiva imediata. A breve trecho o «JL» revelou-se bem pouco interessado nisso, fazendo prevalecer uma lógica comercial que nem os suplementos literários tinham como tradição. E aos poucos foi-se revelando não só a necessidade de reaparecerem os suplementos literários, mas também a evidência de que a revista da Gulbenkian desempenhava uma função onde não poderia ser facilmente substituída: a de acompanhamento crítico da vida literária portuguesa. Por isso se pode falar da **Colóquio** como instituição. A sua secção de breves notas de leitura e de recensões críticas ainda é o que de melhor e de mais utilidade se faz actualmente em publicações portuguesas, e há da parte daqueles que fazem a revista uma atenção para com a literatura portuguesa de hoje uma atenção que ninguém de boa-fé poderá deixar de reconhecer.

O n.º 97, por exemplo, traz recensões ou pequenas notas sobre umas três dezenas de novos livros portugueses nos domínios da poesia, do ensaio, da novelística — o que é alguma coisa, se nos lembrarmos de que a revista sai de dois em dois meses. E há, como sempre, alguma cobertura crítica da actividade editorial noutros espaços literários da língua portuguesa, Angola e Brasil, por exemplo.

Mas o mais substancial da revista da Gulbenkian continua a ser talvez o ensaísmo. E neste número 97, ressaltam trabalhos de Fernando J. B. Martinho sobre as relações O'Neil-Pessoa, e Onésimo Teotónio de Almeida «Sobre o sentido de «a minha pátria é a língua portuguesa» (Pessoa em questão).

Anaquel

É uma revista da Conselharia de Educação e Cultura da Junta de Extremadura, faz-se a partir de Mérida, Badajoz, e quem a vir só experimentará alguma sensação de surpresa perante isto se acaso tiver como referência apenas a realidade provincial portuguesa nestes domínios. Ora, o caso de Espanha, nestes domínios, é bastante diverso do português, e se não podemos dizer que haja dezenas de revistas, assim, é pelo menos possível dizer que há umas tantas — da Galiza à Catalunha,da Andaluzia ao Euskadi, de Castela-Leão às Canárias e às Baleares. Revistas literárias — da criação literária e poética, e de crítica, — são uma das melhores tradições espanholas este século. A única surpresa razoável terá a ver como facto de a Extremadura ser, de Espanha e tradicionalmente, uma das regiões culturalmente mais deprimidas, ou mesmo a mais deprimida. Pois **Anaquel** dá conta de que alguma coisa está a mudar — nestes domínios como noutros, e não só na Extremadura, aliás, mas em toda a Espanha.

A revista tem 68 páginas. Metade é ocupada por ensaísmo (sobre Unamuno, Valle-Inclan, etc.), a outra metade por um dossier (Ramon Carande), criação (sobretudo poesia, avultando traduções do brasileiro Ledo Ivo, por Amador Palácios — a dar à revista uma feição não propriamente regionalista), e umas dezenas de recensões e comentários a livros na sua maior parte publicados pela Editora Regional da Extremadura, a qual, aliás, chancela a própria revista.

É importante assinalar isto, a existência desta editora — de criação recente e, pelo menos, uma iniciativa de que neste número de **Anaquel** há notícia: a colecção 100-La Centena, projecto de biblioteca de autores extremenhos e de literatura extremenha. No catálogo, entretanto, e antes disso, estão dezenas de títulos publicados.

A ERE tem actividade para além disto, por certo, mas só esta colecção dará uma ideia do projecto que a editora pretende ser. Em Portugal não há nada que se pareça. O caso de Espanha proporciona isto, e Portugal não, por razões de dimensão, dir-se-á. E talvez não seja assim, como um dia veremos, não se sabe. De resto, há já entre nós alguns sinais de que nos campos da criação cultural (e até ou desde logo da criação literária) alguma coisa está a mudar, na província..Talvez os caminhos a seguir não sejam muito diversos dos seguidos em Espanha. Então, aqueles que aí se empenharem deverão saber o que em Espanha já se fez. Se fizerem parecido já será alguma coisa.

Luís de Miranda Rocha

Pescador à linha

Por Luís Veiga Leitão

MEUS ENCONTROS COM PICASSO (I). Verão de 1961. Agosto. Frequentava eu, pela segunda vez, o curso de férias da Faculdade de Letras de Aix-Marseille, no Colégio Internacional de Cannes. Na bagagem, duas garrafas de Porto (chaves para certas portas estrangeiras) e uma *cerâmica* de Rosa Ramalho. Do seu espantoso imaginário, era a composição híbrida de bicho insólito e figura humana. Virginal discípula de BOSCH ou antes dele: em arte o tempo não conta. Breton decerto abrir-lhe-ia os braços... graças, porém, a Mário Cesariny, representada está na sua Antologia Surrealismo-Abjeccionismo, 1963, Editorial Minotauro. A *cerâmica* vinha com determinado alvo. Homenagear Picassso, através de uma *naíve* extraordinária como ela. E, depois (quem sabe? Ó santa ingenuidade!) aguardar pelo correio duas palavras de agradecimento e, dele mesmo, um desenho assinado. Ao tempo, Picasso vivia em Vellauris, nos Alpes Marítimos, a 10 km de Cannes. Na praça do pequeno burgo, a célebre escultura (bronze) do autor de *Guernica*: L'Homme ou Mouton. E, na capela, vazia de sacros ofícios, o grande tríptico sobre a Guerra e a Paz. Percorridas algumas breves ruas cheia de olaria para turistas de duvidoso gosto, quedei-me de vez, conforme as indicações dadas e o já previsto, na loja de exposição e negócio de um tal senhor, alto de proa, que diziam ter boas relações pessoais com Picasso, além do exclusivo na produção cerâmica. Daí, talvez por tudo isto, como quem bebe os ares do génio, olhou-me de longe e, favor dos deuses, mandou-me dois belos olhos pretos: a secretária. E, no câmbio dos sorrisos, deixei-lhe a cerâmica de Rosa Ramalho, envolta em papel de seda, numa caixa de sapatos (embalagem à última hora) para ser entregue com muitas felicidades ao senhor Pablo Picasso.

Por obra e graça do *maire* de Vallauris, deram-me a esperança, quase a certeza, de visitar Picasso, mesmo que a visita fosse um relâmpago. E lá fui, confesso, como a rã da fábula. Inchado de esperança. No dia anterior, Picasso tinha chegado eufórico de uma tourada em Arles. Quando lhe disseram que estava ali o poeta (o poeta era eu) apenas ouvi: — Quem? Cocteau? E a seguir, o riso. E a ordem para que eu esperasse. Na altura em que já me decidia, vermelho, a mandar a visita às malvas, ele, como num palco, de súbito entra e logo sai, palavra nenhuma, o rosto oculto por um prato com faunos dançando uma pirueta.

«QUEM É ESTE CABRÃO que me anda a imitar?» De Rosa Ramalho a conhecido crítico de Arte que, ao tempo, lhe mostrou um desenho de Picasso.

«RESPEITE AS REGRAS. Então, jogue todas fora. Pela primeira vez, você atinge a Liberdade.» BASHO (trad. de Paulo Leminski

O homem gladíolo

CHEGAVA de manhã, com uma flor diferente nos braços, pouco embrulhada, de haste comprida e quase sem verdura a acompanhar. Sentava-se a uma mesa de café, ou num banco de jardim e depois, inquieto, ao fim de um certo tempo, levantava-se, mudava para outro banco, ou entrava num bar, quarteirões, acima, para esperar de novo. Fazia isso há anos. Há anos que todos os dias de folga, os momentos de desemprego, os feriados, os declaradamente ilegais feriados em que faltava ao emprego para respirar, todos esses dias eram utilizados assim: trazia uma flor diferente, e esperava.

Por vezes, a flor era colhida, de passagem, num canteiro. Por vezes, comprada a uma florista com quem dois dedos de conversa o levavam a sonhar com a vendedora de violetas cega que um dia vira no cinema. Outras vezes ainda, a flor era roubada em floristas de luxo, em momentos de grande falta de dinheiro. Era então preciso correr, e nesses dias chegava já muito cansado ao local de encontro. Certas vezes, o cansaço era tanto que não tinha então capacidade para esperar quase tempo nenhum. Levantava-se imediatamente percorrendo dez ou doze hipotéticos locais em poucas horas, e o resto do dia, essa zona em que a desistência acaba por chegar, pontual, era muito mais doloroso. Uma vez, achou que era feriado a meio da noite; saiu de casa, pegou numa grande pedra partiu a montra de uma florista, entrou, escolheu uma haste de gladíolos cor-de-rosa, um pouco de verdura, papel prateado para embrulhar no pé, pegou no ramo e partiu para o cais.

Esperou o resto da noite, sentado.

Ouviu barcos que partiam. Sentia ao longe a azáfama descontrolada de passageiros madrugadores, a caminho de viagens de negócios, ou então turistas ensonados de partida para cruzeiros monótonos e formais. Ouviu também, mais longe ainda, o murmúrio do fundo do mar. Imaginava búzios, sardinhas, bernardos-heremitas, lutas entre centauros anfíbios e polvos gigantes, grutas imersas invadidas por moreias ao lado de tremelgas matando bois mitológicos em labirintos difíceis de interpretar.

Por fim, o sol nasceu. Sentiu-se já menos cansado com os primeiros raios rosa que lhe inseminavam a pele como faíscas generosas, provocando arrepios simples que o levaram a levantar-se. Deu então consigo de pé, e o oceano que nascia daquela sua cidade natal era como um rio que se alargasse progressivamente até inundar o resto do mundo. O sol subiu um pouco mais no horizonte. Todos os barcos, grandes e pequenos, se calaram. O que era para ser por eles executado naquele dia teve um súbito momento de intervalo.

O mar sorriu. O homem, um pouco trágico e cómico com o seu ramo de gladíolos na mão, afastando umas lágrimas líricas que o começaram a irritar, coçou o queixo, fechou um pouco os olhos e sorriu. De cansaço, de tristeza, de se achar ridículo? Tinha esperado tantos anos, em tantos sítios, com tantas flores, e ela nunca mais chegava.

Tinha desejado mil vezes o momento, e desistido dele, desmentindo a si próprio que alguma vez pudesse existir. Sabia cada curva e contracurva do corpo dessa mulher de cor. Conhecia-lhe a temperatura, o sabor dos lábios, a textura da pele, o paladar acre e violento do suco que lhe germinaria entre as pernas. E mesmo o gosto do sabor da sua própria boca quando fosse provada pela boca dela. Sabia sobretudo a sensação exacta de quando um dos seus dedos tocasse num dos dela e fosse de uma vez por todas estabelecido contacto com alguns astros que de longe, há anos e anos, o alimentavam numa esperança absurda e líquida, de tanto chorar.

Nesse momento, também o sol se calou. Deixou de ser dia ou noite, o ar passando a uma densidade suspeita, difícil de descrever, mas em qualquer dos casos arroxeada. Arroxeada e com luz vinda do interior do mar. Os gladíolos estremeceram. Ouviu-se uma melodia toda composta de silêncios, ordenados segundo métricas novas, inéditas para ele até então.

De repente, por detrás, sentiu sobre as suas costas um ventre. De ambos os lados dois braços o envolveram com um hálito de vinho, surpreendente, entorpecedor, que lhe subiu pelas pernas num arrepio invertido, ou algo de novo e desconcertante que não conseguia explicar a si próprio, por não o poder reconhecer. Duas coxas se encostaram à parte traseira das suas coxas. Um só instante, pôde sentir com exactidão a temperatura certa do perfume almiscarado que medira, anos a fio, com o seu nónio louco. Foi um abraço lento, progressivo, como as súbitas invasões. O corpo que estava agora colado ao seu parecia tão próximo e no entanto, naquela posição, apenas ao mar conseguia ver o rosto. E o mar tornou a sorrir. Por fim, talvez durante um segundo, e com um estranho som de implosão quente, os dois corpos fundiram-se num só, bizarro vertebrado de duas cabeças nunca antes visto pelas pedras gastas daquele cais.

Nesse instante, os gladíolos, quase completamnte esmagados entre os dois corpos, onde tinham ido parar sabe-se lá como, começaram a aumentar de volume, inchando sempre, até que poucos segundos depois a mulher estava abraçada, não de costas mas de frente, a um homem de pele muito rosada, nascido daquele ramo de gladíolos mesmo antes de a força dos dois corpos o conseguir matar. Era um homem desconhecido, imprevisto para ela como para aquele que sempre ali tinha estado desde a noite anterior, e que de costas para ambos continuava a olhar para o rosto vasto do mar.

E foi um mergulho simples. A hora do encontro chegara finalmente. Viriam, ainda nessa manhã, a encontrar-lhe o corpo, boiando com a maré-cheia, já pouco reconhecível e a caminho, supõe-se, de novas aventuras.

Manuel Cintra

«O Contrabaixo», monólogo de Süskind

Patrick Süskind, nascido em 1949, tornou-se conhecido com o seu romance «O Perfume», já traduzido em português, e que suscitou o interesse da crítica por toda a Europa. Agora sai entre nós uma sua obra anterior, «O Contrabaixo», monólogo dramático escrito em 1980 e que, representado em 1984/85 na RFA e na RDA, conheceu êxito invulgar. Süskind escreveu já um novo romance, *Die Taube* («A Pomba»), que esperamos ver em breve publicado em português. Aqui fica um excerto de «O Contrabaixo»:

QUARTO. *Está um disco a tocar a segunda sinfonia de Brahms. Alguém o acompanha trauteando. Passos que se afastam e regressam. É aberta uma garrafa. Esse alguém serve-se de cerveja.*

Um momento... está quase... agora! Estão a ouvi-la? Ali! Agora! Estão mesmo a ouvir? Daqui a pouco outra vez, a mesma passagem, esperem.

Agora! Estão a ouvi-la agora! Quero dizer, os baixos. Os contrabaixos...

Ele levanta a agulha do disco. Fim da música.

...Isto sou eu. Ou melhor, nós. Os colegas e eu. A Orquestra Nacional. A segunda de Brahms é uma obra impressionante. Nesta altura éramos seis. Um conjunto incompleto, mas suficiente. Somos oito ao todo. Às vezes reforçam-nos de fora, até dez. Também já aconteceu sermos doze, é espectacular. Doze contrabaixos, quando eles querem, em termos teóricos, acreditem que nem uma orquestra inteira os bate. Sobretudo em termos físicos. Quando assim acontece, os outros bem podem fazer as malas. Basta dizer, sem nós não há nada. Podem perguntar a quem quiserem. Qualquer músico vos poderá assegurar, de boa vontade, que uma orquestra dispensa sempre o maestro, mas nunca o contrabaixo. Séculos a fio, houve orquestras que se bastaram a si próprias sem maestro. Bem vistas as coisas, o maestro é, no desenvolvimento histórico da música, uma descoberta recentíssima. Século dezanove. E também vos posso assegurar que nós, uma vez por outra, na Orquestra Nacional, tocamos à margem do maestro. Ou passamos por cima dele. Às vezes chegamos mesmo a passar por cima do maestro sem que ele próprio dê por isso. Deixamos que ele lá à frente pincele o que muito bem lhe apetece, enquanto nós ajustamos as cordas à nossa maneira. Claro que isto não acontece com o DM, o Director Musical. Mas quando se trata de um maestro convidado, é mais que certo. Trata-se de prazeres secretos. Dificilmente partilháveis. Mas isto nem sequer é muito importante. Por outro lado, é completamente impensável uma orquestra sem contrabaixo. Pode mesmo dizer-se que, e agora como definição, a orquestra só é orquestra quando tem um contrabaixo. Há orquestras sem primeiro violino, sem instrumentos de sopro, sem timbales e trombetas, enfim, sem tudo. Mas não sem contrabaixo.

Aonde eu quero chegar é à constatação de que o contrabaixo é, sem dúvida, o instrumento orquestral mais importante. Mas nisso ninguém repara.

Sobre ele se constrói a estrutura de base da totalidade orquestral, sobre que assenta a orquestra, incluindo o maestro. O baixo é, portanto, o alicerce a partir do qual se eleva esta magnífica construção, visto como imagem, claro. Experimentem retirar o baixo e verão como resultado a mais pura confusão babilónica linguística, Sodoma, onde deixa de se saber, porque é que afinal se faz música. Imaginem agora como exemplo, a sinfonia em «si bemol» de Shubert, *sem* baixos. Uma delícia. Mais vale esquecê-la. Podem deitar pela janela fora todas as partituras. Não importa o quê: sinfonias, óperas, concertos para solo, sem contrabaixos, mais vale esquecê-las. E, se quiserem, perguntem a um músico de orquestra, a partir de que instante ele começa a nadar! Perguntem-lhe! Mal ele deixa de ouvir o contrabaixo. Um fiasco. Numa banda de Jazz isso ainda é mais notório. Quando o baixo deixa de se ouvir, uma banda de jazz voa em pedaços, isto como imagem... Aos outros músicos tudo se afigura então, de repente, completamente sem sentido. Bom, mas eu no fundo rejeito o jazz e também o rock e essas coisas. Pois eu sigo a concepção clássica do termo, sou um artista orientado para o belo, para o bom e para o verdadeiro e protejo-me sobretudo da anarquia da improvisação livre. Mas isto nem sequer tem muita importância. Queria apenas assinalar, em jeito de introdução, que o contrabaixo é o instrumento principal de orquestra. No fundo, não estou a dizer nada de novo. Só que ninguém é capaz de o dizer abertamente, porque o músico de orquestra, devido à sua natureza, se torna facilmente ciumento. Como é que ficaria o nosso mestre concertista com a sua rabeca, se tivesse de concordar que, sem contrabaixo, parecia o imperador sem vestimenta... um símbolo ridículo da própria insignificância e vaidade? Não havia de sentir-se bem nessa pele. De todo.

Dão-me licença que beba um gole.

Bebe um gole de cerveja

... Sou uma pessoa modesta. Mas como músico conheço bem a terra que piso; a terra-mãe onde todos havemos de criar raízes; a fonte de energia onde todo o pensamento musical vai beber o alimento; no fundo o pólo criador de onde brota o sémen da música, como imagem, claro... — eis-me! Quer dizer, o baixo é isso. O contrabaixo. O baixo magnetiza tudo o resto no pólo oposto. Tudo o resto se transforma em pólo através do baixo. Por exemplo, o soprano. Falemos agora de ópera. O soprano... como hei-de dizer... sabem, actualmente temos lá uma jovem soprano na ópera, uma meio-soprano, ...já ouvi uma quantidade de vozes, mas esta é mesmo comovente. Eu sinto-me profundamente tocado por esta mulher. Uma jovem ainda, vinte e poucos anos. Eu próprio tenho trinta e cinco. Faço trinta e seis em Agosto. É sempre durante as férias da orquestra. Uma mulher espantosa. Esvoaçante... mas, passemos à frente...

Portanto: soprano. Vejamos um exemplo... como o oposto do que se pode imaginar que seja um contrabaixo, do ponto de vista humano e como sonoridade instrumental esta soprano... ou meio-soprano seria pois... seria pois exactamente o pólo oposto a partir do qual... ou melhor... a que ou com o qual o contrabaixo se liga... de uma forma absolutamente irresistível — quase... faz faísca musical, de pólo a pólo, do baixo ao soprano... ou meio-soprano para cima, para a frente... alegoricamente a cotovia... divinal, elevando-se no ar, a uma altura universal, quase eterna, cósmica, infinitamente pulsional, sexual, erótica, como se... e ao mesmo tempo ligada ao campo de atracção do pólo magnético que irradia do pedestal do contrabaixo quase terreno, arcaico, o contrabaixo é arcaico, se é que percebem o que eu quero dizer... E só assim a música é possível. Pois nesta atracção do aqui e do ali, do elevado e do profundo, é aí que tudo se conjuga, tudo o que produz sentido em música, é aí que nasce o sentido musical e a vida, sim a vida, pura e simplesmente. Digo-vos, assim, que esta cantora — e agora um àparte — chama-se, de resto Sarah, digo-vos, ela ainda há-de ser famosa. Se e que percebo alguma coisa de música, e penso que percebo, ela ainda há-de ser famosa. E para isso contribuímos nós, nós os da orquestra, e em especial nós os contrabaixistas, ou seja, eu. Trata-se já de uma compensação. Bom. Recapitulemos: pela sua amplitude, o contrabaixo é *o* instrumento fundamental de orquestra. Numa palavra, o contrabaixo é o instrumento de cordas mais amplo. Ele desce até Mi grave. Dão-me licença que eu exemplifique... Um momento...

Ele bebe ainda um gole de cerveja, levanta-se, pega no instrumento, arma o arco.

... de resto o que o meu baixo tem de melhor é o arco. Um arco Pfretzschner. Hoje deve valer aí uns dois mil e quinhentos marcos. Comprei-o por trezentos e cinquenta. É uma loucura, como é que os preços dos instrumentos subiram tanto nos últimos dez anos! Enfim...

Bom, vamos agora à demonstração!...

Ele toca a corda mais baixa.

...Estão a ouvi-la? Mi grave. Exactamente 41,2 ondas hertzianas, se ela estiver afinada. Há baixos que ainda descem mais. Até contra-Dó ou até subcontra-Lá. Seriam pois 30,9 ondas hertzianas. Mas para isso é preciso um baixo de cinco cordas. O meu tem quatro. O meu não aguentava cinco, isso dava cabo dele. Na orquestra temos alguns com cinco, são necessários, por exemplo, para Wagner. A sonoridade não é lá muito boa, porque 30,9 ondas hertzianas já não é propriamente, um som neste sentido, são capazes de imaginar, quando já...

Ele toca novamente o Mi.

...o som é imperceptível, e quase um atrito, uma espécie, como hei-de dizer, uma coisa forçada, mais vibração do que som. A mim basta-me perfeitamente a minha extensão sonora. Em sentido ascendente não tenho, em teoria, quaisquer fronteiras, o pior é na prática. Assim, posso, por exemplo, quando uso o braço todo até Dó-três...

Ele toca.

...assim, Dó-três, um Dó três oitavas acima, E agora hão-de dizer 'basta', porque além do que o braço pode suportar, é impossível carregar em alguma corda. Pensem! E agora...

Ele executa um harmónico.

...e agora?...

Ele toca ainda mais agudo.

...e agora?...

Ele toca ainda mais agudo.

...Harmónico. É como se chama o processo. Colocar os dedos e executar notas cada vez mais agudas como se se estivesse a fazer cócegas na corda. Como é que isso resulta do ponto de vista físico, não vos posso explicar agora, levar-nos-ia longe de mais, se quiserem podem depois verificar à vontade no dicionário. De qualquer modo, eu poderia teoricamente tocar tão agudo que deixasse de se ouvir. Esperem...

Ele toca um som agudo inaudível.

...Estão a ouvir? Já não conseguem ouvir. Estão a ver! O instrumento tem dentro de si um mundo, teórico e físico. Só que demostrá-lo, ninguém o faz, do ponto de vista prático-musical. O mesmo se passa com os instrumentos de sopro. E com todas as pessoas... agora em sentido figurado. Conheço pessoas que possuem dentro de si todo um universo, incomensurável. Mas fazer com que ele saia cá para fora, isso ninguém o faz. Seria o fim. Mas adiante...

Quatro cordas. Mi-Lá-Ré-Sol...

Ele toca-as em pizzicato.

...Não passa de aço envolvido em crómio. Dantes era tripa. Na corda de Sol, ou seja, aqui em cima, é-se sobretudo solista, quando se quer. Uma corda custa uma fortuna. Acho que um jogo de cordas custa hoje em dia cento e sessenta marcos. Quando eu comecei, custava quarenta. É uma loucura, os preços. Bom. Quatro cordas, portanto, uma quarta afinada, ou seja, Mi-Lá-Ré-Sol, num de cinco cordas temos ainda Dó ou Si. Hoje em dia isto é uniforme, quer se trate da Sinfónica de Chicago, ou da Orquestra Nacional de Moscovo. Mas até lá se chegar houve lutas tremendas. Afinações diferentes, número de cordas diferente, tamanhos diferentes... não há instrumento que tenha tantas variantes como o contrabaixo. Dão-me licença que vá bebendo um pouco de cerveja, sofro de uma tremenda perda de líquidos. Nos séculos XVII e XVIII era o caos perfeito: viola de gamba, grande viola baixa, violão com tastos, violão menor sem tastos, afinação de terceiras, quartas e quintas, instrumentos com três, quatro, seis, oito cordas, com espelhos em f, espelhos em c — de dar em doido.

Patrick Süskind,
«O Contrabaixo»,
ed. Difel

A morte de qualquer vida ou o homem em questão

Como se revela Marguerite Yourcenar através dos seus próprios livros? Eis a pergunta a que responde Georges Jacquemin neste seu estudo que tem como título o nome da autora. "A obra de Yourcenar é simultaneamente conhecida e mal conhecida, popular e aristocrática, acessível e um pouco distante", diz ele. É o primeiro texto sobre ela que se publica entre nós em forma de livro. Dele, publicamos o capítulo "A morte de qualquer vida ou o homem em questão".

À medida que se afirmam e se amplificam os meios de destruição cujo leque o homem desenvolve dia após dia, sem que isso signifique, necessariamente, instrumentos de guerra (pensemos nos fumos tóxicos das fábricas, nas toneladas de chumbo que caem sobre a Terra, nos rios poluídos por vivermos convencidos que a água possui uma tal virtude lustral que pode purificar tudo), instala-se cada vez mais profundamente nos espíritos a vontade de proteger um património natural legado pelas gerações que nos precederam. Ecologia, assim se denomina esta corrente de dimensões planetárias mas que se revela sobretudo actuante nos países industrializados do mundo ocidental, países esses que são os mais atingidos pelas poluições.

Dir-se-á: sempre houve, nos períodos de glaciares ou entre eles, espécies que desapareceram. Dir-se-á ainda: cada evolução do Universo implica perdas e revisões dolorosas.

Estes argumentos merecem alguns comentários.

O que assusta numerosos espíritos, e mesmo alguns governos, é a aceleração dos fenómenos de desaparecimento. Em menos de dois séculos, que correspondem, aproximadamente, ao nascimento da sociedade industrial (carvão-aço, depois electricidade e por fim átomo), o número de espécies animais, aves, insectos, peixes ou mamíferos ou de espécies vegetais desaparecidas atinge proporções até então nunca vistas desde os milénios em que a vida surgiu sobre a Terra.

Não é pois o desaparecimento das espécies que é inquietante, porque, segundo parece, isso sempre aconteceu, mas sim a aceleração e a generalização do processo. Centenas de espécies, diz-se. E centenas de outras em regressão inquietante.

O *homo sapiens*, uma civilização, tão confiantes em si próprios, nas suas verdades, foram pois capazes de criar tais ameaças para a vida, incluindo a do homem, que todas as suas acções passaram a ser acolhidas com cepticismo.

É este, sucintamente, o balanço que é legítimo fazer da passagem da civilização rural às civilizações industriais.

Truismo, por outro lado, é repetir que os meios militares de destruição, acumulados em todos os países do Globo, e singularmente nos mais «desenvolvidos», são capazes de exterminar várias vezes todo o planeta. A «boa velha» artilharia de 1914-1918 e de 1939-1945 classificada ao nível dos brinquedos para crianças. Mas isto transforma, precisamente, as relações do homem com o mundo de uma forma sem precedentes, de uma forma que, por conseguinte, não fornece aos homens nenhum modelo de comportamento como ponto de referência. As soluções do futuro terão de ser inventadas.

Encontramo-nos, pois, muito além do que foi, para os nossos longínquos antepassados, a transição da vida errante para a sedentarização ou a da colheita para a exploração agrícola. Embora já nessa altura tenha havido conservadores partidários da ordem antiga, podemos deduzir, por um lado, que essas transformações levaram séculos (actualmente ainda há nómadas) e, por outro, que nunca constituíram uma ameaça para a espécie. Apesar das incertezas que pairam sempre sobre a regularidade das colheitas, a população humana conseguiu desenvolver-se.

As comparações existem para exprimirem semelhanças e diferenças. Resumidamente, diremos que os problemas de vida e de sobrevivência se põem hoje em termos inéditos, e que é inútil praticar a política da avestruz quando tantos fenómenos inquietantes nos solicitam. (Ainda assim, alguns são dissimulados ou minimizados pelos governos e pelas sociedades privadas.)

Estes comentários visam delimitar o espaço em que se inscrevem o pensamento e a acção de Marguerite Yourcenar neste domínio. Mas circunscrevê-los ao simples campo da ecologia equivaleria não só a reduzir-lhes o alcance mas também a recusar as suas implicações filosóficas.

Marguerite Yourcenar, em que alguns viram a mística — recordemos as suas reflexões sobre a Grécia e seus deuses, sobre a religião do século XVI ou sobre o tantrismo —, vai muito mais longe do que a defesa das espécies (embora não se furte a acções neste sentido). De um modo mais geral e lato, Marguerite Yourcenar defende a vida em todas as suas formas, sendo ponto assente que, até aqui, o mais forte tem explorado e oprimido o mais fraco e que o homem, aparentemente o mais astuto de todos os seres vivos, conseguiu dominar todas as espécies, para sua própria subsistência, presunção ou saciedade de paixões mais violentas.

Da formiga ao elefante, do feto ao baobá, tudo merece respeito porque tudo manifesta, sob formas e segundo destinos variados, o princípio da vida.

Animismo, nesta atitude? Em *De Olhos Abertos*, a escritora recorda as «quatro preces budistas» que várias vezes recitou ao longo da sua existência, e cuja quarta é:

> «por mais numerosas que sejam as criaturas errantes na vastidão dos três mundos, ou seja, no universo, esforçar-se por salvá-las».

Porque a vida está em todo o lado e em todo o lado merece respeito e protecção.

Marguerite Yourcenar dedica-se a pôr em prática estes princípios:

> «No que me diz respeito, sou vegetariana a noventa e cinco por cento. A excepção principal seria o peixe, que como talvez duas vezes por semana para variar um pouco a minha dieta, não ignorando, aliás, que no mar, tal como o fizemos, o peixe também está contaminado. Mas sobretudo não esqueço a agonia do peixe puxado pela linha ou estremecendo sobre a coberta de uma barca. Tal como Zenão, desagrada-me 'digerir agonias'. De qualquer forma, o mínimo de caça possível e quase unicamente nos dias em que se oferece uma refeição a alguém. Vitela não, nem borrego, nem porco, excepto em raras ocasiões uma sanduíche de fiambre comida à beira de uma estrada; e, evidentemente, caça também não, nem vaca, como é óbvio.» *(De Olhos Abertos)*

Mas dever-se-á preservar o animal em detrimento do vegetal? Não será este igualmente dotado de vida? Se se propusesse a Marguerite Yourcenar substituir o vegetarianismo pela absorção de pílulas de proteínas... químicas, aceitaria ela?

Marguerite Yourcenar vai inegavelmente contra as ideias que organizam o mundo segundo um antropocentrismo. Testemunha-o esta observação que põe na boca do pintor Clément Roux, em Denier du rêve:

> «Nem o imemorável preconceito que reserva a posse de uma alma apenas aos membros da espécie humana, nem aquele grosseiro orgulho que transforma cada vez mais o homem moderno no novo rico da natureza tinham conseguido persuadir Clément que um animal é menos digno do que o homem da solicitude de Deus.»

Podemos ainda interrogar-nos sobre se as ideias do homem — tudo o que, na essência, se enuncia racional e logicamente — não decorrem simplesmente dos seus gostos e repulsas, do funcionamento das suas papilas e das suas vísceras.

> «Naquela fase da sua existência, a carne, o sangue, as entranhas, tudo o que palpitou e viveu lhe repugnava, pois o animal morre na dor como o homem e desagradava-lhe digerir agonias.» *(Obra)*

É um facto que a ideia de violência se repete muitas vezes na obra da autora das *Memórias de Adriano*. No entanto, condenando-a, a violência que os homens exercem uns sobre os outros não a inspira. Adriano não deixa de deplorar o facto de ter sido obrigado a executar alguns nobres para afirmar a sua autoridade, mas não há nenhum comentário compadecido nos *Contos Orientais*, e apenas algumas palavras em *Denier du rêve* ou *O Golpe de Misericórdia*. Dirá ela, como Pascal, com uma pontinha de misantropia: «Quanto mais vejo os homens, mais gosto do meu cão»? No entanto, é efectivamente sobretudo do destino dos animais que se trata:

> «Acabamos por pensar que os nossos talhos, onde estão pendurados em ganchos quartos de animais que mal acabaram de sangrar, tão atrozes para quem não está habituado que alguns amigos meus estrangeiros mudam de passeio, em Paris, ao apercebê-los de longe, talvez sejam uma boa coisa como testemunhos visíveis da violência feita pelo homem ao animal.» «Qui sait...», in *Tempo*

Aliás, Marguerite Yourcenar encontra já vestígios desta imagem da violência feita aos animais nos presentes pungentes que se dão às crianças sob a forma de amuletos. A página que se segue, pelo animal evocado, fóssil de certo modo, um tanto anacrónica, lembra as *Racines du Ciel* de Romain Gary:

> «O marfim provém de um elefante morto na floresta congolesa, cujas defesas foram vendidas a baixo preço por indígenas a um qualquer traficante belga. Esta grande massa de vida inteligente, oriunda de uma dinastia que remonta, pelo menos, ao início do Pleistoceno, acabou naquilo. Esta bugiganga fez parte de um animal que pastou a erva e bebeu a água dos rios, que se banhou na boa lama quente, que se serviu do marfim para lutar com um rival ou tentar defender-se dos ataques do homem, que acariciou com a sua tromba a fêmea com que se acasalava. O artista que esculpiu esta matéria só foi capaz de a transformar numa beatice de luxo.» *(Souvenirs)*

O processo utilizado aqui é clássico: opor a mediocridade do objecto à existência quase sagrada do animal vítima da cobiça humana.

Não se trata de fazer um levantamento das espécies animais que Marguerite Yourcenar defendeu, pela pena ou pela aderência a actividades de protecção da fauna. Entre as causas de que a opinião mais se apercebeu, conta-se a dos bebés-focas. Neste caso particular, o interesse de uns alia-se à vaidade dos outros: por um lado, o dinheiro das peles, por outro, o luxo dos casacos de pele:

> «Finalmente, tiremos a essas damas (manequins da alta costura) o seu último trapo de desculpa. Hoje em dia, e mesmo que vivam, não em Paris, mas na Gronelândia, não precisam dessas peles para aquecerem a pele. Existem suficientes lãs boas, boas fibras, peças de vestuário que conservam ou irradiam o calor para que não sejam obrigadas a transformar-se em animais de pêlo, como era sem dúvida o caso das vaidosas da pré-história.

Mas acuso as mulheres: quem coloca as armadilhas são homens, quem caça são homens, quem trata as peles também. O homem lisonjeado por entrar num restaurante com uma mulher cober-

Continua na pág. 5

Continuação da pág. 4

ta de pele de animais é eminentemente um homem, embora não necessariamente um *homo sapiens*. Neste domínio, como em tantos outros, os sexos estão em igualdade de circunstâncias.»

«Bêtes à fourrure», *in Tempo*

Depois de outras, Marguerite Yourcenar denuncia a ruptura do equílibrio da natureza, esta forma de fazer com que o universo oscile para a incerteza e talvez para o caos. Pois se em tempos longínquos a natureza podia assimilar os atentados que lhe faziam, se o tempo a ajudava a tratar as feridas, se a acção dos homens tinha incoerências felizes, e esquecimentos, hoje em dia já não acontece o mesmo.

Uma espécie de extremismo trágico leva o homem a deixar muitas vezes desertos atrás de si, e cada vez mais depressa, e cada vez com mais frequência, limitando-se a acção dos especialistas a assegurar a rentabilidade das empresas.

Em «Qui sait si l'âme des bêtes...», *in Tempo*, Marguerite Yourcenar evoca o que era, na sua opinião, o estado de equilíbrio de outrora. A morte não era gratuita e só acontecia depois de se terem esgotado as possibilidades do animal e porque havia necessidade da sua carne para sobreviver. Assim fazem ainda algumas tribos de África ameaçadas pela fome:

«Aqui, como em todo o lado, o equílibrio foi quebrado. A horrível matéria-prima animal é um facto novo, tal como a floresta destruída para fornecer a pasta necessária aos nossos diários e aos nossos semanários cheios de reclames e falsas notícias: tal como os nossos oceanos onde o peixe é sacrificado aos petroleiros. Durante milénios, o homem considerou o animal como coisa sua, mas continuava a existir um contacto estreito. O cavaleiro gostava da sua montada, embora abusando dela; o caçador de outrora conhecia os hábitos da caça e 'gostava', à sua maneira, dos animais que se vangloriava de abater: ao horror, associava-se uma espécie de familiaridade; a vaca enviada para o açougue depois de definitivamente esvaziada de leite, o porco sangrado para a festa de Natal (e, tradicionalmente a mulher do camponês da Idade Média sentava-se sobre as suas patas para o impedir de espernear), tinham sido 'os animaizinhos' para os quais se ia cortar a erva ou se preparavam as refeições de restos.»

No espírito de Marguerite Yourcenar, não restam dúvidas de que o responsável por esta ruptura *moderna* é o próprio homem, interesse e paixões associadas. Ele, que domina, selecciona, mata, conscientemente ou não, ele que sucumbe à sua loucura de poder, aos seus fantasmas de violência, aos seus instintos brutais, é o único responsável, com a ajuda das armas, das máquinas e das técnicas com que se dotou. *Archives du Nord:*

«O predador-rei, o devastador de animais e o assassino das árvores, o caçador preparando as suas redes onde se estrangulam os pássaros e as suas estacas onde se empalam os animais de pêlo; o batedor que vigia as grandes migrações sazonais para obter a carne seca dos Invernos; o homem-lobo, o homem-raposa, o homem-castor reunindo em si todas as habilidades animais, aquele de quem a tradição rabínica diz que a terra recusou a Deus um punhado de lama para lhe dar forma e de que os contos árabes afirmam terem os animais estremecido ao verem aquele verme nu. O homem com os seus poderes que, seja como for que os avaliemos, constitui uma anomalia no conjunto das coisas, com o seu temível dom de ir mais longe no bem e no mal do que as outras espécies vivas conhecidas, com a sua horrível e sublime faculdade de escolha.»

As palavras de Marguerite Yourcenar ultrapassam as espécies cujo destino está ameaçado pelo homem. É ao universo inteiro que ela se refere, lavrado, desordenado, nivelado, arroteado, desbaratado. Uma vez mais somos tentados a contrapor duas imagens, reflexos de ontem e de hoje.

Em *Archives du Nord*, o passado, a vida organizando-se, estruturando-se graças aos séculos e aos milénios:

«A terra cura-se depressa nas épocas em que a humanidade ainda não é capaz de destruir e poluir a uma grande escala. Os homens, por seu lado, cerram fileiras e reiniciam a sua tarefa com um zelo de insectos que não se sabem muito bem se é admirável se estúpido, parecendo, o segundo adjectivo convir melhor do que o primeiro, por não se ter aprendido nenhuma lição com a experiência.»

Paralelamente, uma acção muito conhecida que se exerce sobre as paisagens, sobre os locais até então protegidos, numa espécie de raiva iconoclasta, cuja divindade seria o dinheiro, os padres os promotores, e a religião a das férias a qualquer preço. Evocando locais muitas vezes visitados na sua juventude, Marguerite Yourcenar — não é a única — constata as transformações, senão as destruições, do homem-formiga-broma:

«De Malo-les-Bains a L'Écluse, ondulam as dunas erigidas pelo mar e pelo vento, hoje em dia aviltadas pelas elegantes vivendas, pelos casinos lucrativos, pelo pequeno comércio de luxo ou de produtos baratos, sem esquecer as instalações militares, toda esta amálgama que, daqui a dez mil anos, já não se distinguirá dos resíduos orgânicos e inorgânicos que o mar pulverizou lentamente em areia.» *(Archives)*

(Note-se que, para reduzir as actividades dos homens ao seu justo valor, que é irrisório — mas importante aos seus olhos —, a meditação da escritora mergulha frequentemente no espaço de tempos longínquos. Trata-se de uma constante nesta obra. Projectar o olhar no futuro ou no passado reduz os actos e os seres ao essencial, ou ao nada, segundo a sua verdadeira consistência.)

Os realistas objectarão a Marguerite Yourcenar que não é com bons sentimentos que se enche o prato dos trabalhadores nem que se faz funcionar a indústria. Ela responder-lhes-ia sem dúvida, como todos os utopistas, que a sua verdade prevalecerá quando os cálculos deles tiverem revelado os seus limites e insuficiências e que os utopistas estão sempre em harmonia com o futuro.

Daí o vasto projecto que se exprime nos livros mais recentes de Marguerite Yourcenar, o projecto de uma protecção da vida (vimo-lo), mas da terra que favorece a vida, da terra onde se desenvolve e desabrocha. Hoje em dia, todos os elementos estão ameaçados — problema a não confundir com o das transformações normais das formas de vida. Evocando, em *Souvenirs pieux*, a destruição de uma casa que lhe foi familiar, a escritora observa o que se segue, e que vai do particular ao geral:

«Lamentava, não o fim de uma casa e dos canteiros de um jardim, mas o da terra, morta pela indústria e pelos efeitos de uma guerra de fricção, a morte da água e do ar poluídos, quer em Flémalle quer em Pittsburgo, quer em Sidney quer em Tóquio.»

Seria tentador, mas provavelmente falso, considerar estas palavras na perspectiva estreita (e muito legítima) de

uma protecção da natureza. Falar dos malefícios da nossa época conduz quase fatalmente à ideia de que os outros foram melhores. Estas observações nada têm de uma visão social ou política, nem de uma adesão a um grupo político. A denúncia dos malefícios do nosso tempo é acompanhada, de forma muito significativa, por uma abertura ou, melhor dizendo, por uma osmose com o mundo antigo: desde os poetas gregos de *Couronne et la Lyre*, ao imperador romano (mas tão marcado pela Grécia) das *Memórias de Adriano*, até ao classicismo, antigo e moderno, ao mesmo tempo, do Zenão de *A Obra ao Negro*. Assim, o pensamento oscila entre o presente e diferentes momentos do passado, um passado refúgio onde o espírito encontra com que se entusiasmar, ignorando as épocas e a crueldade de todas as eras. Com efeito, a nossa admiração pelo passado leva-nos demasiadas vezes a esquecer que nesse tempo, tal como noutros, os sucessos intelectuais não se contam aos milhares e que o conhecimento que dele temos nos permite sobrevoar os tempos medíocres e as crises como se não tivessem sido o próprio tecido de que se constitui a vida de gerações.

Então, a acção dos homens de hoje é desvalorizada:

«Durante este último século, milhares de animais foram sacrificados à ciência transformada em deusa, e de deusa em ídolo sanguinário, como acontece quase fatalmente aos deuses. Lentamente estrangulados, abafados, cegos, queimados, abertos em vida, a sua morte faz com que o sacrificador antigo pareça inocente, tal como os nossos matadouros, onde os animais pendurados vivos facilitam aos magarefes o trabalho em cadeia, tornam relativamente aceitáveis o macete das hecatombes e as vítimas coroadas de flores. Quanto aos sacrifícios humanos, que os Gregos relegavam para os tempos das lendas, são hoje em dia cometidos mais ou menos por toda a parte, em nome da pátria, da raça ou da classe, por milhares de homens sobre milhões de homens.» *(Souvenirs)*

Em todas as posições que assume, Marguerite Yourcenar adopta uma atitude mais especulativa do que prática, mais filosófica do que pragmática. A não ser através de acções limitadas, não encara a concretização de um ideal em actos, leis ou decisões. Evocando com Matthieu Galey as possibilidades de acção, a escritora define assim o seu papel:

«Através de donativos em dinheiro, tanto quanto possível, através de cartas ou de telegramas enviados aos grupos responsáveis, através da palavra quando surge uma ocasião, ou seja, quando as pessoas querem ouvir, e finalmente através do que faço neste momento, pelo livro.» *(De Olhos Abertos)*

Sem negar o interesse destes métodos, nem decerto a sua eficácia, verificar-se-á que também são reveladores de atitudes, senão de opções, da escritora: manter-se acima da confusão (para empregar uma expressão de Romain Rolland), como um farol, evitando «sujar as mãos» (empregando outra expressão muito conhecida).

Sair para a rua, como as feministas de ontem, ou dificultar a acção de determinados barcos transportadores de produtos radioactivos a imergir no mar como o fazem os ecologistas de hoje, nem pensar. De tal forma que nos interrogamos quais os meios que Marguerite Yourcenar sonha utilizar e se não será ir depressa de mais definir princípios.

Sem ser elitista — embora, geralmente, sejam as verdadeiras elites que apontam o caminho —, esta atitude pode parecer de certo modo ultrapassada, um pouco desadaptada às necessidades do nosso tempo.

Este sentimento é confirmado por outras opções da escrita. Por exemplo, entre a miséria de tantos hindus banhado-se nas águas poluídas do Ganges e as ameaças que pesam sobre velhas cidades de cultura, é esta segunda atitude que prevalece. (Aliás, isto concebe-se facilmente na perspectiva cultural que a escritora adoptou há muito.)

«Admitir-se-ia ainda se a desordem desta vez irreversível não continuasse com Veneza corroída pela poluição química, com Florença sinistrada pelo efeito de uma erosão contra a qual efectivamente ninguém luta, com os oitenta milhões de aves migradoras mortas por ano pelos honestos caçadores italianos (dez por cabeça não é assim tão grave), como os campos milaneses reduzidos a uma recordação, com as *villas* de actrizes na Via Appia, com as 'cidadelas de arte' transformadas num cenário no meio de áridas zonas de trabalhos forçados industriais, de termiteiras humanas e de poeira. Bem sei que outros países nos mostram um balanço semelhante, mas isso não nos impede de chorar.» *(Archives)*

Ao longe, esboça-se a interrogação fundamental, que não é «porquê o homem?», mas sim «que é o homem?» É evidente que, depois de ter denunciado tantos danos que lhe são imputáveis, Marguerite Yourcenar não vai de repente desculpá-lo. Aliás, toda a sua filosofia assentará nisto, na vontade de esperar apesar de tantas razões para desesperar.

O homem em questão. Esta fórmula poderia muito bem resumir este capítulo, que, iniciado com os protestos ecologistas e de protecção da vida, termina com uma interrogação sobre o animal homem. Vimos os apelidos que a escritora lhe dá: homem-lobo, homem-raposa, etc. A concluir o raciocínio, uma condenação:

«...a força e o interesse mal compreendidos reinaram quase sempre. Em todas as épocas, o homem praticou algum bem e muito mal; os meios de acção mecânicos e químicos com que recentemente se dotou e a progressão quase geométrica dos seus efeitos tornaram esse mal irreversível; por outro lado, erros e crimes descuráveis enquanto a humanidade foi sobre a Terra uma espécie como qualquer outra, tornaram-se mortais desde que o homem, enlouquecido, se julga todo-poderoso.» *(Archives)*

O animal prejudicial é ele, o homem. Mas é evidente que, sob pena de se negar a si própria, Marguerite Yourcenar não vai ao ponto de reclamar o seu desaparecimento. Então, que fazer? Se para algumas pessoas seria eficaz regulamentar, legislar — o que não é, nem o objectivo, nem a tentação da escritora —, parece-nos que, para a autora de *A Obra ao negro*, um primeiro esboço de solução consistiria em limitar a população humana.

Duas passagens de *Souvenirs pieux* aludem a este problema (além de algumas declarações de *De Olhos Abertos*). No primeiro, a autora evoca os meios contraceptivos de que a mãe teria podido ser informada, por uma espécie de Anna Karenina nórdica, por exemplo. Mas:

«Se tal encontro se tivesse dado, como Dolly ela teria sem dúvida ficado incomodada, embaraçada, pensando que 'é mal'. E algo em nós nos dita a mesma reacção. Mas há pior ainda, que é superpovoar o mundo.»

A segunda passagem refere-se às famílias numerosas de que, outrora, se orgulhava a burguesia abastada, sinal de realização familiar (senão sexual) e de bênção divina. É a propósito de um antepassado que lemos estas linhas:

«A fertilidade de Mathilde, vista sob um determinado ângulo, lembra a florescência superabundante de árvores frutíferas atacadas pelo míldio ou por parasitas invisíveis, ou que um solo empobrecido já não alimenta. A mesma metáfora aplica-se talvez à inconveniente expansão da humanidade de hoje.»

Encontrar-se-á fatalmente no facto de a escritora se ter abstido de casar e não ter tido filhos uma repercussão desta atitude. Que eu tenha conhecimento, não se pronunciou sobre estas decisões.

De um modo mais geral, o problema relaciona-se com a demografia e com a economia. Em cada grande período da História, sempre que o seu modo de vida mudou e melhorou, os homens tornaram-se mais numerosos. Uma produção mais abundante de alimentos permite a um maior número de entre eles sobreviver (não necessariamente viver na abundância) e, por conseguinte, procriar. É um facto ainda hoje verificável que os povos que atingem o limiar da sobrevivência têm um grande número de filhos — da Índia ao Egipto e a todo o mundo árabe —, enquanto que as sociedades com meios têm tendência para se refrear e engendrar menos descendentes.

Ora, as opiniões de Marguerite Yourcenar vão de encontro às observações dos cientistas. Todos os animais têm necessidade de um território em que dominem e cuja extensão varia com o seu modo de vida. Se há superabundância de uma espécie numa determinada superfície, verificam-se, quer migrações, quer lutas.

A espécie humana não escapa a este fenómeno. Mas quando o espaço em geral já se encontra muito povoado, as migrações tornam-se impossíveis e, tendo em conta as possibilidades de destruição com que se dotou, a violência surge e generaliza-se. É o que acontece hoje em dia. Cientistas como por exemplo Desmond Morris mostraram que, apesar dos séculos, senão dos milénios de civilização, o homem é ainda, em muitos comportamentos, um animal. Toda a filosofia da vida de Marguerite Yourcenar se insere nesta óptica, ou seja, numa desconfiança acentuada em relação aos comportamentos humanos.

George Jacquemin,
Marguerite Yourcenar,
ed. Dom Quixote

Um discurso sobre as ciências

De Boaventura Sousa Santos acaba de sair, em livro, a ampliação da sua oração de sapiência na abertura solene do ano lectivo de 1985/86 na Universidade de Coimbra. É uma reflexão sobre o peso do século XIX no século XX. O *LerEscrever* divulga as primeiras páginas do texto e saúda a edição.

ESTAMOS a quinze anos do final do século XX. Vivemos num tempo atónito que ao debruçar-se sobre si próprio descobre que os seus pés são um cruzamento de sombras, sombras que vêm do passado que ora pensamos já não sermos, ora pensamos não termos ainda deixado de ser, sombras que vêm do futuro que ora pensamos já sermos, ora pensamos nunca virmos a ser. Quando, ao procurarmos analisar a situação presente das ciências no seu conjunto, olhamos para o passado, a primeira imagem é talvez a de que os progressos científicos dos últimos trinta anos são de tal ordem dramáticos que os séculos que nos precederam — desde o século XVI, onde todos nós, cientistas modernos, nascemos, até ao próprio século XIX — não são mais que uma pré-história longínqua. Mas se fecharmos os olhos e os voltarmos a abrir, verificamos com surpresa que os grandes cientistas que estabeleceram e mapearam o campo teórico em que ainda hoje nos movemos viveram ou trabalharam entre o século XVIII e os primeiros vinte anos do século XX, de Adam Smith e Ricardo a Lavoisier e Darwin, de Marx e Durkheim a Max Weber e Pareto, de Humboldt e Planck a Poincaré e Einstein. E de tal modo é assim que é possível dizer que em termos científicos vivemos ainda no século XIX e que o século XX ainda não começou, nem talvez comece antes de terminar. E se, em vez de no passado, centrarmos o nosso olhar no futuro, do mesmo modo duas imagens contraditórias nos ocorrem alternadamente. Por um lado, as potencialidades da tradução tecnológica dos conhecimentos acumulados fazem-nos crer no limiar de uma sociedade de comunicação e interactiva libertada das carências e inseguranças que ainda hoje compõem os dias de muitos de nós: o século XXI a começar antes de começar. Por outro lado, uma reflexão cada vez mais aprofundada sobre os limites do rigor científico combinada com os perigos cada vez mais verosímeis da catástrofe ecológica ou da guerra nuclear fazem-nos temer que o século XXI termine antes de começar.

Recorrendo à teoria sinergética do físico teórico Hermann Haken, podemos dizer que vivemos num sistema visual muito instável em que a mínima flutuação da nossa percepção visual provoca rupturas na simetria do que vemos. Assim, olhando a mesma figura, ora vemos um vaso grego branco recortado sobre um fundo preto, ora vemos dois rostos gregos de perfil, frente a frente, recortados sobre um fundo branco. Qual das imagens é verdadeira? Ambas e nenhuma. É esta a ambiguidade e a complexidade da situação do tempo presente, um tempo de transição, síncrone com muita coisa que está além ou aquém dele, mas descompassado em relação a tudo o que o habita.

Tal como noutros períodos de transição, difíceis de entender e de percorrer, é necessário voltar às coisas simples, à capacidade de formular perguntas simples, perguntas que, como Einstein costumava dizer, só uma criança pode fazer mas que, depois de feitas, são capazes de trazer uma luz nova à nossa perplexidade. Tenho comigo uma criança que há precisamente duzentos e trinta e cinco anos fez algumas perguntas simples sobre as ciências e os cientistas. Fê-las no início de um ciclo de produção científica que muitos de nós julgam estar agora a chegar ao fim. Essa criança é Jean-Jacques Rousseau. No seu célebre *Discours sur les Sciences et les Arts* (1750) Rousseau formula várias questões enquanto responde à que, também razoavelmente infantil, lhe fora posta pela Academia de Dijon. Esta última questão rezava assim: o progresso das ciências e das artes contribuirá para purificar ou para corromper os nossos costumes? Trata-se de uma pergunta elementar, ao mesmo tempo profunda e fácil de entender. Para lhe dar resposta — do modo eloquente que lhe mereceu o primeiro prémio e algumas inimizades — Rousseau fez as seguintes perguntas não menos elementares: há alguma relação entre a ciência e a virtude? Há alguma razão de peso para substituirmos o conhecimento vulgar que temos da natureza e da vida e que partilhamos com os homens e mulheres da nossa sociedade pelo conhecimento científico produzido por poucos e inacessível à maioria? Contribuirá a ciência para diminuir o fosso crescente na nossa sociedade entre o que se é e o que se aparenta ser, o saber dizer e o saber fazer, entre a teoria e a prática? Perguntas simples a que Rousseau responde, de modo igualmente simples, com um redondo não.

Estávamos então em meados do século XVIII, numa altura em que a ciência moderna, saída da revolução científica do século XVII pelas mãos de Copérnico, Galileu e Newton, começava a deixar os cálculos esotéricos dos seus cultores para se transformar no fermento de uma transformação técnica e social sem precedentes na história da humanidade. Uma fase de transição, pois, que deixava perplexos os espíritos mais atentos e os fazia reflectir sobre os fundamentos da sociedade em que viviam e sobre o impacto das vibrações a que eles iam ser sujeitos por via da ordem científica emergente. Hoje, duzentos anos volvidos, somos todos protagonistas e produtos dessa nova ordem, testemunhos vivos das transformações que ela produziu. Contudo, não o somos, em 1985, do mesmo modo que o éramos há quinze ou vinte anos. Por razões que alinho adiante, estamos de novo perplexos, perdemos a confiança epistemológica; instalou-se em nós uma sensação de perda irreparável tanto mais estranha quanto não sabemos ao certo o que estamos em vias de perder; admitimos mesmo, noutros momentos, que essa sensação de perda seja apenas a cortina de medo atrás da qual se escondem as novas abundâncias da nossa vida individual e colectiva. Mas mesmo aí volta a perplexidade de não sabermos o que abundará em nós nessa abundância.

Daí a ambiguidade e complexidade do tempo científico presente a que comecei por aludir. Daí também a ideia, hoje partilhada por muitos, de estarmos numa fase de transição. Daí finalmente a urgência de dar resposta a perguntas simples, elementares, inteligíveis. Uma pergunta elementar é uma pergunta que atinge o magma mais profundo da nossa perplexidade individual e colectiva com a transparência técnica de uma fisga. Foram assim as perguntas de Rousseau; terão de ser assim as nossas. Mais do que isso, duzentos e tal anos depois, as nossas perguntas continuam a ser as de Rousseau. Estamos de novo regressados à necessidade de perguntar pelas relações entre a ciência e a virtude, pelo valor do conhecimento dito ordinário ou vulgar que nós, sujeitos individuais ou colectivos, criamos e usamos para dar sentido às nossas práticas e que a ciência teima em considerar irrelevante, ilusório e falso; e temos finalmente de perguntar pelo papel de todo o conhecimento científico acumulado no enriquecimento ou no empobrecimento prático das nossas vidas, ou seja, pelo contributo positivo ou negativo da ciência para a nossa felicidade. A nossa diferença existencial em relação a Rousseau é que, se as nossas perguntas são simples, as respostas sê-lo-ão muito menos. Estamos no fim de um ciclo de hegemonia de uma certa ordem científica. As condições epistémicas das nossas perguntas estão escritas no avesso dos conceitos que utilizamos para lhes dar resposta. É necessário um esforço de desvendamento conduzido sobre um fio de navalha entre a lucidez e a ininteligibilidade da resposta. São igualmennte diferentes e muito mais complexas as condições sociológicas e psicológicas do nosso perguntar. É muito diferente perguntar pela utilidade ou pela felicidade que o automóvel me pode proporcionar se a pergunta é feita quando ninguém na minha vizinhança tem automóvel, quando toda a gente tem excepto eu ou quando eu próprio tenho carro há mais de vinte anos.

Teremos forçosamente de ser mais rousseaunianos no perguntar do que no responder. Começarei por caracterizar sucintamente a ordem científica hegemónica. Analisarei depois os sinais da crise dessa hegemonia, distinguindo entre as condições teóricas e as condições sociológicas da crise. Finalmente especularei sobre o perfil de uma nova ordem científica emergente, distinguindo de novo entre as condições teóricas e as condições sociológicas da sua emergência. Este percurso analítico será balizado pelas seguintes hipóteses de trabalho: primeiro, começa a deixar de fazer sentido a distinção entre ciências naturais e ciências sociais; segundo, a síntese que há que operar entre elas tem como pólo catalisador as ciências sociais; terceiro, para isso, as ciências sociais terão de recusar todas as formas de positivismo lógico ou empírico ou de mecanicismo materialista ou idealista com a consequente revalorização do que se convencionou chamar humanidades ou estudos humanísticos; quarto, esta síntese não visa uma ciência unificada nem sequer uma teoria geral, mas tão-só um conjunto de galerias temáticas onde convergem linhas de água que até agora concebemos como objectos teóricos estanques; quinto, à medida que se der esta síntese, a distinção hierárquica entre conhecimento científico e conhecimento vulgar tenderá a desaparecer e a prática será o fazer e o dizer da filosofia da prática.

O paradigma dominante

O modelo de racionalidade que preside à ciência moderna constituiu-se a partir da revolução científica do século XVI e foi desenvolvido nos séculos seguintes basicamente no domínio das ciências naturais. Ainda que com alguns prenúncios no século XVIII, é só no século XIX que este modelo de racionalidade se estende às ciências sociais emergentes. A partir de então pode falar-se de um modelo global de racionalidade científica que admite variedade interna mas que se distingue e defende, por via das fronteiras ostensivas e ostensivamente policiadas, de duas formas de conhecimento não científico (e, portanto, irracional) potencialmente perturbadoras e intrusas: o senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos (em que se incluíram, entre outros, os estudos históricos, filológicos, jurídicos, literários, filosóficos e teológicos).

Sendo um modelo global, a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o carácter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas. É esta a sua característica fundamental e a que melhor simboliza a ruptura do novo paradigma científico com os que o precedem. Está consubstanciada, com crecente definição, na teoria heliocêntrica do movimento dos planetas de Copérnico, nas leis de Kepler sobre as órbitras dos planetas, nas leis de Galileu sobre a queda dos corpos, na grande síntese da ordem cósmica de Newton e finalmente na consciência filosófica que lhe conferem Bacon e sobretudo Descartes. Esta preocupação em testemunhar uma ruptura fundante que possibilita uma e só uma forma de conhecimento verdadeiro está bem patente na atitude mental dos protagonistas, no seu espanto perante as próprias descobertas e a extrema e ao mesmo tempo serena arrogância com que se medem com os seus contemporâneos. Para citar apenas dois exemplos, Kepler escreve no seu livro sobre a *Harmonia do Mundo* publicado em 1619, a propósito das harmonias naturais que descobrira nos movimentos celestiais: «Perdoai-me mas estou feliz; se vos zangardes eu perseverarei; (...) O meu livro pode esperar muitos séculos pelo seu leitor. Mas mesmo Deus teve de esperar seis mil anos por aqueles que pudessem contemplar o seu trabalho.» Por outro lado, Descartes, nessa maravilhosa autobiografia espiritual que é o *Discurso do Método* e a que voltarei mais tarde, diz, referindo-se ao método por si encontrado: «Porque já colhi dele tais frutos que embora no juízo que faço de mim próprio procure sempre inclinar-me mais para o lado da desconfiança do que para o da presunção, e embora, olhando com olhar de filósofo as diversas acções e empreendimentos de todos os homens, não haja quase nenhuma que não me pareça vã e inútil, não deixo de receber uma extrema satisfação com o progresso que julgo ter feito em busca da verdade e de conceber tais esperanças para o futuro que, se entre as ocupações dos homens, puramente homens, alguma há que seja solidamente boa e importante, ouso crer que é aquela que escolhi.»

Para compreender esta confiança epistemológica é necessário descrever, ainda que sucintamente, os principais traços do novo paradigma científico. Cientes de que o que os separa do saber aristotélico e medieval ainda dominante não é apenas nem tanto uma melhor observação dos factos como sobretudo uma nova visão do mundo e da vida, os protagonistas do novo paradigma conduzem uma luta apaixonada contra todas as formas de dogmatismo e de autoridade. O caso de Galileu é particularmente exemplar, e é ainda Descartes que afirma: «Eu não podia escolher ninguém cujas opiniões me parecessem dever ser preferidas às dos outros, e encontrava-me como que obrigado a procurar conduzir-me a mim próprio.» Esta nova visão do mundo e da vida reconduz-se a duas distinções fundamentais, entre conhecimento científico e conhecimento de senso comum, por um lado, e entre natureza e pessoa humana, por outro. Ao contrário da ciência aristotélica, a ciência moderna desconfia sistematicamente das evidências da nossa experiência imediata. Tais evidências, que estão na base do conhecimento vulgar, são ilusórias. Como bem salienta Einstein no prefácio ao *Diálogo sobre os Grandes Sistemas do Mundo*, Galileu esforça-se denodadamente por demonstrar que a hipótese dos movimentos de rotação e de translação da terra não é refutada pelo facto de não observarmos quaisquer efeitos mecânicos desses movimentos, ou seja, pelo facto de a terra nos parecer parada e quieta. Por outro lado, é total a separação entre a natureza e o ser humano. A natureza é tão-só extensão e movimento; é passiva, eterna e reversível, mecanismo cujos elementos se podem desmontar e depois relacionar sob a forma de leis; não tem qualquer outra qualidade ou dignidade que nos impeça de desvendar os seus mistérios, desvendamento que não é contemplativo, mas antes activo, já que visa conhecer a natureza para a dominar e controlar. Como diz Bacon, a ciência fará da pessoa humana «o senhor e o possuidor da natureza».

Com base nestes pressupostos o conhecimento científico avança pela observação descomprometida e livre, sistemática e tanto quanto possível rigorosa dos fenómenos naturais. O *Novum Organum* põe a incerteza da razão entregue a si mesma à certeza da experiência ordenada. Ao contrário do que pensa Bacon, a experiência não dispensa a teoria prévia, o pensamento dedutivo ou mesmo a especulação, mas força qualquer deles a não dispensarem, enquanto instância de confirmação última, a observação dos factos. Galileu só refuta as deduções de Aristóteles na medida em que as acha insustentáveis e é ainda Einstein quem nos chama a atenção para o facto de os métodos experimentais de Galileu serem tão imperfeitos que só por via de especulações ousadas poderia preencher as lacunas entre os dados empíricos (basta recordar que não havia medições de tempo inferiores ao segundo). Descartes, por seu turno, vai inequivocamente das ideias para as coisas e não das coisas para as ideias e estabelece a prioridade da metafísica enquanto fundamento último da ciência.

As ideias que presidem à observação e à experimentação são as ideias claras e simples a partir das quais se pode ascender a um conhecimento mais profundo e rigoroso da natureza. Essas ideias são as ideias matemáticas. A matemática fornece à ciência moderna, não só o instrumento privilegiado de análise, como também a lógica da investigação, como ainda o modelo de representação da própria estrutura da matéria. Para Galileu, o livro da natureza está inscrito em caracteres geométricos e Einstein não pensa de modo diferente. Deste lugar central da matemática na ciência moderna derivam duas consequências principais. Em primeiro lugar, conhecer significa quantificar. O rigor científico afere-se pelo rigor das medições. As qualidades intrínsecas do objecto são, por assim dizer, desqualificadas e em seu lugar passam a imperar as quantidades em que eventualmente se podem traduzir. O que não é quantificável é cientificamente irrelevante. Em segundo lugar, o método científico assenta na redução da complexidade. O mundo é complicado e a mente humana não o pode compreender completamente. Conhecer significa dividir e classificar para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou. Já em Descartes uma das regras do *Método* consiste precisamente em «dividir cada uma das dificuldades... em tantas parcelas quanto for possível e requerido para melhor as resolver». A divisão primordial é a que distingue entre «condições iniciais» e «leis da natureza».

Boaventura Sousa Santos
Um discurso sobre as ciências
ed. Afrontamento

A história da família Steiermann

"A Justiça", de Friedrich Dürrenmatt, é um dos livros mais interessantes saídos neste Verão. Obra de filósofo e de sátiro, retrato de uma Suíça em suas virtudes e aberrações, crítica de costumes, tudo isto é o romance, mais um *policial*. Uma série de crimes aparentemente absurdos vai funcionar como *revelador* de um universo de poderes convencionais e dos itinerários perversos de um punhado de protagonistas. Aqui fica, extraído do livro, um excerto que intitulámos "A história da família Steiermann".

FALEMOS do meu trabalho na Biblioteca Central. Porque não contar a história da família Steiermann? Acabo de receber mais um postal de Kohler. O último data de há um mês. Continua, portanto, a brincar ao rato e ao gato. A sua próxima etapa, a seguir ao Havai, será o Japão. As Samoa ficaram para segundas núpcias. Viaja num paquete de luxo. Aqui, compareci frente à Comissão de Fiscalização. O seu presidente, o professor Eugen Leuppinger, é um famoso especialista em Código Penal. É totalmente calvo e com um rosto poeticamente marcado por cicatrizes. Recebeu-me no seu gabinete na presença do vice-presidente, Stoss, um indivíduo desportivo, dinâmico e entusiasta, jovial, mas sério em todos os aspectos. Estes senhores mostraram-se de uma extrema humanidade. A minha expulsão era, sem dúvida, inevitável e seria exigida pelo magistrado competente, constituindo uma atitude mais inteligente antecipar-se-lhe. No entanto, lamentaram, assumiram um ar paternal e desolado, denotaram uma total compreensão e simpatia e não me dirigiram a menor crítica. Todavia, de homem para homem, eu deveria meter a mão na consciência e admitir que um jurista se encontra revestido de uma capa oficial e se vê obrigado a adaptar o seu modo de vida ao ambiente em que exerce a sua profissão. Quanto mais duvidoso é o meio mais a sua conduta deve ser irrepreensível. Eu não estava de acordo? E, no fim de contas, o Mundo é uma porcaria, sobretudo a nossa querida cidade. Ah, se lhe pudéssemos escapar! Ele, Leuppinger, fecharia de boa vontade a loja no que lhe dizia respeito e partiria para o Sul. Contudo, não era isso o essencial. As prostitutas são, obviamente, seres humanos e mesmo criaturas de valor, entes infelizes, pessoalmente — não hesitava em reconhecê-lo na minha presença e na presença do seu colega Stoss —, devia-lhes muito: o calor, a simpatia, a compreensão. A lei podia, obviamente, estender os seus benefícios mesmo aos bordéis (utilizando a palavra na sua má acepção), mas estes benefícios não deviam ser encorajamentos. Na qualidade de jurista, eu devia compreender que determinados conselhos, precisamente por serem inatacáveis do ponto de vista legal, tinham efeitos destrutivos. Era uma catástrofe colocar certos meios de acção jurídica ao dispor de determinados ambientes. A Polícia estava, na realidade, desesperada. A Ordem dos Advogados não fazia exigências, abstraía-se de todo o terrorismo moral e dava provas de um extraordinário liberalismo. Contudo, os estatutos, mesmo quando não escritos, detêm o seu teor de estatutos. Quando Stoss se viu forçado a ausentar-se por momentos, Leuppinger, um velho resmungão e um farrista de monta, perguntou-me se lhe poderia dar um determinado número de telefone, a fim de poder travar conhecimento mais íntimo com uma certa pessoa de medidas fantásticas (Giselle). Viu-se, em seguida, forçado a sair e, por seu turno, Stoss, o antigo desportista, fez-me um pedido idêntico. Quinze dias depois, foi-me retirada a permissão de exercer.

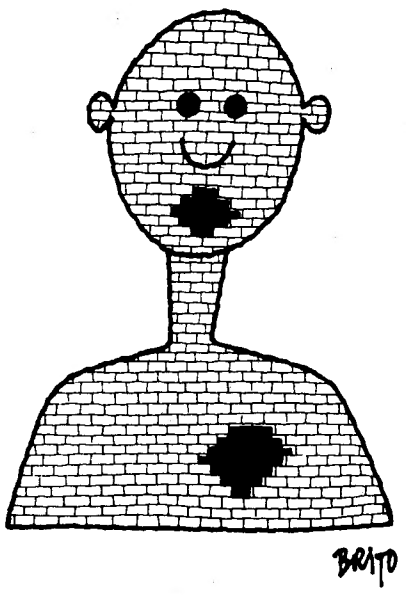
E é esta a situação. Não tenho um tostão e passo o tempo, ora nos bares onde não vendem bebidas alcoólicas, ora no Mónaco-Bar, dependendo da caridade de Gisselle ou de Lucky. E disponho de tempo, de uma enorme quantidade de tempo: o pior que me pode acontecer. Mas, dadas as condições, porque não escrever a crónica familiar dos Steiermann? Acabei por fazer residência na Biblioteca Central e tomaram, obviamente, medidas enérgicas ao verem que me apresentava com a minha garrafa de gim. «Porque não ir até ao fundo das coisas com a mais arguta minúcia?», interrogava-me. «Porque não denunciar as segundas intenções? O que seriam, aliás, os Steiermann se os privassem das suas segundas intenções, da sua própria história e histórias de família?»

O nome pode levar as falsas deduções; à semelhança de muitos industriais, os primeiros Steiermann são naturais do Norte. A sua chegada ao nosso país remonta, no entanto, já a 1191, data em que um duque da Alemanha do Sul concebeu o malicioso plano de fundar a nossa presente capital federal. Este projecto foi, como se sabe, coroado de êxito. Os Steiermann são, por conseguinte, suíços de origem primordial. O primeiro da árvore genealógica, Jakobus Steiermann, fazia parte desses malfeitores que, enquadrados num misto de classe e estilos, viviam de pilhagem e se abrigavam no rochedo que domina as águas verdes do rio (nessa época, estávamos separados por quatro dias de marcha a pé). Este criminoso tinha fugido da Alsácia, salvando a cabeça da acha do carrasco de Estrasburgo. De início, alistou-se como soldado de infantaria no seu país. Optou, em seguida, pela profissão de armeiro. Tratava-se de um selvagem, um celerado irrecuperável.

Durante longos séculos, a história dos Steiermann apresenta-se estritamente ligada à história sangrenta da nossa cidade. Na qualidade de armeiros, fabricaram as alabardas que permitiram aos autóctones infligir as derrotas de Laupen e de Sankt-Jakob aos inimigos. O modelo-padrão centra-se na figura de Adrian Steiermann (1212-1255). Todos os bispos do Sul da Alemanha detinham o privilégio escrito de aplicar a tortura e a pena de morte. Este privilégio encontrava-se nas mãos da família, que fez uma ascensão muito rápida. A forja da Kesslergasse desfrutava de uma crescente reputação. O filho de Adrian, Berthol Steiermann Primeiro (o Berthold Schwarz da lenda?), dedicou-se a fabricar armas de fogo. O bisneto de Berthold, Jakobus Terceiro (1470-1517), tornou-se ainda mais célebre. Construiu peças de artilharia tão famosas como *Os Quatro Evangelhos, O Grande Livro de Salmos e O Diabo Amarelo*. Manteve, assim, a tradição, mas o seu filho, Berthold Quarto, interrompeu-a bruscamente; deixou de fundir canhões; contentava-se em fabricar charruas, dada a sua qualidade de anabaptista. O seu próprio filho, Jakobus Quarto, reacendeu, no entanto, a chama. Deve-se-lhe a primeira granada, que na verdade o destruiu a ele e ao seu canhão no momento do disparo.

Esta a justificação para a história das origens. Não peca por insignificância nem um mínimo de honra. Conheceu igualmente o êxito a nível político: da história da família consta um presidente da Câmara, dois tesoureiros e um bailio. Durante os séculos seguintes, o fabrico de armas transformou-se, progressivamente, numa verdadeira empresa industrial. A história da família complica-se e os motivos começam a obscurecer-se, os fios enredam-se de uma forma imperceptível; o negócio avoluma-se e ramifica-se, adquire proporções internacionais. O que se perde em colorido ganha-se em organização; sobretudo a partir da primeira metade do século XIX, quando um dos longínquos descendentes da família Steiermann vem instalar-se no Leste do nosso país. Este Heinrich Steiermann (1799-1877) pode ser considerado como o fundador da Trög, fabrico de armas e ferramentas para máquinas. A empresa floresce sob o reinado do seu primeiro neto, James (1869-1909); e sobretudo do segundo, Gabriel (1871-1949). Contudo, a Trög torna-se, além disso, uma sociedade anónima de «obras industriais de beneficências»: em 1891, James Steiermann, aos vinte e dois anos, travara conhecimento com a enfermeira inglesa Florence Nightingale, que tinha nessa altura setenta e um anos. Sob a sua influência, procedeu à transformação da fábrica de construção de armas em «obras industriais de beneficência» e especializou-se nas próteses. O seu irmão Gabriel intensificou esta actividade, fabricando as únicas próteses imagináveis na época: braços, mãos, pés, pernas artificiais. Actualmente a empresa colocou também no mercado endopróteses (ancas ou articulações artificiais) e próteses extracorporais (rins e pulmões artificiais). Afirmo, sem exageros, que se infiltrou no mercado mundial. Dois dos seus trunfos residem na qualidade e perseverança no trabalho. Explora, no entanto, resoluta e principalmente a situação: readquire, sem qualquer escrúpulo, todas as fábricas estrangeiras (na sua maioria pequenas empresas). A nova geração tomou consciência das possibilidades que a neutralidade do nosso Estado oferece ao fabricante de próteses: pode fornecer em simultâneo os vencedores e os vencidos das duas guerras mundiais e, actualmente, não só as tropas governamentais como os guerrilheiros e os rebeldes. O seu lema: «Steiermann para as vítimas.» Na realidade, sob a actual direcção, a de Lüdewitz, a produção da empresa assemelha-se ao que era noutros tempos. O conceito de prótese é vasto: para se defender de qualquer ataque, o homem levanta involuntariamente a mão. O escudo constitui, assim, uma prótese da mão. Também a pedra que se atirava pode ser considerada uma prótese do punho cerrado. Uma vez entendida esta dialéctica, a produção de armas que as «obras industriais de beneficência» hoje em dia retomaram insere-se automaticamente no conceito de «prótese»: os blindados, as metralhadoras, os canhões podem ser vistos sob uma perspectiva de extensão de prótese da mão.

Vê-se que esta família conhece o segredo do êxito. Todos os homens, sem



excepção, foram indivíduos simples, directos e rudes; maridos fiéis, moiros de trabalho, com frequente tendência à avareza. A nível espiritual, todos lhe denotaram o máximo desprezo. Tudo o que conseguiram adquirir no âmbito da pintura reduz-se a uma versão muito fraca da *Ilha dos Mortos*. No campo do desporto, apoiam meramente o futebol (aliás de uma forma moderada: a equipa de futebol Trög ocupa os últimos lugares da tabela da primeira divisão).

As mulheres, no entanto, revelaram uma outra fibra. Ou grandes beatas ou grandes putas; de qualquer maneira, tocando os opostos. As putas eram, além disso, habitualmente feias: maçãs salientes, narizes compridos, lábios retraídos. As beatas, contrariamente, resplandeciam de beleza. Quanto a Monika Steiermann, que viria inesperadamente a representar um papel duplo e principal no caso Kohler, tinha uma aparência de beata e vivia como a pior das putas. Em 1920, o seu pai, Gabriel Steiermann, desposou Stefanie Lüdewitz. Ambos morreram num acidente de avião, num voo com destino a Londres; mais precisamente, desapareceram, na medida em que nunca se encontrou o avião particular nem os seus ocupantes. Quanto a Fritz, o irmão de Monika, teve igualmente um fim trágico, na Côte d'Azur, ao mergulhar para nunca mais voltar à superfície. A irmã, nascida em 1930, herdou a fortuna mais importante do país, enquanto o seu tio materno continuou a dedicar-se ao fabrico das próteses. A fábrica levantava, indubitavelmente, menos problemas do que Monika. Corriam as mais incríveis histórias sobre esta jovem. À força de se repetirem, os boatos mais ridículos transformavam-se praticamente em certezas. Depois perdiam a força, até que um desmentido (sempre do tio Lüdewitz) lhes dava uma nova confirmação. Em seguida, um outro escândalo, superior ao último, asfixiava o passado e o jogo reiniciava-se. Esta herdeira multimilionária e isenta de moral suscitava a crítica, a que se aliava um misto de secreto orgulho. Era invejada («pode dar-se ao luxo de fazer o que quiser»), mas a inveja unia-se a um reconhecimento, pois todos recebiam a sua fatia do bolo.

Monika Steiermann tornou-se oficialmente a «mulher fatal de nível mundial» numa cidade que bem precisava disso: as nossas autoridades, a nossa Igreja, as nossas instituições de caridade tentam, desesperada e inutilmente, salvar a nossa reputação, mas por outro lado os nossos machos prostitutos põem tudo em causa. São eles e não as mulheres prostitutas que, juntamente com os nossos bancos, caracterizam a cidade aos olhos dos estrangeiros. Começava, assim, a respirar-se: ao abalar a rotina dos nossos vícios, Monika Steiermann abalava um pouco a nossa dupla reputação de snobes e homossexuais. A jovem foi adquirindo uma popularidade cada vez maior, sobretudo a partir do momento em que o presidente da câmara começou a citá-la nos seus famosos discursos e hexâmetros (ele improvisa, à última hora, em todas as cerimónias oficiais; a entrega de um prémio literário inspira-o tanto como o jubileu de um banco privado).

O meu receio de encontrar Monika Steiermann pela segunda vez devia-se a um motivo concreto. Conhecera-a em casa de Mock, na época em que eu ainda trabalhava com Stüssi-Leupin. O seu *atelier*, localizado próximo da Schaffhauserplatz, estava superaquecido durante o Inverno. O forno era uma brasa; a atmosfera, saturada de fumo (de cachimbo, charuto, cigarro), constituía um verdadeiro veneno. No meio de uma desordem indescritível, avistava-se uma imensidade de bustos inacabados cobertos com toalhas húmidas, anúncios de livros e de revistas, cartas por abrir, vinho, uísque, esboços, fotografias, carne seca.

Eu viera observar a estátua que Mock fizera de Monika Steiermann. Ao informar-me de que tencionava pintar a sua obra, Mock despertara-me a curiosidade. No meio do *atelier* e desta espantosa desordem, o objecto parecia-me de uma naturalidade assustadora, mas a que não faltava verdade e tamanho natural. Mock explicou-me que se tratava de gesso pintado de uma cor a imitar a carne. Apresentava-se completamente nua e numa pose que afasta qualquer equívoco. Observei-a demoradamente, e estupefacto que Mock pudesse ter sido capaz de executar tal coisa. Eu sabia-o um mestre na sugestão. Com alguns golpes de cinzel conseguia fazer aparecer o que lhe apetecia nos seus blocos, por vezes gigantescos. Trabalhava, nessa altura, ao ar livre. Surgia um olho, uma boca, por vezes um seio, um sexo de mulher. Não necessitava de esculpir o resto. A imaginação do espectador funcionava com base nestes índices, criando a cabeça de um ciclope, um animal ou uma mulher. Mesmo quando esculpia formas concretas, mantinha-se fiel ao estritamente necessário. Costumava afirmar que se deve modelar como se esboça.

O que tinha agora diante dos olhos surpreendia-me ainda mais devido a este conhecimento. O gesso parecia respirar, sobretudo na medida em que a cor era magistral. Afastei-me e voltei a aproximar-me. A fim de proporcionar uma ilusão perfeita, tivera de se servir de cabelos verdadeiros (tanto para a parte superior como para a inferior) — a estátua emitia uma sensação de vida. O gesso resplandecia admiravelmente. De súbito, ela mexeu-se. Desceu do pedestal e, sem me conceder um mero olhar, dirigiu-se ao fundo do *atelier*, procurou e encontrou uma garrafa de uísque meio vazia e bebeu. Mock havia mentido. Não se tratava de gesso, mas de Monika Steiermann em carne e osso.

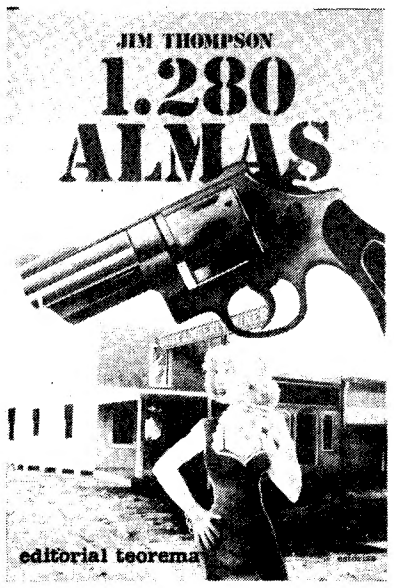
— É o quarto que cai na esparrela — comentou Mock. — É deles todos o que fez a expressão mais imbecil. Ignora tudo a respeito da arte.

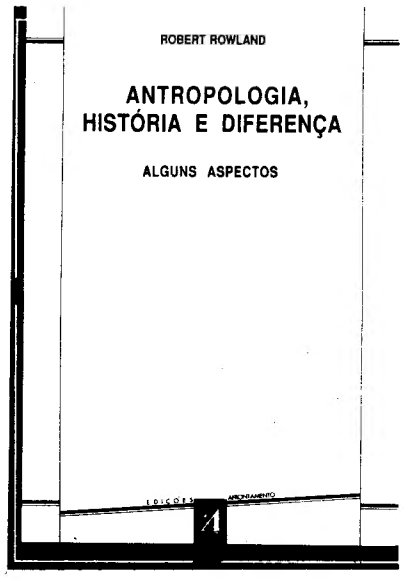
Saí do *atelier*. A estátua de gesso, que se encontrava no outro extremo do *atelier*, foi levada, alguns dias depois, por um emissário do barão de Lüdewitz, o tio e director da Trög, SA, as «Obras Industriais de Beneficência».

Friedrich Dürrenmatt

A Justiça, ed. Relógio de'Água

Acabados de chegar





■ **Tão longe de sítio nenhum, Ursula Le Guin, ed. Fragmentos**

Ursula Le Guin, sobretudo conhecida entre nós como autora de ficção científica, conta, aqui, a história do encontro de dois adolescentes. É um curto texto lírico, que mostra um novo rosto da autora, e que surpreenderá quem a conhece.

■ **O que é que vai ser do rapaz? Heinrich Boll, ed. Difel**

É a conquista do poder por Hitler, nos anos cruciais de 1933 a 1937, contada num texto que assume um carácter autobiográfico. Nobel da Literatura em 1972, Boll, que faleceu em 1985, tem várias obras traduzidas em português; delas, a mais conhecida é porventura **Retrato de Grupo com Senhora.** Aqui, Boll conta-nos o que foi, para um rapaz acabado de sair da adolescência, o impacto da subida do nazismo na Alemanha. A tradução, óptima, é de Adélia Silva Melo.

■ **Antropologia, história e diferença, alguns aspectos, Robert Rowland, ed. Afrontamento**

Brasileiro, nascido em S. Paulo em 1945, Rowland é actualmente titular de uma cadeira de História Social Europeia no Instituto Universitário de Florença, Itália, depois de ter sido catedrático convidado no ISCTE de Lisboa. É, ainda, investigador do Instituto Gulbenkian de Ciências. O presente livro foi escrito em 1981 e destinava-se originalmente aos alunos do ISCTE, funcionando como texto de apoio para o seminário do autor sobre Antropologia Histórica. É uma reflexão centrada no **etnocentrismo.**

■ **1 280 almas, Jim Thompson, ed. Teorema**

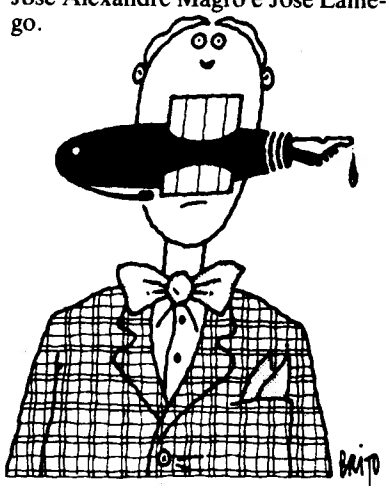
Vinte e nove romances, alguns dos quais passados para cinema («Um roubo no Hipódromo» e «Paths of Glory») e numerosos contos em revistas de policiais, quase toda a obra traduzida para francês e publicada na **Série Noire** da Gallimard... E no entanto Jim Thompson é quase desconhecido em Portugal, onde apenas estava traduzido, até agora, «Violência e uma cabana». **1 280 almas** é um romance de 1964, e está entre aqueles que levaram alguns dos seus críticos a considerar Thompson superior a Hammet e a Chandler. Nick Kimberley diz, acerca do universo aqui trabalhado: «Este é um mundo sem Deus, povoado por pessoas para quem o homicídio não é mais do que um pequeno biscate ocasional.»

■ **Memórias de uma menina bem-comportada, Simone de Beauvoir, ed. Bertrand**

O «Mémoires d'une fille rangée» é, com «Le deuxiéme sexe», o núcleo escrito que transformou Simone de Beauvoir na grande escritora e intelectual do pós-guerra francês. Trata-se, agora, de uma quarta edição da obra.

■ **Risco, n.º 6, Verão 1987, ed. Fragmentos**

A «Risco», dirigida por João Carlos Espada, passou a ser propriedade da nova editora **Fragmentos.** Colaboram neste número José Guilherme Merquior, Joaquim Aguiar, Eduardo Prado Coelho, Nelson Lourenço, João Carlos Espada, Ruth Rosengarten, José Bragança de Miranda, José Alexandre Magro e José Lamego.



Lapso

Um lamentável lapso técnico impediu, na semana passada, a inserção, nesta página, das notícias relativas a livros cuja capa se publicava. Estão neste caso as notas relativas a «Casa de Correcção», de Urbano Tavares Rodrigues, e a «MI5», de Nigel West. Aqui ficam elas, juntamente com as referência a «Ave do Arremedo», de Walter Tevis, e a «Sayonara», de James A. Michener, que também «saltaram» da edição do Ler/Escrever de 6 de Agosto.

■ **MI5, operações dos Serviços Secretos Britânicos entre 1909 e 1945, Nigel West, Ed. Europa-América, Col. Ventos de Guerra**

É um dos grandes livros deste Verão, em matéria de contra-espionagem. West tem sido comparado a Le Carré e a Graham Greene, quer pela sua capacidade de contador quer pela multidão de informações verdadeiras de que o seu texto se alimenta. Muitas das operações do MI5 entre 1909 e 1945 são narradas pela primeira vez. Um fruto sumarento, para quem não perdeu o gosto pelo desvendamento das histórias secretas da contra-informação de Estado.

■ **Casa de Correcção, Urbano Tavares Rodrigues, Ed. Europa-América, Col. Século XX**

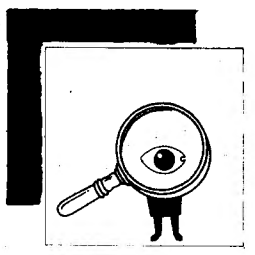
«Viagem no interior do horrível quotidiano português, inundado de luz exterior e sepultado em doçuras piores que todos os suplícios», diz Eduardo Lourenço sobre esssta **Casa de Correcção**, novelas, que a Europa-América agora publica em terceira edição. Álvaro Salema tinha dito do texto que ele é «a expressão de uma das mais poderosas personalidades da nossa história literária deste século». Urbano Tavares Rodrigues, a sua vasta obra, o seu infatigável fresco sobre a sociedade, os hábitos, os mitos, o quotidiano português, é um grande autor excessivo, pela quantidade e pela variedade de ficções que produziu e produz. Os portugueses voltarão frequentemente a ele, redescobrindo-o como intérprete das suas vivências mais decisivas, também mais anódinas.

■ **Ave do Arremedo, Walter Tevis, Caminho de Bolso, ficção científica**

É a primeira obra de Tevis traduzida em português. Ele é o autor de textos que deram filmes como «A Vida é um Jogo» («The Hustler») e «A Cor do Dinheiro» («The Color of Money»), entre outros. A **Caminho** comprou os direitos de mais Tevis e tenciona publicá-los, a seguir a este «A Ave do Arremedo», na mesma colecção.

■ **Sayonara, James A. Michener, Ed. Europa-América, Col. Livros de Bolso**

Licença no Japão, encontro com a noiva... o major era um homem de sorte. Mas o major trava conhecimento com cabos sarilhentos, casados com japonesas, que correm o risco de não poderem voltar aos States. E ainda por cima descobre Hana-Ogi. Depois, tudo tinha, necessariamente, de ser diferente.



O jogo das coisas

As coisas da imagem

SOMOS feitos de um borrão. Imagem disforme. Que cresce. Na confusão da água. Que se confunde com a agitação dos mares. Que se regista. Na memória recém-«nascida». O mar envolvente é escuro. É vermelho. É sereno. Confortavelmente preparado. Para a aprendizagem das imagens. Para o início das viagens. Por enquanto, a descoberta, no descanso. Que cresce. As imagens sucedem-se em carrossel. Ora de cima para baixo, ora de baixo para cima, numa anarquia de posições que nos dão vagos sentimentos de liberdade. E a liberdade só é atingida quando nascemos, quando nos cortam o cordão umbilical e abrimos timidamente os olhos. Surge-nos a geografia da grande imagem. Explêndida.

Eis a luz.
Inicia-se a pesquisa, relacionando as imagens com outras, formando um jogo labiríntico, em busca da conclusão do «puzzle». A primeira expressão é gestual. Imensa de verdade. Na reflexão sistemática sobre as imagens, aprende-se o sentido ideológico da mensagem. Temos, assim, a primeira noção de imagem. E o perigo nasce: as imagens são correntes transmissoras e, ao mesmo tempo, alvos de outras imagens. Nascem as imagens rituais dos sonhadores. Medita-se sobre as imagens e iludimos a ilusão. Porque entendemos

as cores.
O homem utiliza as cores — ilusão de imagens — e fabrica as suas mensagens num sucedâneo de imagens que são a imagem perfeita da revolta que lhe vem de dentro. E o amor? Não será o amor um estado de revolta permanente, de sobressalto e de irrequietude que transforma a imagem vulgar do quotidiano numa bela combinação de imagens, expressões, atitudes e resoluções? Esta meditação sobre a imagem oferece-nos outras, novas, exóticas, espectaculares imagens, pelo simples facto de que a introspecção leva-nos à viagem da imaginação, superlotada de imagens, imagens enlouquecidas, pululantes, soltas — imagens reais que nos vão conceder a segunda noção de imagem: é infinita

nas formas.
E se as formas entram em caos, atingimos a organização perfeita das imagens. Altera-se o estilo. Cria-se o movimento. Muda-se o sentido. Mexe-se com a história. Porque de filosofia se trata. E na dinâmica há inovação do percurso. Porque se enfrenta o desconhecido — guardador de outras imagens, imagens cúmplices, cúmplices no desejo — na busca imparável da perfeição que faz do mundo das imagens um universo

de revolta.
O tempo é feito de imagens. Depois da morte, a imagem fica. E representa. Uma estátua móvel na lembrança. A imagem é formosa, porque iluminada, iluminando outras imagens, é sempre símbolo que se faz entender na memória. É um vulto. Uma figura. Ou ideia. A imagem pode ser metafórica, aí magnífica no robusto corpo da imaginação. É soberana. É enorme. Impressionante. A imagem é sempre uma fábrica de prisioneiros de imagens. Das coisas. Dos dias. E só o gesto libertário nos leva ao prazer da

contemplação.

Luís Filipe Sarmento

Gelados e cogumelos numa janela germânica

O despique da emoção
não dorme. bebe. não se
bebe.

Quero que a tua pele não seja
senão pele.
tão áspera como a certeza do seu
fim.
quero que os teus olhos não
existam para
além destes meus lábios que
gesticulam o caricato
de uma guerra atemporal.
quero ainda que as palavras sejam
a etiqueta mal aprendida
na vida dos sorrisos.

Essa vida que ultrapassa a
contagem das memórias.
a compreensão é muito mais que
a saúde do gesto
de álcool, inconsequentemente
repetido, morte fora...

por que ideais mortos se apaga o
coração para sempre?

é pensar que Bertolt Brecht não
devia ser alemão

ou que
as tradicionais traduções o
tornaram legível.
é lembrar que Rainer W.
Fassbinder é o mar que
sempre vejo nele.

escapa-me a distância mínima
entre o mar e a neve.

(cee jamais será.)

Isabel Rodrigues